

Agropecuária

Nº 137 - Ano 2004
ISSN 0101-1758

tropical

www.agropecuariatropical.com.br

10

destaques
do GUZERÁ
atual



● O bom começo levou ao Guzerá
● O meio-ambiente leva ao Guzerá
● Depois dos tropeços, sempre se chega ao Guzerá
● Voltando à Índia: Uma visão guzeratista e tropicalista

Editorial
Sanidade animal:
Ou vai ou racha

SAMVET EMBRIÕES

Reproduzindo o melhor do Guzerá para você



- Tradição de 20 anos com manejo reprodutivo
- 14 anos de Transferência de Embriões.
- Colheita de embriões.
- Transferência de embriões a fresco
- Congelamento e descongelamento
- Receptoras e embriões disponíveis.
- Equipe técnica:
José Renato Chiari
Júlio César Marquizezi
Daniela G. B. Demétrio

**O melhor
da genética RF está aqui!
Produtos • Prenhez**

SAMVET EMBRIÕES

Morrinhos - GO
Fazenda São Caetano
Caixa Postal: 41 CEP: 75650-000
Fone: (64) 413-3533 / 9983-1381

Descalvado - SP
Fazenda Jacaúna
Caixa Postal: 121 CEP: 13690-970
Fone: (19) 3594-9406

Sanidade animal:

Ou vai ou racha

Jamais o ser humano viveria as vantagens do progresso moderno se não tivesse, lá atrás, domesticado os animais para providenciar uma fácil alimentação. A domesticação e a criação com fins industrialistas levou à multiplicação dos rebanhos. Hoje, boa parte das safras é destinada à alimentação dos animais.

A aglomeração de milhões de animais num sistema altamente lucrativo levou à invenção de alimentos artificialmente elaborados que garantem uma engorda mais rápida. Bom para os bolsos das indústrias e pecuaristas, mas não necessariamente para os animais e para a Natureza que, quando abusada, resolve colocar alguns freios, os quais surgem em forma de doenças e epidemias.

Nos últimos anos, os países do Primeiro Mundo enfrentaram as vicissitudes de manterem criações confinadas em regime anti-natural. Tiveram que liquidar milhões de ovinos e bovinos, em prazo curtíssimo e, ao mesmo tempo, descobriram que produzir carne nos países do Terceiro Mundo poderia ser muito menos espezinhante e até mais lucrativo. E, então, o Brasil foi redescoberto, dessa vez, pela sua pecuária bafejada pelo sol constante, o qual inibe muitas doenças.

O Brasil disparou na frente, pois - além de já contar com o maior rebanho comercial do mundo - ainda pode se dar ao luxo de multiplicá-lo várias vezes. Resta saber quando o inimigo mortal - que afligiu os europeus e, agora, aflige os Estados Unidos e o Canadá - irá chegar ao Brasil. Barba de molho não faz mal a ninguém. Até porque muitos cientistas já afirmavam, há alguns anos, que a vaca-louca iria chegar aos Estados Unidos. E chegou!

Além da questão sanitária há que se considerar também a questão da biopirataria, lembrando que o "bicudo" destruiu os algodões brasileiros e foi devidamente inoculado por "cientistas" que vieram analisar as plantações no Nordeste do Brasil. O mesmo já aconteceu com a ferrugem nas laranjas e com a peste suína, no passado. Ou seja, é relativamente fácil implantar uma doença num país de dimensões tão vastas como o Brasil.

Assim, os problemas vivenciados por outros países - e as soluções que adotaram - precisam ser aprendidos pelo Brasil. Afinal, a vaca-louca chegou aos Estados Unidos, país detentor de um dos melhores sistemas de defesa sanitária do mundo. O mesmo pode se dizer da gripe das aves na Ásia! Em suma: ninguém está imune diante da calamidade sanitária, quando se tem rebanhos enormes.

O sucesso da agropecuária está diretamente ligado à saúde das populações animais. O mundo quer comprar o boi-de-fotossíntese, o boi ecológico, o boi-verde - exatamente o que se espalha pela imensidão do Brasil, há décadas. A tarefa de fiscalização é bem mais fácil do que em países do Hemisfério Norte, onde o gado precisa ficar confinado por meses seguidos de gelo ou neve, recebendo apenas alimentação artificial.

Certo está o governo Lula ao liberar R\$ 68 milhões para a defesa sanitária em 2004, bem superior aos míseros R\$ 10 milhões de 2003. Essa decisão governamental desafia a indústria veterinária a criar novos serviços e produtos diferenciados, tornando-se efetivamente parte do sucesso da cadeia da produção animal. Com mais recursos, será intensificada a fiscalização dos produtos e, no caso da pecuária, serão incrementados e modernizados os programas de sanidade, como raiva, brucelose e clostridioses, chegando mais perto da erradicação dessas doenças consideradas de Terceiro Mundo.

Afinal, a sanidade tem sido utilizada como barreira às exportações brasileiras. O combate à Aftosa vai bem e os demais trabalhos já vão avançando, permitindo prever que logo o Brasil será, sanitariamente, um país de Primeiro Mundo. Nesse campo, o governo Lula vai acertando e novas vitórias certamente virão. Os pecuaristas estão fazendo sua parte, com sucesso!



Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAÍBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrono do Zebu Nordestino", sequenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL", fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1990

Edição: nº 137 - 2004

DIRETORIA: Rinaldo dos Santos, Denise de Abreu Ribeiro.

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Pesquisas Editoriais: Denise Teixeira de Abreu - Revisor para Zootecnia: Paulo Roberto M. Leite - Tradução: José Antônio dos Santos - Assessoria Administrativa: José Luis de Paula - CPD (Criação): Adolfo Agostinho L. Alves - Denise de Abreu Ribeiro - Financeiro: Dulcinéia Duran de Oliveira - Ilustrações: Toninho (34) 3315-3805 - Distribuição: Rafael Ribeiro

COLABORADORES EDITORIAIS

Eurípedes Oliveira, Jorge Coelho, Huanter Terra do Vale, Manoel Dantas Vilar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José T. Figueiredo, Antônio Ernesto W. de Salvo, Francisco Tealini, Paulo Ernesto A. Menezes, Fernando Cardoso

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

SEDE: UBERABA-MG - Jadir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Rua Eng.º Foz de Kalil Abrahão, 487 - CEP: 38060-010 - Cx. Postal: 606 - Fones: PABX: (34) 3312-9789

Telemarketing - Jadir Bison, Lenice Marisa Cobo Vieira, Solange Vieira Mendes, Daniela Carla M. Genoino.

Fotógrafos de campo autônomos - Sidnei Novais, Marcelo Cordeiro, Luis Alberto Brito Mendez

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

ÁFRICA DO SUL - G. Mackenzie Maia - 23 Redway Glencairn 7995 Cape - Tel: 0217-831186 / 02171929

MÉXICO: 1) Elias Bremauntz - Revista "CRIADOR" - Av. Nevada, 112-13, gol. Portales, México. 03300-D.F. 2) Consuelo Gonzáles Pastrana - 9ª Pte. Sur 986, Tuxtla Gtz - Chiapas - México

PERU: Reinaldo Trinidad Ardiles - Pablo Bermudez, 301, Lima 11 - Fone: 23-5650

COSTA RICA: Roberto Albertazzi Avendano - Idicasa, apto 100, Curridabat, San José - Costa Rica

VENEZUELA: Alvaro Javier Alvarez Rodriguez - Apdo. Postal 17 - Guanare - Venezuela - Fone 057-519009/515819

CONVÊNIO EDITORIAL: El Cebú (Colômbia), Brahman Journal (EUA), Brahman News (Australia), Holstein Friesian Journal (EUA), Desarrollo Agropecuario (Peru), Desarrollo Agropecuario (Costa Rica), Ganagrino (Venezuela), Cebú (México), Criador (México), Godarshan (Índia), Brown Swiss (EUA), Dorper (África do Sul)

Fotolitos: Registro Fotolito Digital Uberaba - MG Fone: (34) 3321-6539
Impressão: Gráfica Brasil, Uberlândia - MG Fone: (34) 3239-5800

AGROPECUÁRIA TROPICAL - Título autorizado para publicação à Editora Agropecuária Tropical Ltda, destinada a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não se autorizamos, com também sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede: UBERABA-MG - Rua Eng.º Foz de Kalil Abrahão, 487 - Caixa Postal: 606 - CEP: 38060-010 - PABX: (34) 3312-9789. E-mail: zebus@terra.com.br / zebus.comercial@terra.com.br Site: www.zebus.com.br
- Reg. Título "ZEBU" - Classe 38.10 - Nº 815133049 e Classe 101 - C.G.C. 25.918.665/0001-00 - Reg. Junta Comercial 3120311380/B - Reg. ISSN 0101-1758 - Reg. Título "AGROPECUÁRIA TROPICAL" - Reg. Título "O BERRÓ" - Reg. Título "GIROLANDO" - Reg. Título "ZEBU"

ÍNDICE



12 - O bom começo levou ao Guzerá

Editorial:

- Ou vai ou racha 4

Conjuntura:

- O Agronegócio é a grande vocação do Brasil 5
- O Brasil da agricultura é diferente do resto 7
- O Brasil é o único país em condições de atender a demanda mundial de carne 9

Questão fundiária:

- O Brasil precisa optar: Qual é a sua Reforma Agrária? 11

Guzerá:

- O meio-ambiente leva ao Guzerá 16
- Depois dos tropeços, sempre se chega ao Guzerá 22
- Uma visão guzeratista e tropicalista 37
- 10 destaques do Guzerá atual 45

Tribuna livre:

- Por favor, não ajudem a agricultura 56
- O mistério do Fome Zero 64

Opinião:

- A estranha Aftosa 59

PATROCINADORES

GOIÁS

- Antônio Carlos Velasco 14
- Sanvet 2ª Capa
- Vanderlan José Álvares 36

MATO GROSSO

- Luis Alfredo Fontes Salles Graça 36

MATO GROSSO DO SUL

- Cláudio Garcia de Souza (Totô) 28

MINAS GERAIS

- Aloysio de Paula Penna 60
- Belgo Bekaert 43
- Clodoaldo Teixeira 19
- Fazenda Taboquinha 15
- Guzerá da VIC 4ª Capa
- Hudson Canabrava 36
- Ione Filgueiras Epifânio 65
- José Transfiguração 3ª Capa

Nutrição:

- Feno e Educação: O fim da fome 62

Boa Leitura:

- Vagabundo? Nem tanto 66

E MAIS...

- Abandono dos transgênicos 20
- Amazônia sem dono 58
- Aquecedor solar inédito 8
- Asbia informa: só 5-7% de inseminação 58
- Balancim fixo revoluciona cercas 60
- Brasil é Titã da Alimentação 36
- Brasil perde 42 milhões de sacas de soja 57
- Carne vermelha é essencial ao homem 10
- Excesso de chumbo em alimentos para bois 44
- Fome é sinônimo de mau escamento 8
- Galinha cubana bota maior ovo do mundo 20
- Jacob é o mais pesado do Brasil 29
- Nação é a vaca mais pesada do Brasil 52
- Pesquisa busca novos usos para as OGMS 6
- Sisbov tem novas regras 29
- Vitória pariu Vitoriosa 52

30 - Sustentabilidade da pecuária de corte



- Leilão Curvelo 51
PARA

- Márcio A.F.V. Diniz 19

PERNAMBUCO

- Carlos Fernando Pontual 65

RIO GRANDE DO NORTE

- Jorian Matias 51
- Kleber de Carvalho Bezerra 60

RIO DE JANEIRO

- Guzerá-JA 61
- Itabajara Potengi 19

SÃO PAULO

- Dante Ramenzoni 21
- Fort Dodge 53
- Roberto Nezlinger 36

O AGRONEGÓCIO É A GRANDE VOCAÇÃO DO BRASIL

"Se o Brasil tivesse seguido a sua verdadeira vocação, elegendo 100 anos atrás a agricultura como uma atividade importante para o país, hoje seria o maior produtor de alimentos do mundo" - é o que diz o economista Nelson Barrizelli, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP (Universidade de São Paulo) e especialista em marketing de varejo. Para Barrizelli, a sociedade brasileira tem preconceito em relação à agricultura. "Nós nunca conseguimos enxergar riqueza na agricultura. As nossas elites, talvez por um complexo de inferioridade, sempre tentaram imitar a Europa ou os EUA, em vez de aproveitar o que havia de melhor no país e buscar um caminho próprio" - afirma. Em entrevista à Agrimídia, o professor expressou as opiniões abaixo alinhadas.

Bússola - "O certo é que a agricultura sempre foi considerada uma área menos nobre da economia. O que sempre foi a indústria. E quanto mais sofisticada a indústria, melhor. Existem países que têm características particulares de geografia, clima e solo que os tornam mais vocacionados para um determinado tipo de atividade econômica do que para outras. O caso do Brasil é típico. Aqui, nós podemos colher até três safras por ano de determinadas culturas. No hemisfério Norte, isto não ocorre. Repetindo: se o Brasil tivesse adotado a agricultura como uma atividade importante para o país e dado ênfase a isto 100 anos

atrás, hoje seria de longe o maior produtor de alimentos do mundo. E teria uma agricultura altamente sofisticada. Mas nossas elites optaram por industrializar o país. Os países desenvolvidos começaram o seu processo de industrialização na primeira metade do século XIX, enquanto o Brasil iniciou esse processo no fim da segunda metade do século XX. Isto representa para nós uma defasagem de 120 anos. Evidentemente que você não tira essa diferença num período curto. Todos nossos esforços na área industrial só conseguiram reduzir essa diferença para 50 anos. Demos prioridade à industrialização e promovemos um esvaziamento no campo, o que gerou uma série de problemas sociais".

O Brasil poderia estar trocando alimentos por computadores ou carros. Em vez disso, decidimos criar uma indústria de informática no Brasil. E ficamos 50 anos atrasados com esse negócio. É evidente que não se trata de fazer ou uma coisa ou outra. Tome-se o

exemplo dos EUA, que conseguiram desenvolver uma agricultura sofisticada, mas também forma-

ram uma indústria altamente desenvolvida e competente. Eles só passaram a ser uma economia de serviços, quando não era mais lógico manter indústrias no território americano. Então eles foram produzir no Sudeste Asiático, na América Latina, onde é mais barato produzir. Nós não fizemos nem uma coisa nem outra.

Questão cultural - Quem planta soja não está muito preocupado com quem vai consumir o grão. Ele simplesmente vende a sua safra a um intermediário qualquer, que por sua vez vai ou não transformar a soja. Na maioria das vezes o produto final que aquela soja vai gerar saiu completamente do controle tanto do produtor quanto do intermediário. Ou seja: o produtor não sabe se a soja que ele colheu virou óleo ou ração. O agricultor só está preocupado em vender a sua safra. Pouco importa a ele o que será feito com a soja. Essa preocupação é do transformador, que é quem vai colocar a soja para o consumidor. Para o produtor, interessa saber se a soja transgênica é ou não mais barata para se plantar, ou se ela permite ou não uma produtividade maior. O que vai acontecer com a soja lá na frente, não preocupa o agricultor".

Este é um problema cultural. Não





é nobre trabalhar com produtos primários. Nenhum pai bate na cabeça do filho quando ele ainda é pequeno e diz: "meu filho vai ser agricultor". Há um preconceito em relação à agricultura. Ela ainda é vista por aqui como coisa de caipira, de Jeca Tatu. Nós nunca conseguimos enxergar riqueza na agricultura. As nossas elites, talvez por um complexo de inferioridade, sempre tentaram imitar a Europa ou os EUA, em vez de aproveitar o que havia de melhor no país e buscar um caminho próprio.

O caminho do acerto - O agronegócio nunca foi levado em consideração. Nós poderíamos ter aproveitado a nossa vocação agrícola, o clima e a geografia privilegiadas, para criar uma indústria capaz de agregar valor ao café, ao frango, ao suco de laranja e vários outros produtos. E também poderíamos ter desenvolvido um marketing forte nessa área, de forma a agregar mais valor ainda. Por exemplo: trabalhar marcas, de forma a não exportar frango congelado como commodity, mas vender uma marca de frango lá fora. O mesmo poderia ter sido feito com o café. E a Colômbia soube fazer isso. O Brasil exporta suco de laranja para ser embalado lá fora. O exemplo mais dramático é o café. A Alemanha, que não planta um só pé de café, é hoje um dos maiores produtores de café industrializado do mundo. É um terrível contra-senso para nós. Apesar de ser o maior produtor do mundo, o Brasil

ainda não conseguiu desenvolver uma marca forte de café para competir lá fora.

Ainda não perdemos o trem da História. No caso do agronegócio, ainda não. A terra está aí, o clima não mudou e nós continuamos a tirar três safras por ano com grande tranquilidade. Terras que eram consideradas imprestáveis, como os Cerrados, depois de corrigidas se mostraram extremamente férteis. O Brasil pode ser extremamente forte em frutas. Nós exportamos hoje cerca de US\$ 300 milhões por ano, enquanto o Chile exporta cerca de US\$ 2 bilhões. O Chile exporta todo esse volume a partir de um pequeno pedaço de seu território, bem menor do que o do Estado de São Paulo. Eles têm uma logística que permite colocar as frutas no mercado internacional no momento certo.

O bom começo - Nos últimos anos, começaram a surgir no Brasil iniciativas de marketing institucional voltadas à promoção de produtos. O pessoal do leite criou a Látexa Brasil, a carne bovina lançou o Serviço de Informação da Carne, o milho formou a Abimilho. São iniciativas válidas, mas há muito ainda a ser feito. Veja o caso do leite. Faz muito tempo que o consumo per capita de leite não cresce no Brasil. E o leite custa muito menos do que um refrigerante. Então, isto não tem a ver com poder aquisitivo, mas sim com hábitos culturais.

O esforço do marketing tem que ser muito mais amplo do que trabalhar simplesmente com propaganda. Vamos pegar o exemplo do milho. Além da propaganda, você deve mostrar às pessoas que tipos de receitas

elas podem fazer com o milho. Promover festivais de comida típica com milho em restaurantes no Brasil inteiro. E a indústria precisa desenvolver produtos semi-acabados para facilitar o trabalho da dona de casa. Um dos produtos na área de conservas que tem um grande apelo para a dona-de-casa é o milho a vapor. Ele representou uma grande evolução na indústria de conservas. Antes, você só tinha o milho em conserva, que era muito duro. Quando se desenvolveu o milho a vapor, aumentou-se tremendamente a venda do produto.

Você tem que desenvolver produtos para que o consumidor realmente os incorpore a seu dia-a-dia. Por quê não misturar milho ao trigo para fazer pão? Ou a mandioca? Isto poderia reduzir a nossa dependência de trigo.

Mas não basta fazer propaganda. A propaganda é um instrumento de marketing que funciona muito bem quando encaixado num conjunto de vários outros instrumentos. Imagina que só a propaganda resolve o problema é uma tremenda distorção. Ninguém vai tomar mais leite porque encheram a cidade com outdoors que dizem "Beba mais leite". O sujeito vai tomar mais leite se tiver uma razão para isto. Porque o leite tem cálcio, vitamina e faz bem para a saúde. Ele tem que aprender o que é possível se fazer com o leite. O último grande sucesso do leite foi o lançamento do produto em caixinha. Foi a contribuição que a Tetra Pak deu para o aumento do consumo de leite. É um produto muito prático, que dura muito mais.

Texto na íntegra:
www.agrimidia.com.br

Panorama

Pesquisa busca novos usos para as OGMs

"Uma nova onda de plantas geneticamente modificadas está a caminho". De acordo com Alexandre Nepomuceno, da Embrapa Soja, esta nova onda deverá encontrar um maior interesse junto ao consumidor final. Neste segmento é que se encontram plantas com maior valor nutricional, por exemplo. Entre as pesquisas, Nepomuceno destaca a do morango com alto índice de vitamina C, e do óleo de soja com as mesmas características do de oliva. Uma coisa que deverá chamar a atenção são as chamadas "vacinas comestíveis", altera-



ções genéticas que deverão garantir a certas plantas contra diarreia infantil e outras doenças. "Ainda podemos colocar dentro desta categoria, fatores que estimulem o crescimento humano, insulina e anticorpos contra o câncer", afirma.

O avanço da pesquisa também irá proporcionar a possibilidade de produção de plástico a partir de plantas – o bioplástico. Uma das vantagens do produto à base de plantas é que ele seria biodegradável. "O custo de produção do bioplástico pela biofermentação ainda é muito alto e a produção ainda é feita em pequena quantidade", diz.

Informações: janaina@cnpso.embrapa.br

O Brasil da agricultura é diferente do resto

De 1990 até agora, a produção agrícola cresceu 6,4% ao ano, em média. A área plantada cresceu 15,9%. A produção mais que dobrou, com aumento de 111,4%. A exportação cresceu tanto que se transformou na salvação do saldo da balança comercial. Em 2003 o saldo acumulado do comércio agrícola chega a US\$ 21,5 bilhões, acima dos US\$ 20,3 bilhões do saldo total do país em suas transações no mercado externo. A agricultura deu lucro e o resto deu prejuízo!

Existem dois Brasis: o da agricultura não parece o mesmo dos demais brasileiros, pois é rico e vitorioso, enquanto que o resto é de crescimento baixo e desemprego em alta.

A explicação para essa vitória toda não está só na desvalorização do real de 1999, que tornou os produtos mais atrativos no exterior. Pode-se dizer que tudo começou bem antes, no Brasil do Império, com a criação do Instituto Agrônomo de Campinas, em 1884. Era o embrião da Embrapa, que hoje permite usar com inteligência a terra fértil e o clima tropical.

A vitória não ocorreu do dia para a noite, mas durante os últimos 30 anos. Enquanto o governo aplicou na criação de técnicas para ampliar produção e produtividade, os agricultores desenvolveram-se no gerenciamento. Foram também beneficiados por programas de financiamento que não são subsidiados, mas oferecem dinheiro a um custo bem mais baixo do que o ofertado a outros setores da economia. Guedes Pinto (Conab) explica que até meados da década de 80 o juro dos financiamentos agrícolas era substancialmente inferior à inflação, o que permitiu a capitalização dos agricultores durante pelo menos 20 anos. Depois disso, embora o custo do dinheiro tenha aumentado, o setor permanece com oferta de crédito.

No mundo inteiro a agricultura recebe tratamento diferenciado em relação a outros setores da economia. O motivo é que a produção depende da natureza e todos colhem ao mesmo tempo. O trabalho da agricultura

mercado internacional e a demanda mundial em alta, o resultado da agricultura só poderia ser favorável.

Luiz Hafers, fazendeiro e ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, comemora: "Temos terra barata,



é diferente. Uma galinha faz a gema, a clara e o ovo. Não tem galinha especializada em gema, outra em clara, outra em ovo. O tempo para uma planta crescer, por mais tecnologia envolvida, também obedece à regra da natureza.

Devido à desvalorização do real a rentabilidade do agricultor aumentou, o que permite maior investimento em modernização. Há ainda fatores externos, como problemas com a safra de soja americana. A soja brasileira é a única não-transgênica que sobrou no mundo e a temos em grande quantidade e produtividade.

O governo fez sua parte e os agricultores estão sabendo fazer a deles. Este ano a produção brasileira de grãos cresce 26,5% em relação à safra anterior, atingindo 122,6 milhões de toneladas. Com os preços bons no

um avanço extraordinário na pesquisa, com desenvolvimento de tecnologia própria. Por fim, a desvalorização cambial. Foi uma conjunção astral".

Para Hafers, o futuro da agricultura brasileira será balizado pelos acordos comerciais com outros países e pela capacidade do Brasil de derrubar as barreiras não tarifárias impostas pelo resto do mundo. Segundo ele, o país tem, condições de dobrar a produção, mas ainda não tem mercado comprador para tudo isso. Na avaliação do presidente da Conab, a safra brasileira pode atingir 150 milhões de toneladas em no máximo cinco anos, mas o problema não é só abrir mercado para vender os produtos. Guedes Pinto lembra que as estradas usadas para escoar a produção estão em estado lastimável, não se investe na construção de silos para armazenamento há dez anos e há filas nos dois portos utilizados para exportação, que são Santos (SP) e Paranaguá (PR). "Se a safra continuar crescendo teremos problema de es-

coamento. O sucesso vai virar problema" - garante o presidente da Conab. Afinal, só 5% das fazendas têm silos, contra 20% das fazendas argentinas.

Devido à rentabilidade e crescimento contínuo, e muito acima da média do país, a agricultura brasileira já começa a atrair investidores estrangeiros. Americanos, europeus e japoneses estão investindo na compra das baratas terras brasileiras. Vai aconte-

cer uma explosão desenvolvimentista!

O investimento estrangeiro direto no setor rural (agricultura, pecuária e setores extrativistas) saltou de US\$ 129 milhões em 2002 para cerca US\$ 274 milhões de janeiro a outubro de 2003. A participação do setor no total de investimento estrangeiro direto que entra no país passou de 0,7% para 3% no período. É pouco

ainda (300% a mais), mas demonstra que os investidores internacionais estão atentos ao desempenho do setor.

Nenhum outro país do mundo tem as condições climáticas do país e tanta área ainda não cultivada. Temos 50 milhões de hectares cultivados e poderíamos triplicar esse total. Falta o mercado, por causa das restrições impostas pelos países ricos, mas essa fase logo passará.

Panorama

Fome é sinônimo de mau escoamento

O problema da fome não é a falta de alimentos, mas sim de má-distribuição - afirmou Norman Borlaug, o "Pai da Revolução Verde", em sua recente visita ao Brasil. Afirmou que, na Índia, boa parte da população passa fome enquanto de 60 milhões a 70 milhões de toneladas de alimentos básicos estão estocados.

Segundo Borlaug, que também ganhou o Prêmio Nobel da Paz, já em 1970 o mundo tinha capacidade de produzir alimentos para uma população de 8,2 bilhões de habitantes (que

deverá ser a do ano 2025). Já havia tecnologia para produzir alimentos suficientes. "Há muita terra na África e em outras regiões do mundo, mas estas regiões não têm infra-estrutura", como estradas e ferrovias para transportar a produção". Estando no Brasil, citou o país como bom exemplo, mesmo no setor de transportes!

Graças também à rápida industrialização que vem ocorrendo em alguns países, caso da Índia e do Brasil, Borlaug acredita que "nos próximos 20-30 anos" o mundo manterá a "estabi-

lidade no campo". Para justificar, ele lembra que em 1960 a produção mundial de grãos era de quase 700 milhões de toneladas e, agora, em 2000, era de 1 bilhão 960 milhões de toneladas. A oferta aumentou mais de três vezes nesse período, "graças ao aumento da produtividade, melhor controle de doenças, e ervas (plantas invasoras) e insetos". Ele lembra que os agricultores na China, Índia, Paquistão, por exemplo, "são muito pequenos", possuem de 2 a 4 hectares. "Então, precisam de crédito para comprar fertilizantes".



Sorriso no Campo

Médico de visão

O caipira levou a mulher no oculista e perguntou:

- O sinhô é zoista?
- O amigo, eu não sou zoista, sou oculista!
- O que que o sinhô é?
- O-CU-LIS-TA!

E o caipira, puxando a mulher:

- Vamuu embora, muiê, que o seu problema é nos zóios!

Responda bem depressa

Onde ficam as moscas de noite?

R - Dependendo da mosca em questão. Algumas moscas de vida curta, como a maioria das moscas, não vivem mais de 24 horas. A maioria das moscas que conhecemos é de hábitos diurnos. Portanto, nascem de madrugada, reproduzem-se de dia e morrem na madrugada seguinte. Outras moscas já tem um ciclo mais longo de vida, mas, como já disse, a maioria tem hábitos diurnos. À noite, procuram frestas para se abrigarem, saindo quando o dia clareia.

Aquecedor solar inédito

Dentre as mudanças feitas no Solarfort, pode-se destacar o aumento do volume de água do reservatório de 100 para 110 litros, que proporciona maior autonomia de água quente. A espessura do isolamento térmico também sofreu alterações: passou de 25 para 35 mm. A capa protetora, que antes era azul, agora é marrom, tornando o aquecedor mais discreto sobre o telhado.

e o sistema de fixação sobre este é feito através de amarração por cabo de aço, o que minimiza a quebra de telhas. Foi implementado o inédito Sistema CEN (Controlador Eletrônico de Nível), que permite a entrada de água fria para o abastecimento do aquecedor até que o sensor de luminosidade detecte a presença de raios solares. Em dias nublados e à noite, este controlador interrompe o abastecimento, e volta a abrir no dia seguinte, na presença do sol. Este sistema é ativado automaticamente. Informações: (14) 3405-2279 - www.unipac.com.br



Ditado sertanejo

- Dois carneiros de chifre
não bebem na mesma tijaia.

Ditado sertanejo

Bezerro manso mama
na mãe e na dos outros.

O Brasil é o único país em condições de atender a demanda mundial de carne

Juliano Sabella Acedo

As mudanças ocorridas na agropecuária mundial nos últimos anos fizeram com que a população se preocupasse com os alimentos que está consumindo. Os transgênicos, a febre aftosa e a vaca louca são assuntos cada vez mais discutidos e fazem as pessoas repensarem sobre sua alimentação e darem mais importância para o consumo de produtos saudáveis e sem contaminantes. Veja: nossa agricultura bate recordes de produtividade e a pecuária ganha a liderança mundial na exportação de carne. Diante desse cenário, temos todas as condições para produzir alimentos seguros e baratos para o mercado mundial.

No caso da carne bovina, especificamente, podemos atender os mais exigentes mercados, uma vez que a febre aftosa está sob controle, não temos casos de doença da vaca louca e temos um diferencial absolutamente importante: nosso boi se alimenta de capim, é o famoso Boi Verde. Não é tarefa das mais fáceis ter essa carta na manga, pois temos de dar muita atenção às pastagens (precisamos encará-las como uma cultura que precisa de tratamentos culturais - adubações, controle de pragas e manejo corretos), para produzir animais com qualidade, baixo custo e continuarmos na liderança mundial entre os fornecedores de carne vermelha.

A manutenção da competitividade depende, não entanto, do uso de tecnologias. Palavra da própria Embrapa: *"a suplementação mineral é o insumo de menor custo para o aumento da produção de bovinos de corte a pasto"*. Portanto, devemos estar atentos à quantidade e à qualidade dos minerais que fornecemos ao rebanho. O suplemento mineral deve ser bem balanceado e específico para cada categoria animal. O fósforo, por exemplo, deve ter como origem uma fonte de alta biodisponibilidade, proporcionando melhor aproveitamento pelo animal e, principalmente, estar livre

da contaminação por flúor e metais pesados. É nosso dever nos preocupar com a segurança do alimento que chegará na mesa dos consumidores.

Em razão disso, os fosfatos de rocha e os adubos devem ser evitados - além de baixo valor biológico eles não estão livres de contaminantes. A melhor fonte para a nutrição animal é o ortofosfato bicalcico. Mas o fósforo não é o único elemento que precisa ser suplementado. Os microelementos, como cobre, zinco, enxofre, selênio, manganês, cobalto e cromo, também são essenciais para o bom desempenho animal. Eles são chamados de microelementos porque são requeridos em menores quantidades, mas nem por isso são menos importantes. E como as quantidades presentes nos suplementos são pequenas, a biodisponibilidade torna-se ainda mais importante.

As fontes de maior biodisponibilidade são os carboquelatos - mine-

rais na forma orgânica - que são absorvidos quase na sua totalidade pelos animais e, conseqüentemente, proporcionam elevados índices de produtividade.

O manejo sanitário também tem peso muito importante nos índices de produtividade. Devemos fazer o controle estratégico de endo e ectoparasitas e seguir rigorosamente o calendário de vacinações, fator que muito interessa aos países importadores de carne.

A pecuária brasileira tem tudo para se tornar a maior do mundo, pois temos o maior rebanho comercial e muito espaço ainda para crescer; nossos índices zootécnicos podem melhorar bastante e só o Brasil tem condição de produzir a carne que o mundo quer, ou seja, a carne do boi verde.

(*) Juliano Sabella, Zootecnista,
Coordenador de Marketing Gado
de Corte da Tortuga Cia Zootécnica Agrária



Especialistas afirmam: carne vermelha é essencial ao homem

Na busca de soluções saudáveis para o organismo humano, várias discussões aparecem em torno da utilização da carne vermelha na dieta alimentar das pessoas. Durante muito tempo o sinônimo de boa nutrição era comer alimentos isentos de colesterol ou cuja concentração fosse bem reduzida. Algumas pessoas radicalizaram e passaram a comer apenas vegetais, com medo de comprometer sua saúde. Hoje, estudos realizados pelas mais conceituadas universidades do mundo mostram que o corpo humano precisa utilizar substâncias importantes, como aminoácidos essenciais, que existem na carne bovina, por exemplo. Um bife de aproximadamente 100 g, duas vezes ao dia, pode evitar a anemia em um homem adulto, de 75 kg.

O mito de que a carne vermelha concentra gordura e que deve ser evitada está cada vez mais ultrapassado, de acordo com vários profissionais da medicina internacional. No campo dos alimentos saudáveis, o Brasil se destaca com a produção do boi de capim. As diversas raças zebuínas existentes aqui alimentam-se apenas a pasto ou com rações vegetais. Por isso, a carne que o Brasil produz ganha cada vez mais espaço no comércio exterior, principalmente da União Européia. Até os chineses já abriram suas portas para a carne do Zebu brasileiro, a partir de acordo comercial celebrado entre os dois governos em agosto.

Crianças estritamente vegetarianas apresentam um risco elevado de deficiência de ferro, segundo o médi-

co do Centro Regional de Especialidades de Vitória (ES) Alessandro Laiola.

As mulheres na pré-menopausa, assim como cerca de 10% delas em idade fértil, também podem apresentar essa deficiência. E entre 2% e 5% apresentam níveis de ferro baixos o suficiente para causar anemia. A gravidez por si já aumenta o risco de anemia, pois a demanda do corpo por ferro e ácido fólico aumenta bastante. Estudos comprovam que o ser humano não deve ser privado da ingestão de alimentos que contêm ferro, porque esse é indispensável para se evitar o aparecimento de várias doenças e até no tratamento de outras formas de anemia, tratamento da malária e da intoxicação medicamentosa, entre outras.

Você sabia...?

... que o Cervo-do-Pantanal é o maior da América do Sul?

O *Blastocerus dichotomus* tem uma altura de 1,1 a 1,2 m até o dorso e um comprimento de 1,8 e 1,9 m; a cauda mede de 10 a 15 cm.

Você sabia...?

... que em Hong Kong, o povo deleita-se com prato de centopéias?

Você sabia...?

... que existem mais de 125.000 espécies de moluscos?

Agricultura familiar

A agricultura familiar produz hoje 40% da riqueza gerada no campo no Brasil, cerca de R\$ 57 bilhões. São cerca de quatro milhões de agricultores (84% dos estabelecimentos rurais brasileiros) que vivem em pequenas propriedades e produzem a maior parte da comida que chega à mesa dos brasileiros. Quase 70% do feijão vem da agricultura familiar, assim como 84% da mandioca, 58% da produção de suínos, 54% do leite bovino, 49% do milho e 40% das aves e ovos. Além disso, a agricultura familiar é um importante instrumento para manter os trabalhadores no campo. Segundo estudos realizados pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), as operações de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) em 2003 mantiveram 3,3 milhões de agricultores em seus postos de trabalho e geraram 650 mil novos empregos no campo.

Época de Silagem:

Silomax chega ao mercado

O Silomax Matsuda Centurium é um aditivo biológico que, se usado conforme as especificações técnicas, (gramíneas com MS < 25% e carboidratos > 10%, como o Capim

nova embalagem, reduz pela metade o tempo de abertura do silo, prolonga o tempo de conservação da silagem, após sua abertura, di-



Aplicando Silomax na silagem.

Elefante Paraíso) evita perdas físicas e nutricionais da silagem, promovendo a boa fermentação e acidificação da mesma. Agora, em



Volumoso preparado para a ensilagem

minui as perdas físicas na superfície e nas laterais do silo, melhora a palatabilidade, como consequência da melhor fermentação, reduz sobras de silagem no cocho, ou seja, tem tudo para garantir aos animais, uma alimentação de alto valor nutritivo das forragens, mesmo na época das secas.

Informações: www.activapress.com.br

O Brasil precisa optar: Qual é a sua reforma agrária?

Texto: Antônio Ernesto W. de Salvo

O assunto Reforma Agrária voltou à tona de forma aguda, com a ajuda preciosa das arruaças do MST e do boné vermelho do Presidente. Esta pirotecnia distrai a opinião pública, mas oculta os problemas maiores, normais quando se pretende resolver assunto tão sério. Reforma Agrária pode ter dois cunhos – ser política, ideológica, instrumento da filosofia socialista ou significar o acesso à terra para uma população vocacionada e necessitada. Como todos são à favor da idéia central, o que permanece indefinido e conflituoso é a escolha e a escala do modelo.

Ai, sim, reside o grande divisor de águas, reunindo, numa vertente, os que têm um projeto político mais amplo, que não podem se permitir uma solução ordenada e conseqüente, que lhes esvaziaria o discurso. Na outra, majoritária, realmente imbuída do desejo de criar mecanismos que assegurem tal acesso, a vontade inviabiliza-se pela ação provocadora dos primeiros, ativos no afã de manter a inquietação acesa.

Os organismos do poder público encarregados de efetuar as ações que, no seu conjunto, resultariam no assentamento dos necessitados e vocacionados para trabalhar na terra, tornam-se reféns da pauta artificialmente criada pelos seguidores da primeira vertente. Ao criarem o fato consumado da usurpação da posse, estes grupos obrigam a intervenção do poder público para evitar o conflito.

Se o que a sociedade brasileira deseja é o modelo democrático, tem que haver clara opção do Governo por este caminho. A ordem tem que ser mantida. Os ajuntamentos dirigidos que produzem pressões potencialmente perigosas não podem ser tolerados. As realidades não podem ser escamoteadas.

As áreas disponíveis para os assentamentos não podem ser acrescidas, por meio de artifícios administra-

tivos ou legais, pela descaracterização da produtividade de outras áreas. Os conceitos que regem o cumprimento da função social da propriedade, tais como descritos na Constituição, têm que ser interpretados com o grau de razoabilidade que o constituinte imaginara e que o bom-senso aconselha. Os critérios de produtividade não podem e não devem estar à mercê de um momento, de um instante de vistoria ou do grau de falácia do técnico do Incra.

A bem da verdade, diga-se que o que vem prevalecendo, há muito tempo, independe do novo Governo. A maneira ardilosa, cheia de armadilhas e de má fé por parte dos que, por lei, devem julgar a produtividade do imóvel, é prática antiga. Esta expressão – produtividade – sempre foi posta com um contraponto – propriedade improdutiva, que carrega contra si forte dose contrária da opinião pública. Só que a verdade não é esta – produzir em menos do que 80% da área ou com índice menor em volume do que o fixado pelo Incra já faz de quem produz um ente classificado como improdutivo.

O bom-senso, a justiça dos atos, só prevalecerão se o poder público mantiver-se no estrito limite das leis e da neutralidade. Os beneficiários das glebas precisam aguardar a vez com paciência, dentro de um processo democrático de prioridade, que também não pode ser usurpado pela ação dos radicais. O assentamento tem que ser assistido. Ser agricultor, de qualquer tamanho, já é difícil, tanto que o mundo rico subsidia fartamente seus empreendedores rurais, para mantê-los com um mínimo de rentabilidade. O que dizer, então, dos pequenos, inexperientes, freqüentemente desconhecedores dos mais modestos instrumentos da tecnologia, nossos novos proprietários assentados?



As dificuldades estão no cumprimento destas diretrizes universais e consensuais. Elas custam muito – em dinheiro, tempo, pessoal qualificado e paciência – mas são a vertente possível. Conviver, aceitar, tolerar, permitir o tipo de ação dos radicais é caminhar para o impasse. É a raiz da violência. Mesmo porque, além de tudo, são os produtores rurais brasileiros que vêm mantendo a viabilidade política de sucessivos governos pela eficiência de seu trabalho.

Manter o nível de segurança mínima numa profissão já naturalmente sujeita aos azares da natureza e dos mercados viciados não é só obrigação do poder público por direito, mas é imperativo da vontade da sociedade e do bem-estar da Nação, por justiça.

Antônio Ernesto de Salvo -
é pecuarista, engenheiro-agrônomo,
presidente da Confederação
da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)



Guzerá arcaico-1:

O bom começo levou ao Guzerá

Dr. Manelito Dantas

Na diversidade dos elementos biológicos da Natureza, uns fornecem comidas básicas pro Homem viver, outros lhe prestam serviços e há outros que vão além dessas concessões materiais, concretas, alcançando a dimensão transcendente de oferecer, também, ao mesmo homem, beleza e celebrações.

O Guzerá, entre os animais do mundo, é um desses elementos integrais, que além de leite e carne no prato da casa, em alguma tarde mansa da fazenda, enche a vista e o espírito da gente com essas transcendências, gerando uma emoção que vai bater na percepção da grandeza das coisas do mundo de Deus.

Foi o que deu em mim, num dia desses, tangendo no rebanho Guzerá de minha querência, as lindas Chui-D, Domadora-D e Energia-D, as três de crias novas, no final das chuvas, ancas e lombos largos e bem cober-

tos, úberes firmes e cheios de leite, expressão altaneira pela "canga" e passo soberbo - exclusivos do Guzerá legítimo - com aquele balanço ritmado, no andar e nas orelhas, que remetem à harmonia cadenciada de uma morena bem brasileira, sambando em estado de alegria. Findei o dia, num acesso silencioso de exaltação, ali sozinho, imaginando uma delas, a figura emblemática do Nordeste firmado no chão de sua terra. Entrei em casa contente da vida...

Esse gado, como se sabe, filho da genética primordial dos pré-desertos da Índia, chegou aqui pela iniciativa de criadores intuitivos, na busca pioneira de ruminantes tropicais, quando os gados coloniais - degenerando para se adaptar ao chão e ao sol do Brasil - comprimiram a produtividade e as produções que vinham de outro hemisfério. Deu no que deu e isso já é uma lição da História.

Dos Barões do Império, foi à mão e ao cuidado de João de Abreu Júnior, no Rio de Janeiro, preferido por ele, objetivamente, a partir do seu balcão de carnes em Niterói e da observação posterior de que, também, dava bom leite. E selecionou Guzerás para "raça" e "leite/gordura". Em 1º lugar, talvez, no mundo.

Meu pai foi encontrar esse imigrante notável, em 1934, já em sua Fazenda Itaoca, em Cantagalo, depois de rejeitar, pouco antes, a outra hipótese de adquirir Zebus, numa fazenda de Gir - também constante de um anúncio no anuário da revista Chácaras e Quintais, que levava consigo, no navio e no trem nos quais viajou até lá. O seu "instinto zootécnico" (Otávio Domingues fala bem da existência disso) que era muito, disse-lhe que o primeiro gado não serviria, sem saber, naquela hora, que vinha de regiões de clima regular e que o outro,





o Guzerá de João de Abreu, era nativo milenar de zonas secas rigorosas da Ásia e, por isso, portador de uma fisiologia ajustada à intermitência de águas e pastos. E que se compensava, voltando a crescer, quando, adiante, a chuva também voltasse, além de ser especialista em transformar material fibroso em leite e carnes nobres.

"Esse gado dará certo lá", foi o que sentiu e pensou, como me contava. Assim, não quis o Gir e botou num navio até o Recife, RAJÁ-JA, MALIQUE-JA, RIBEIRÃO-JA, três fêmeas e mais dois outros, para meus tios. Um caso de pura empatia, de forte paixão, daquelas que ensinam a razão aos homens.

À mercê dessa razão, já não só suposta, nos anos 40, não podendo

nino sertanejo, povoado de acontecidos marcantes, entre a casa e o curral de todas as manhãs, onde Guzerá, Chuva versus Seca, Cantagalo, etc., eram assuntos freqüentes, nas estórias e cenas de minhas lembranças:

- *"Em tempo de seca, esse gado dos chifres grandes, agüenta mais. Come folha seca do chão, come bem macambira e cardeiro e só descai depois dos outros; espera mais pelo inverno."* - Seu Emiliano (1944), austero e fatalista gerente da Fazenda, na montaria de quem, eu ia à garupa, por uma vereda da caatinga nua.

- *"Vaca Guzerá só parte, quando o bezerro novo está junto. É pra defender ele. Tenha medo não!"* - Cazuzza Emiliano (1944), vaqueiro, protegendo-me entre a porteira e uma vaca recém parida. Eu com o caneco de asa que ganhara, para aprender a tirar leite.

- *"Espere por aquela, essa daqui tem o leite duro e o peito grosso. Da*

critório dos sábados, na cidade, onde eu ia escutar a administração e as conversas.

- *"Quando vem o leite da Carnaúba, o queijo cresce..."* - Maria Cajarana, queijeira sertaneja, despejando a coalhada já cozida em leite, na urupema grande da panela de barro. A gente esperando escorrer para morder pedaços, no "quarto do queijo", da casa da rua.

- *"Um dia, leite, como qualquer outra mercadoria, vai ser vendido pela qualidade. Por isso, Seu Dantas, é preciso um Zebu manso, leiteiro e manteigueiro."* - Meu pai, contando palavras de João de Abreu, mostrando a espessura da coalhada na terrina, sobre a mesa do jantar.

- *"Essa raça é danada. A gente vê logo, entrando num curral: a bezerrada acende as orelhas, olhando uns por cima dos outros, como se fosse tudo igual e só tivesse dela."* - Pedro Félix, esperto comerciante de



comprar todo o lote, intermediou, a pedido do Cel. João de Abreu, um repasse para outro criador em Campina Grande, ficando apenas com ITARARÉ-JA, PAQUETÁ-JA, RAMEZONI-JA e sete fêmeas. Esse gado chegou aqui, tângido no pé, desde a Bahia. Ainda hoje, sei da minha inquietude nesse dia, quando falou da chegada iminente, repetindo que Guzerá era o bom, e o melhor era o JA, porque dava leite e era puro.

Em 1953, aberta a estrada, voltou à Itaoca, dessa feita sob batuta de Seu Joãozinho, filho do pioneiro, e trouxe, por caminhão, MACUCO-JA, LORD-JA, CANGERÃO-JA, HERÓIJA e mais quatro tourinhos para meus tios, como fazia toda vez, me causando por dentro, todos os ciúmes, pois achando todos fantásticos e reclamão como bom adolescente, queria tudo.

Tive o meu mundo mítico de me-

vaca azulada é macio e cabe na sua mão; vai encher seu caneco." (idem, idem).

- *"Oh! vacas bonitas!"* - Minha mãe (1945), no terraço, vendo passar um grupo no pátio, enquanto fazia um curativo no dedão topado do meu pé...

- *"A gente fala e elas vão. Essas outras, ficam teimando, querendo voltar pra comer mais."* - Seu Chico Clementino (1945), vaqueiro, apontando as Guzerás, ensinando-me a tanger o gado pro curral após bebida no açude, eu ao lado, escanchado e fagueiro, num jumento em osso.

- *"Esses chifres, que deixam o gado até mais bonito, têm que ter serventia. Se não, a Natureza tinha tirado eles."* - Seu Manoel Damião, Mestre de Açude e Profeta de Chuva, de barba e cabelos bem brancos, dos mitos do meu mundo primitivo, no es-

gado, amigo da casa (comentário análogo ao que faz Eduardo Duvivier, no livro clássico de André Weiss ao escrever a apresentação da raça Guzerá).

A verdade embutida - Creio que a "leitura" do Guzerá, que me transformou no radical manso e encantado que sou, vem desses tempos, dessas observações empíricas, atiladas e espontâneas, de pessoas simples e de verdade. Já estavam embutidas nelas e assinaladas na memória básica, as virtudes que destacam o Guzerá, de outros elementos da Natureza:

- A propensão de adaptabilidade, que é condição primeira, na seleção de uma raça.

- A fixidez genética, que leva, por dominância maior, rapidamente, à homogeneidade, fator de rendimento nu-



ma criação.

- A habilidade materna, revelada desde a prontidão com que defende o filho, uma espécie de caráter que, por exemplo, as holandesas já perderam, reduzidas àquele esqueleto passivo, parádico e incomodado, que só lembra o jeito alesado de um vivente com idiotia...

- A maior providência biológica, guardando no miolo dos chifres, que completam o desenho, reservas minerais, além da gordura no cupim.

- Uma certa frugalidade, indicativa da maior competência em metabolizar plantas fibrosas, revelando a aptidão para aumentar os sólidos do leite e reduzir custos.

- A qualidade do leite, consistência superior, quando se sabe que a maior parte do consumo, em qualquer região, é sob a forma de laticínio.

- E, envolvendo tudo isso, a beleza peculiar, no perfil e na altivez da postura, quando pára, se amostrando com o ar expressivo de uma forma de inteligência, típica de mulher sóbria, bonita, forte, suave e elegante.

Em 1964, já pleno engenheiro, dirigindo uma Rural, pela Rio-Bahia semi-asfaltada, com o pai, fui, pela 1ª vez, até Cantagalo. Tudo o que meu imaginário, bem condicionado, fantasiava, foi pouco.

O mundo ondulado do Vale do Paraíba, pessoalmente, era ainda mais bonito; na Itaoca, a arquitetura do tempo do café, mais simpática do que ouvira; o rebanho era homogêneo e belo; o dono e a dona eram de trato distinto; as anotações que me deixaram ver, remontando ao começo do século, de paisagens de leite

para assinalar reprodutores e acasalamentos, emocionavam até pela caligrafia garranchosa com que foram feitas. Um conjunto de sete vacas enchendo canecos e um arco de sete touros que mandaram alinhar, com Bhoris, indiano recente, no meio, bem pequeno, mas de idêntica pelagem e perfil Kankrej dos outros, me causaram tal impressão e euforia, que Oliveira, amigo e comprador de gado, companheiro na ida, para voltar no caminho, não se conteve e me puxou pela camisa: "Deixe pra elogiar depois, quando seu Dantas acertar os preços..." Aquilo lá, era maior que um simples rebanho e um pedaço de terra, era um magnífico acervo pecuário do Brasil real, do futuro e do presente. Obra de vocação elaborada, resultado de competência, de trabalho duro, de consciência inarredável.

Dessa vez, vieram: DIPLOMATA-JA, o filho de Itabira; LÍDER-JA, o filho de Universal e Jurema; XANGÔ-JA, filho de Patrimônio; RÉGIO-JA, filho de Rebento e TANGO-JA, o filho de Gladiador e Acácia, irmã de Faisca, a recordista de gordura no leite, destacados a meu pedido, com o pai glosando minha insistência, e mais quatro outros, os dos tios, irmãos dele e não meus, como eu dizia, contrapondo ao riso doce com que ele falava a seu Joãozinho, não precisar essa segunda escolha.

Meu dinheiro só deu para com-



prar três fêmeas: LIBIA-JA e TURISTA-JA, filhas de Odeon e LATINA-JA, filha de Cubatão e Argentina, mãe de touros da Itaoca, as três primeiras vacas que tive. Vim de lá como quem fosse Senhor de meio mundo: proprietário de três Guzerás e um touro emprestado, para a "fazenda" Artificio, de 36 hectares, que comprara perto da cidade, para aliviar, nos fins de semana corridos, o ambiente pesado e obscuro que se instalava na Sudene e na Universidade, pela ditadura em seus começos tortos.

A base estava feita e a cabeça, também. Por trás da imagem do gado, um mundo de zootecnia tropicalista emergindo em cada dia de sol. Estava pronto para começar um segundo tempo.

*Dr. Manoel Dantas Vilar Filho
(Dr. Manelito) - É engenheiro e criador.
Extraído do texto "Guzerá em 3 tempos,
item 1. "Começos naturais, com emoções
saudáveis no caminho".*

FAZENDA MUNDO NOVO

Nosso guzerá é marca @, mais rusticidade peso e leite.

Antônio Carlos de Vellasco Lima



AMANDA-

Filha de Disco com vaca JA
Grande Campeã
na Expo Nacional de Goiânia
Campeã em várias exposições
em Goiás
Primeira cria aos 23 meses



DISCO da ZEBULÂNDIA

RG A 2503
Filho de Cabul com
Vaca Xarqueira
Campeão em várias
exposições de Goiás



Aruanã Estado de Goiás - Rua 137, n. 194, Setor Marista, velasco@superig.com.br
(62) 281-8882 / 281-8929 - Goiânia -GO

**BELAS, PESADAS, E MUITO LEITEIRAS.
DE ONDE VOCÊ DIRIA QUE SÃO?**

ACERTOU!!!

FAZENDA TABOQUINHA

Estas e outras doadoras estarão no II Leilão Duplo Provado
no dia 10/07/2004 em Governador Valadares

INFORMAÇÕES: (33)9987 5002/ 3799 3023
guzerataboquinha@aol.com



Guzerá arcaico-2:

O meio-ambiente leva ao Guzerá

Dr. Manelito Dantas



Quando tive de largar as atividades urbanas para vir, por consenso dos irmãos, assumir as fazendas, além da confiança que tinha na sabedoria e no caráter do "Velho" (pai) e do que já tinha aprendido como amador e amante (*"o comércio, às vezes, quer outra; mas, pra criar aqui, o melhor é Guzerá..."*), os exercícios de lógica da minha cabeça de engenheiro - fazendo-me indagar mais, e conferir tudo - coroaram a decisão excludente, de ser o Guzerá, a raça que deveríamos continuar criando aqui na caatinga.

Foi muito bom poder juntar às coisas do sentimento e da sublimação de saudades, novas informações objetivas, para o trabalho e a responsabilidade do silvo-pecuarista em que, então, fui convertido, em tempo e empenho integrais, até hoje.

Matamos as grandonas e tardias Indubrasil da outra Fazenda, cancelamos os cruzamentos, mesmo que leves, com Simental ou Schwyz da outra e fui eliminando as mestiças preexistentes, à medida que a compreensão de Seu Joãozinho Abreu, nos anos seguintes, nos cedia quase uma centena de prolíficas e longevas Guzerás.

Os nomes das raças de plantas e de animais, desde galinha até os maiores, incluem, sempre, uma referência geográfica, do lugar onde nasceram ou foram feitas, insinuante da conciliação essencial, entre bicho vivo e latitude, numa relação de causa versus efeito. Bastava isso na minha cabeça, para acender uma rejeição a pseudo-cosmopolitismos e logo concluía que, num país fisiograficamente tão diverso, não caberiam vacas He-

reford e Holandesa, ou outras "raças melhoradas", desde o Rio Grande do Sul friorento, até a Amazônia quente e úmida, sobrepassando o Cariri seco de Taperoá. Nada do erro básico como prescrevia, por exemplo, o Manual de Crédito Rural, pedindo, conceitualmente, um mínimo de ¾ de sangue desses tipos, para financiar um produtor, ou capins em moda, nativos do extremo sul, que me sugeriam plantar.

Aliás, desde a Engenharia Sanitária, eu já tinha aprendido que não prestava "adotar sem adaptar", tecnologias e procedimentos de outros mundos, respeitando a lição do estadista paraibano (1926) João Suassuna: *"Somos um povo, sugestionado pela política inferior dos decalques..."* Em Engenharia é, até, mais simples do que na vivência sob o sol.





Dependente das secas e da pecuária de ruminantes, parti para a eliminação das lavouras anuais lotéricas. A apreensão de textos lidos, constatações de experiência vivida, um certo inconformismo e disciplina de pensamento, além de analogias (fui importar capins perenes africanos, da Austrália), levaram-me a construir a radicalidade que alcancei, centrada no Guzerá. Esta "radicalidade" implicando em raiz - firmeza não sectária e com consistência - deixa-me pacificado e até apto a driblar alguma impaciência, dessas que o tempo cansador agrega em quem leva a vida arregando com a dúvida e os erros, e querendo o certo também pros outros, numa região sem base tecnológica estudada, sob equívocos institucionais cruéis, que foi rebaixada a uma prioridade político-social secundária. Por isso é uma região descontraída, como suas chuvas.

Vou contar mais desse caminho e suas veredas, o que me valeu, e ainda vale, como quem continua depondo a favor de sua fé, para amigos de bom gosto e juízo, dos vários que tenho. Pode servir a alguém.

1) - No tempo das ações intuitivas, do 6º sentido e do "olho vivo" dos criadores, o grupo do Guzerá, e não outro, predominou, nas importações feitas da Índia, após as iniciativas imperiais de trazê-lo para as fazendas de café do Rio de Janeiro. Logo aí, revelou-se que Zootecnia não é somente um exercício linear de aritméticas. Como as Artes, ela incorpora importantes nuances imateriais, subconscientes, da harmonia, do enxergar e do sentir, até porque grandeza não é uma lição; é um instinto.

Devido a muitas circunstâncias, o lastro expandido de fêmeas foi misturado com touros Gir, para fazer orelhas ainda maiores nos produtos. A orelha foi transformada em referência de valor e modernidade (ahh! - as modernidades!). O rebenque que agoitava o burro dos mascates era graduado, e tantos centímetros mais a orelha tivesse, "melhor era" e tantos contos de réis a mais valia o bicho.

Negocistas do imediato, contrapunham à orelha miúda do gado colonial em processo negativo de adaptação, essa noção de raça, raçado, raçudo e, portanto, do bom. Zootecnia cabocla, atirando no escuro, acertada no geral, mas equivocada no varejo.

Além da quase dizimação do Guzerá superior, produziu-se um "monstrego zootécnico" - expressão do livro de um professor sóbrio - de ossos e peitos enormes, sem rusticidade e sem leite, de herdabilidade frua, de baixo rendimento de carcaça, orelha medida em palmo... porém grande. E isso rendeu dinheiro, até que se atalhasse mais um desvio da condição humana, o que, apesar das anomalias, até ajudou a espalhar o Zebu no país todo.

Desconfiei, desde aí, que se faz confusão, entre os conceitos de "volume aparente" e "peso es-

centando para mim mesmo: "é ruim...!" Preferia que fosse um hipopótamo, sincero!

2) Um artigo do lúcido Zootecnista T.R. Preston (1972), treinado nas colônias inglesas da África e Austrália, chamado "Estratégia para a Produção de Bovinos nos Trópicos" me deu jóias de entendimento e de convicção, aclarando, em linguagem e método de especialista, o cerne do que ouvia desde menino e do que sentia depois de grande, até por natureza refratária à neve. Está escrito lá:

"Por acaso os trópicos não se prestam, realmente, para a criação de animais, ou há outras razões, mais fundamentadas, para a evidente falta de progresso, na produção animal dessas regiões?"

"...os trópicos, longe de serem inadequados para o desenvolvimento pecuário, oferecem possibilidades de rendimento por unidade de área e viabilidade econômica, que superam, em muito, as perspectivas atuais e mesmo futuras, dos países de clima temperado."

"...o atraso do desenvolvimento pecuário nos trópicos, não reflete uma falta de potencial, mas, simplesmente, a falta de uma tecnologia apropriada a essas regiões."

"...a natureza dos alimentos para animais, o tipo de bovinos ... diferem materialmente, dos que estamos acostumados a ver nos países de clima temperado."

Preston ressalta e descreve funções do rúmen, que afastam os animais da concorrência com os humanos pelos nutrientes pré-formados dos cereais; salienta o uso da cana-de-açúcar como alimento animal, pela vantagem de ser cultura tropical perene, não anual, dada a chuva irregular, de elevada fotossintetização e fácil fermentação, para a síntese microbiana ruminal. Depois, tratando dos "Sistemas de Exploração", condena a divisão das raças em produtoras de carne ou produtoras de leite.

"...Essa crença é, não só a que se ensina nos compêndios de Zootecnia, como a que, em geral, se pretende que seja a forma mais eficaz de

pecífico", aprendidos quando estudei Química, nas conversas estereotipadas dos modistas, volúveis, por si. A diferença que vale em Química é a mesma pra Boi, pra Bode e pra Carneiro. Nessa área, a virtude não está, mesmo, no extremo; mais do que noutras, os valores são relativos.

O Induberaba foi saindo das fazendas, com a chegada da balança e pelo senso crítico e senso da proporção, remanescentes. Com certeza, no Brasil, o Guzerá salvou-se à custa de uns poucos iluminados. Bem dizem que a humanidade não evolui aos pulos e corrige descompassos em pequenos avanços, desproporcionais à quantidade de esforços de toda ordem, mobilizados para tanto.

Hoje, se alguém simplesmente me fala, que tem um "boi graaaande" ou um "bode grande" e nada mais acrescenta, saio de mansinho, acres-





satisfazer nossas necessidades em leite e carne bovina."

"...essa separação e especialização não é o procedimento mais correto."

"...a base de toda a estratégia racional, é considerar as duas produções conjuntamente."

Ao final, supondo que se precise de 50 kg de carne (o Brasil consome, hoje, 31 kg) e 180 kg de leite (o Brasil consome 105), por pessoa e por ano, demonstra que bastariam 7 l/dia de cada vaca (2 do bezerro e 5 da pessoa) e uma cria a cada 14 meses (200 kg), para abate. Ou seja, partindo da relação de uma demanda farta, fundamentou tecnicamente o conceito da dupla função, carne e leite da mesma vaca, no mesmo curral, longe do luxo para importadas de hemisférios inversos. Aliás, como já operava, rudemente, a realidade pecuária brasileira, carente de melhoramento e sustentação, longe da "Tabela de Morrisson", livro-texto de formulação de rações adotado aqui, placidamente embora que feito para animais do clima temperado, no clima temperado.

Esse ensaio, de lógica e relativismo cristalinos, além de retocar meu raciocínio, assanhou a mania de grandeza com meu país, com a Civilização do Couro do Nordeste e com os Guzerás verdadeiros. Em primeiro lugar, reconhecendo diferenças naturais, considerava a comida e a raça das vacas, simultaneamente, numa mesma equação. Depois, declarava por decorrência, a superioridade do Brasil sobre esses lugares esquisitos que têm a terra congelada durante um terço do tempo, tendo que amontoar dentro de casa, seus filhos e seus animais, enquanto, lá fora, a fome do mundo cresce. Por fim, condenava o que se faz aqui - por decalque servil e atitude alienante - no ensino das escolas, onde passam aos meninos, ainda sem antídoto ou an-

ticorpo - que pecuária é carne de um lado e leite de outro, para vacas e cabras, a serem alimentadas senão pelas tabelas de Morrisson, pelas do NRC ou Sistema Cornell.

Isso sempre me intrigou, pelo que significa de menosprezo intrínseco aos majoritários zebuínos brasileiros. Com as cabras, então, é pior: leite ou carne, ignorando a pele das lbero-brasileiras, mais valorizada que a carcaça, que o ambiente do Nordeste qualificou superiormente. Nelas a função econômica é tripla.

Por não ter conhecido de perto, talvez, Preston não chegou até esses indianos puros, já melhorados no Brasil. Se tivesse atuado também aqui, juro que tinha ido parar no Guzerá, pelo leite bastante, pelo crescimento compensatório da carcaça, pela valentia na conversão dos vegetais e pela eficiência reprodutiva. Sem dúvida, é um saxônico corrigido pelo ambiente e pela honestidade da mente em relação a outros mundos, o que é uma novidade. Na ministração de sapiência tropicalista, é mais brasileiro que a maioria dos doutos que proliferam nos seminários e congressos!

3) Coisa boa e animadora é reler o artigo junto ao resumo do Controle Leiteiro Oficial: média de quase 12 kg/dia (70% na ordenha cedo e 30% à tarde), em mais de 800 lactações mensuradas, predominantemente de vacas novas, comendo nos pastos de capim Buffel (feno) enquanto existe, ou palma, uréia e bagaço hidrolisado na cocheira e uma suplementação frugal, na hora de ordenhar. O teor de gordura médio é 5,8% - e não os 3% das vacas pretas. E o peso vivo, no encerramento, é de 486 kg, batendo em cima do teto australiano de 500 kg para matrizes. A idade ao primeiro parto já chegou à média anual de 34 meses e o intervalo entre partos a menos de 15, embora oscilem para mais, quando a seca é sucessiva e não se tem apoio institucional para encará-las. Em regiões menos brabas, de capins mais regulares, se terá

leite mais que o bastante, custando até 25 centavos de real o litro e um bezerro marrudo, a cada ano, para criar pouco e abater cedo, sempre no pasto. Atende à equação da demanda e à racionalidade. Não ordenhar Guzerás é uma impropriedade ideológica e material.

4) Preston não veio cá, nem estudou Guzerá. Mas, um aluno brasileiro seu, Leovigildo de Matos, da EMBRAPA (CNPGL) voltou de lá e da Austrália, publicando sobre produção de leite, para o seu e o meu país, seguinte:

"... Dentro do ambiente econômico de busca da eficiência para competir no mercado, o produtor de leite deverá, então, substituir a velha equação "produção máxima = lucro máximo" por outra, expressa da forma: "nível de produção ótimo = lucro máximo".

Ele deve saber bem de Guzerás de função dupla, refugando implicitamente as holando-americanas e canadenses e, também no leite, encontra o conflito entre volume aparente e rendimento, quando conclui o estudo, deselogiando as grandalhonas:

"A melhor eficiência alimentar permite manejar pastagens com um número maior de vacas de menor porte e, conseqüentemente, obter maiores produções por área pastejada. Além disso, vacas de menor peso adulto, tendem a ter maior vida produtiva, melhor eficiência reprodutiva e menor incidência de problemas no período periparturiente..."

5) Vieram da Ásia, do século 19 até hoje, apenas 6 mil e poucos zebuínos, contra mais de um milhão de *Bos taurus*, mediante importações renovadas com freqüência sistemática. (Basta analisar, hoje, o relatório de venda de sêmen no Brasil, para ver o predomínio do sangue europeu). Apesar disso, conseguimos, em menos de um século, atingir a relação





de uma cabeça por habitante, o que é considerado ótimo. A corcova e os chifres tropicais dominam em mais de 85% do rebanho, convertendo o país no produtor da carne mais suficiente do mundo, ainda longe de atingir o ponto ideal. O caráter mocho só existe na Natureza fria, que não tem calor pra dissipar e se obriga a fazer pecuária à custa de lavou- ras dependentes do petróleo. Outra lição da História pra quem sabe en- xergar ...

6) Um texto da OCDE (1983) cresce olhos para "o espaço agricul- turável do Brasil" e adianta que po- deremos, sempre, produzir a carne mais barata possível, porque " ... o

que, em várias épocas e com extraor- dinária visão, contribuíram para o es- tabelecimento de nossa pecuária, a homenagem e o respeito dos autores."

Ao longo do escrito, além dos zebuínos notáveis que ainda existiam na Índia (basta olhar Bhadur, o touro Guzerá da capa colorida do Relató- rio), da pertinência das cabras do ári- do sul da Espanha e de ecléticos bú- falos leiteiros, apresenta mais lições:

"... A seleção do gado leiteiro para os trópicos (...) problema eminentemente técnico, mas sobretudo econô- mico (...) não pode ser analisado sob a influência de paixões contraditórias. Ao contrário, (...) seu estudo deve ser conduzido, acima de tudo, sob con- ceitos firmes e capazes de concluir sem sofismas."

"A campanha de descrédito que

mestiço" (?), 5/8 + 3/8, inspirado em Monkey (macaco, em inglês) que, se supõe, tendo esse sangue mágico, gerou consanguinamente o gado San- ta Gertrudis, lá no Texas (Estados Uni- dos). (Afinal, o que é um bimestiço, um trimestiço, um tetrimestiço, com- parado com um mestiço?).

Passei a viver cobrando dos ou- tros, os F-zero, ou seja, a "raça pura", clara, permanente, adequada às re- giões fisiográficas do Brasil e, dentro delas, seu melhoramento funcional com métodos próprios, sem decalco- mania bastarda, sem contaminações cavilosas da vaca, da comida da vaca e dos espíritos humanos.

9) As especificidades zootécni- cas só podem ser fundamentais. Bas- ta observar os lugares homólogos onde as coisas já se definiram, veja- se a França, menor que nossa Bahia,



Brasil detém o milagre mundial do boi de fotossíntese". A expressão "boi de fotossíntese" já diz tudo.

7) Dai, só se pode é louvar o emi- nente zootecnista nacional, José Ma- ria do Couto Sampaio que, na função pública como profissional e na cáte- dra do professor que foi, nunca ven- deu a alma a Satanás e nem confun- diu habilidade com habilismo, em de- fesa da verdade e da higidez mental de seus ouvintes e leitores. Seu rela- tório positivo, chamado *"Animais e Trópicos"*, que publicou em 1968, à frente de uma Comissão Técnica do Estado da Bahia, em volta ao mundo, catando afinidades melhoradoras de nossa pecuária, começa com uma dedicatória precisa ... *"Aos importa- dores brasileiros de animais asiáticos,*

se moveu ao Zebu (em São Paulo, 1920/40), foi um episódio dramático, que marcou uma página da nossa evolução."

"Especialmente no caso dos ani- mais domésticos, a experiência bra- sileira, é mais do que afirmativa, pois prova dos dois lados: o fracasso do gado europeu e o sucesso do india- no, nos Trópicos."

Hoje, sua viúva Dra. Marilena e sua filha, Veterinária Maria, continuam criando expressivos Guzerás e orde- nhando búfalas, na caatinga enrique- cida que ele deixou, lá em Pé de Ser- ra, na Bahia.

8) Definitivamente, intriguei-me com bicho gringo e, também, com a ideologia escapista de instáveis F1, F2 e derivados, como um tal de "bi-

de céu chuvoso uniforme, tendo uma dezena de raças bovinas bem deter- minadas, cada macaco no seu galho. Ou a Inglaterra dos primeiros zootec- nistas, reduzida hoje à ilha inicial do Império Britânico. Ou a colônia ame- ricana, que mantém em cada conda- do, seus tipos bovinos tão bem fixa- dos, que só dão certo lá, em cada um deles.

Assim, a receita para dar certo, existe. É só fazer o mesmo, ou seja, escolher o gado certo para o mundo tropical e fechar os ouvidos para os pregadores de zootecnias alienadas do sol e da terra. Vai dar Guzerá!

*Dr. Manoel Dantas Vilar Filho
(Dr. Manelito) - É engenheiro e criador.
Extraído do texto "Guzerá em 3 tempos, Item
2: "Construção do jogo e suas regras
levando à consolidação da Razão".*

FAZENDA AMÉRICA

Anapu - PA

Márcio A. F. V. Diniz

Rua 24, nº 1140 - CEP: 14780-090
BARRETOS - SP

Fone: (17) 3322-3611 / Fax: (17) 3323-7347

E-mail: mafvdiniz@investnet.com.br

SANT'ANNA AGROPECUÁRIA

I. Potengy de Mello

Seleção de Guzerá Dupla Aptidão

Curral da Serra Friburgo - RJ

(21) 2541-7360

(22) 2543-1378 / (22) 9836-7395

Rua Assis Brasil, 143 Bl. 02 Apt. 204

22030-010 Rio de Janeiro RJ

FAZENDA BARRA DO PEIXE BRANCO

Frei Inocêncio - MG

Seleção de Guzerá desde 1957

Clodoaldo Soares Teixeira

Diomário Soares Teixeira

Fone: (33) 3271-5003

Raiva bovina tem vacina inativada

A raiva bovina é uma doença infecto-contagiosa e um problema de saúde pública, que apresenta letalidade de 100% e alto custo na assistência preventiva aos animais expostos, que podem até perder a vida. Os morcegos hematófagos (*Desmodus rotundus*), principais transmissores da raiva, contaminam os rebanhos quando sugam o sangue dos animais para se alimentar, causando prejuízos econômicos da ordem de US\$ 15 milhões no Brasil. Recém-lançada no País pela Fort Dodge, Rai-Vac-K é uma vacina inativada moderna, indicada para prevenir a raiva dos bovinos, ovinos e caprinos, que pode ser utilizada em animais a partir de quatro meses de idade. Composta de uma suspensão do vírus rábico fixo amostra PV (Pasteur), é apresentada em frascos de 25 e 50 doses.

No caso dos bovinos o sintoma principal da raiva é a paralisia. Na fase inicial, os animais andam cambaleado, olhar fixo, patas abertas, como se estivessem tentando equilibrar-se, queda do quarto traseiro, pescoço estendido, como se engasgados. Por causa da paralisia dos membros posteriores, deitam-se, não conseguindo mais se levantar, até morrer. O risco de contaminação para o homem é alto. (Informações: Tel: 0800 - 701-9987 ou www.fortdodge.com.br)



Frases

"São os ricos e soberanos que detêm a informação. Por isso, investir em educação para democratizar a informação é fundamental".
(Manna Silva)

Você sabia...?

... que a maior parte das vacas produz mais leite quando ouvem música? Um estudo revelou que a música "Everybody Hurts" dos R.E.M. é a que dá melhores resultados.

Sabatina

O boi vê as cores?

O boi e a maioria dos mamíferos enxergam apenas as cores verde e azul. O boi não enxerga a capa "vermelha" do toureiro, mas apenas uma capa balançando e o desafiando. O ser humano enxerga o verde, o azul e o vermelho, e suas misturas. Muitos insetos enxergam a luz ultravioleta, vendo coisas que são invisíveis para nós.

Ditado sertanejo

- Urubu pelado
não voa em bando.

Abandono de transgênicos

"Em 20 anos, a cultura de sementes transgênicas estará regredindo e cedendo lugar a produtos ecológicos", garante o professor Eduardo Sevilla Guzmán, diretor do Instituto de Sociologia y Estudios Campesinos de Córdoba, na Espanha. Guzmán é um dos pesquisadores que vem inflamando o debate sobre a transgenia. Na opinião do pesquisador, os transgênicos seguirão "o mesmo caminho traçado pela energia nuclear".

Diz ele: "A longo prazo, a alteração no código genético das plantas acaba com a biodiversidade, causando problemas ambientais". Guzmán acredita que a transição do transgênico para o agroecológico será lenta. Afinal, a agroecologia trata-se de produção completamente limpa, sem nenhum tipo de componente químico. E este processo deverá contar com o apoio dos governos.

Enquanto isso, Elisabeth Bravo, professora de biodiversidade da Universidade Politécnica Salesiana do Equador, afirma que os transgênicos são uma "ameaça à soberania alimentar", pois coloca o controle da produção em poder de multinacionais. "Será a manipulação da fome para aumentar os lucros" - garante.

Revolução: Dieta do leite

O leite faz perder peso. Um estudo recente da Universidade do Tennessee constatou que indivíduos acima do peso que consumiam três porções de iogurte por dia perderam 22% mais peso, 61% mais gordura corporal e 81% mais gordura abdominal em 12 semanas do que aqueles que consumiram o mesmo número de calorias, mas sem os laticínios. A pesquisa demonstra que, com uma alimentação rica em laticínios, a pessoa perde mais gordura e protege os músculos.

São Francisco é rei

Qual é a personalidade ecológica mais importante do planeta? Uma pesquisa realizada pela Internet nos Estados Unidos apontou que a personalidade ecológica deste milênio em que mais se destruiu a Natureza é São Francisco de Assis. Só podia ser mesmo um santo!

Papa desanca os ricos

O papa responsabilizou os países ricos por danos ambientais. Segundo ele, os ricos estão apenas preocupados com o lucro e são mesmo os maiores responsáveis pelos problemas ecológicos do mundo.

Galinha cubana bota maior ovo do mundo

A imprensa cubana fez a festa: uma galinha botou o maior ovo do mundo, com um peso de 148 gramas. Derrubou o recorde que estava anotado no Livro Guinness, pertencente a uma galinha da Costa Rica, que tinha botado também um superovo de 110 gramas, em 2003.

A galinha, criada na província de Las Tunas, 600 quilômetros ao leste de Havana, surpreendeu seu proprietário, o ornitólogo Humberto Cao, que recolheu do ninho o ovo gigante, de 90 milímetros de comprimento por 60 milímetros de circunferência.

O orgulhoso criador explicou que um ovo "extra grande" atinge 75 gramas, mas o atual ovo sequer tem classificação, pois é um "superovo", com quase o dobro

Apollo. O pai do seu próximo campeão.

Ouprat

O sêmen de Apollo
está disponível na
Lagoa
da serra
www.lagoa.com.br

Em 2002 e 2003, só deu Apollo. Nas principais pistas do ranking foi consagrado 9 vezes Campeão. Filho de Gobbo em vaca Recanto, Apollo é descendente de uma linhagem super provada no 3º Sumário do Programa de Avaliação Genética da Raça Guzerá. Sua mãe, Atalaia do Pinhal - FCP 29, por exemplo, é a nº 1 do ranking da Associação do Guzerá 2003. Se você quer produzir campeões, Apollo é a fonte.


**Guzerá
RAMENZONI**

Fazenda Alvorada
Dante E. Ramenzoni

Tel (14) 3583 1332 Pirajuí SP
www.alvoradafazenda.com.br



Guzerá arcaico-3:

Depois dos tropeços, sempre se chega ao Guzerá

Dr. Manelito Dantas

Aqui no Brasil, desse tamanho, de flora variada e exuberante, de percalços climáticos menores, de vocação pecuária sem paralelo, bem na medida do verdadeiro primeiro mundo (que são a Ásia e o Norte da África) - onde surgiram o Homem e sua inquietação, o Cristo e o Sermão da Montanha, Gandhi e sua mansidão valente, o capim Buffel e o gado Guzerá - não há porque admitir a obscuridade da sucessão de manias futilizantes, que tanto agridem o prumo e a persistência da sensatez. Misturar raças foi bom para fazer o povo brasileiro. Mas para fazer vaca, ovelha e cabra, não. A verdade, força subterrânea ativa, alcançável ou não, é um valor e o crivo da lógica tem poder normativo, para quem almeja o saber e seus resultados.

- A "Zootecnia Oficial" ou ofício do Brasil, ainda não tem firmeza num corpo de doutrina e teoria próprios. É frouxa, infensa à crônica histórica da pecuária nacional e marcada, em sua essência, por desgraciosa submissão intelectual, técnica e política, que reduz muita gente do ramo a bisonhas caricaturas "globalizadas", sem identidade. Gente demitida da faculdade de pensar, geralmente ancorada em especializações fruídas em latitudes e culturas conflitivas, longe da Índia e da África. Tudo bem, se o

problema fosse estudar lá fora, no estrangeiro, e não nos currais e campos daqui mesmo, sem ficar pretendendo a reinvenção da roda.

Os simples pecuaristas ficam atônitos, confusos, quando buscam apoios institucionais para se esclarecer e prosperar. Defendem-se pelo instinto ou, brasileiroamente, fazendo blague:

- "... o homem falou bonito, mas não entendi o que ele quer... vamos ver se eu me ajeito na próxima vez..." - cansei de ouvir, ao final de Seminários e Fóruns de Capacitação dos Produtores, que são apresentados como bandeira prioritária - ou o biombo de refúgio - de alienadas Agências de Fomento Rural e Assistência Técnica, particularmente do Nordeste.

A rendição perniciosa começa por um entronchamento exibicionista da fala: produção rural virou "agribusiness", nas paredes pregam papeletas com "No Smoking", as reuniões chamam-se "workshops", o folheto é chamado "folder", chamam cafezinho de "coffee-break", curral virou "free-stall" e cocho pra bezerro é "creep-feeding". Só vejo a hora, procurarem "The Best Brazilian Breed" e não acharem o Guzerá, quando, depois do "bimestiço", lançaram o "cruzamento industrial" - como se ao menos, fosse cruzamento "zootécnico"! Agora, o

"The Best" passou a ser um tal de "Three-Cross" (Bovino Composto), que é a mistura de qualquer boi europeu com as nobres zebuínas brasileiras, depois misturados de novo. Pra começar, esquecem que a vida de um criador é curto tempo para trocar tanto de camisa e digerir essa massa de modernismos, posta no lugar das evidências, sendo 4 anos o tempo mínimo de uma geração de bovinos. Pra terminar, talvez, só a vida eterna que bem merecem, como digo em momentos de pecar pela ira, imaginando-os num círculo especial do Inferno, à mercê do patrono dos invertidos e da vulgaridade, Lúcifer.

À custa de poucos zebuínos nos pastos, o Brasil tornou-se o grande produtor de carne enxuta de colesterol e de um mundaréu de vacas, para si e para o mundo. Na outra ponta, já que separam as funções, é o maior importador de européias especializadas... e de leite em pó! Duvido, com a ousadia que um leigo se dá, que a máquina que transforma fotosintetizados em carne, não possa transformar a mesma biomassa em leite. É uma questão de tipo e marca do motor, bastando trocar a especulação leviana pelo óbvio.

Nessas horas pecadoras e angustiosas, lá me vou reler a intervenção de Barisson Villares, ilustrado





Professor Zootécnico brasileiro, no 1º Simpósio de Bovinos Leiteiros nos Trópicos (1982):

"(...)Somos, por assim dizer, filiados à escola conceitual do equilíbrio agropecuário, para a produção e exploração de bovinos mistos, nas regiões tropicais brasileiras."

"(...) trópicos úmidos, onde a elaboração da biomassa forrageira é, quantitativamente, incomparável... plantas que fazem a mais eficiente fotossíntese pelo ciclo do C4, não tem competidores na produção de biomassa ..."

"(...) o exame sereno, cuidadoso e racional ... a temperatura ao redor da linha dos trópicos ... adaptação bioclimatológica ..."

"(...) o estoque de grandes rebanhos zebuínos com habilidade leiteira, associado ao extraordinário homem brasileiro, constituem recursos naturais e humanos altamente positivos para as expectativas de melhoramento da produção leiteira."

Nunca esqueci dele, na Exposição Nacional de Guzerá em Brasília (1988), em palestra didaticamente perfeita, onde os debatedores seríamos eu e Antônio Ernesto Salvo, que cedemos nossos tempos para ele continuar, quando, após comentar dados positivos de produção do Gir e do Nelore, encerrou, usando igualmente informações objetivas, com o enquadramento definitivo da raça: "O Guzerá tem a carne do Nelore, o leite do Gir e ... ainda é rústico."

A estrutura de Pesquisa Agropecuária do Brasil, magistralmente organizada sob a forma de Centros regionais e por produtos, embora que 30 anos depois da estrutura de Extensão Rural, por obra de um "consultor" gringo, Mr. Applle, após a Segunda Guerra, já fez coisas fantásticas na área das lavouras. Na de pecuária, nem tanto. Mantiveram o "gado de corte" e "gado de leite" separados e, para o 1º, foram atrás de "cross-breeds" milagrosos. Os touros europeus, como não agüentavam namorar no campo vasto, acompanhando as vacas, pois só queriam sombra e

beira d'água, atrapalharam os casamentos.

Correndo por fora, o Nelore, que, desde sua região de origem na Índia, é bom de serviço em terra de Ph alto e verde permanente, retocado pela feliz importação da década 60, levou o país até um bovino por habitante e a exportar carne. E quando precisa digerir pasto no estágio maduro dos capins, se resolve por aqui mesmo, pegando Guzerá e fazendo Guzonel. Este é um cruzamento entre duas raças definidas, de transição, e não uma mistura descaracterizadora de tipos, até que o Guzerá de dupla função chegue, quando a demografia se adensar no Centro Oeste e o Nelore desbravador seguir adiante.

Para o leite, começaram (1977) querendo fazer uma "raça" nova, o MLB, num pacote decalcado da



AMZ da Austrália, terra seca porém de colonização inglesa. Tentaram sem a intuição criativa de brasileiro na partida, sem João de Abreu, e chegaram gloriosamente até "Mico do CNPGL" (lembra do Monkey norte-americano?), um 5/8 de holandês vermelho canadense e 3/8 de Guzerá, numa 3ª geração de misturas que vai dar no que todo sertanejo sabe bem. As zebuínas selecionadas no Brasil, às centenas, já superavam, muito, a herdabilidade e a produção das 44 "Micas" avaliadas e as proclamadas DLPs, do Catálogo da empresa de sêmen, para onde este pitoresco primata foi mandado. Curiosamente, mico, aqui, tem outro significado, além de sagüim: alguém está pagando um

mico! Ai, o jeito foi colar tiras paralelas de amarelo e verde, na folha, contrapostas às sugestivas vermelhas e azuis de mesmo formato que estavam lá. As tiras indicavam claramente o cordão sanitário de isolamento entre o boi desajeitado e as acrescentadas três vacas, Guzerá, Sindi e Gir, acima de 3.500 kg de leite, derivadas de uma genética profunda, melhorada entre nós mesmos, (agora, sim, escrevo melhorada sem aspas), entre nós, criadores do Brasil, e uma lista grande de outras produções, puras Guzerás, de mesmo nível. Num espaço que sobrava - desabafo da banda cangaceira do meu sangue - pre-

gou o recorte de dois rifles, um verde e outro amarelo, um mirando o macaco e o outro, a macaqueação de quem, por decisão de justiça braba, tem merecimento para levar bala!

As etapas seguintes - Zebu Leiteiro e Búfalo Leiteiro - foram substituídas por "pesquisas" com canadenses e americanas de 30 kg/dia, de nomes compridos tipo "Watts Punk KLB 42E Funk", que não há vaqueiro nem dono que acerte chamar, hospedadas naqueles currais arrefrescados, com ar condicionado onde precisasse, cujos custos de alimentação e veterinária, repetidamente, todo incauto indefeso corre deles, logo que se dá conta. A "American Holstein Society" bate palmas, porque deverão ocorrer novas vindas, já que, chegando aqui, elas tapam o paridor por autodefesa e o tempo a passar é longo, até que se desenterre a lucidez, a fé e o patriotismo crítico, desse monte de enganação. Mudaram as raças a que deveriam ser pesquisadas e promovidas em bases técnicas, para vacas pré-fixadas, monogastrizadas, já prontas, quando teriam de mudar, já que seriam elas, o clima, o senso elementar, o homem, o pasto e o país.

- Em 1980, o Governo de Pernambuco, engodado por assessoria técnica plantando bananeira, financiou, a 3.000 dólares + frete a importação de cosmopolitas (??) holando-canadense-argentinas, 200 novilhas prenhes, para o interior despovoado pela Seca de 79. Pariram a cria da barriga, natimortas em 1/3 e mais 1/3 logo depois. Ao final da outra seca,



1983, ninguém tinha parido novamente, até porque, por terrível desconforto e desequilíbrio... morreram. No rastro, o prejuízo e a desilusão de sertanejos, ainda acusados da culpa pela mortandade, permanecendo desorientados pelo curto-circuito da cultura (sic) que lhes tinham enfiado goela abaixo.

- Em 1994, ignorando, aí, duas lições do passado, *"para recompor o rebanho pernambucano, dizimado pela seca de 93"*, a legenda da ampla fotografia de 1ª página, do Jornal do Comércio, continuava ... *"desembarcaram ontem, no Aeroporto dos Guararapes, 119 novilhas holandesas do Canadá, de alta performance para a produção de leite."*

Financiadas oficialmente, com o bafejo, no corpo da notícia, de *"insuspeitáveis pareceres técnicos"*, no choque térmico da descida, finaram-se vinte e uma, que seriam desembarcadas primeiro, conforme a foto, de uma defunta bem flagrada de pernas pro ar, no meio, entre o bojo do avião em cima e a carreta boiadeira estacionada em baixo. Logo ali, ao pé do Morro símbolo e glória da Restauração Pernambucana! Não deu pra segurar... protestei por essa falta de respeito às "mulheres de Tejucupapo", trazendo de volta, sob a forma quadrúpede, os expulsados há 300 anos, por elas, a pontapé de traseiro e puxavante de cabelos, à falta de outras armas.

Três meses depois só restavam cinco, e nova importação da mesma fonte, agora enriquecida com Pardo Suíças Hitleriana... da Alemanha frígida, tinha acontecido. No terraço de casa, onde ouvia sem ter pedido, o relatório, fiquei sabendo que, das novas 50 (novos 5.000 dólares/cabeça) só haviam morrido 8, porque estavam bem alimentadas e assistidas corretamente, no "estágio de imunização e ... aclimação" (!?), num conjunto só, em Garanhuns, por uma equipe de 36 técnicos.

Quase um veterinário por vaca, ventiladores e 20 kg de concentrados por vaca/dia ... é "zootecnia" demais pros meus juízos. À saída deles, corri pro curral e depois, pro Escritório, carente de refrigério na mente e paz no espírito. Fui olhar as Guzerás, e reler a Conferência do respeitado técnico argentino Ricardo Ayerza, na

Reunião da SBZ (1991) aqui na Paraíba, e depois rezar pra Deus, invocando sua misericórdia:

"... a energia requerida pelo gado indiano é 20% menor que a requerida para raças de *Bos taurus*."

"... a proteína bruta requerida para manter vacas *Bos taurus* é 28% maior, em comparação com o *Bos indicus*."

E que citava seu professor Jorge Molina, do livro *"A Nova Conquista do Deserto"* (1979), acerca da colonização do Chaco, de seu país:

"... as raças inglesas deram bons resultados na pradaria dos pampas. No Gran Chaco, não têm aplicação nenhuma, salvo, como temos visto em algumas granjas da zona, se tenham os touros alimentados com alfafa e mantidos na sombra."

"... quanto mais se mestiçavam com raças européias, tanto menor era a produção pecuária. Em muitos casos se chegava, inclusive, a 35% de produção."

"Todos os plantéis de produção de carne utilizando grãos de cereais, aptos para seu consumo direto pelo homem, se revelaram totalmente ineficientes do ponto de vista do fluxo de

energia que participava no processo...."

"Em Israel, um informe do Instituto Volcani (1975) indicou a total ineficiência energética da pecuária israelense. Por cada kilocaloria no produto final obtido, se estavam gastando 2,4 kilocalorias só de combustível... despropósito impossível de continuar com a alta dos preços do petróleo...."

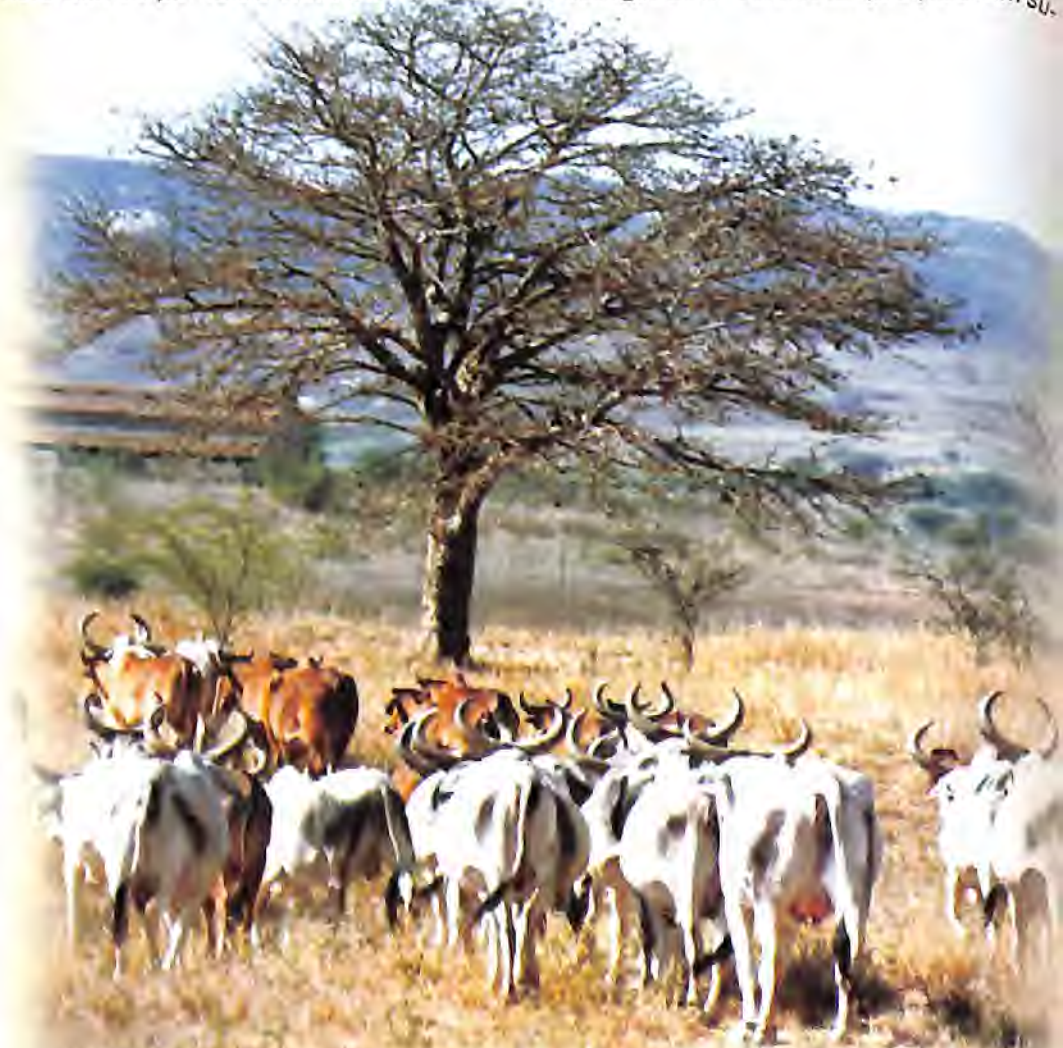
"...temos de redescobrir a produção de carne e leite mediante a utilização de pastos e não de grãos de cereais...."

"Segundo Borlaugh - prêmio Nobel da Paz - 30% dos cereais do mundo são consumidos para produzir carne...."

"...o mesmo Dr. Borlaugh diz que, se se eliminar o animal como intermediário, em escala mundial, o problema da alimentação podia ser resolvido em tempo prudencial...."

Também destacou alegações escritas por Bonsma, que a mim dizem, sempre, muito:

"A seleção é nossa ferramenta mais poderosa e é chegado o momento em que devemos regionalizar nossa produção ganadeira sobre bases ecológicas... animais que possam su-





portar as altas temperaturas atmosféricas... imprescindível selecionar gado com pelagem suave, lisa, de cor clara ..."

"...a meta da criação animal é produzir a máxima quantidade por unidade de superfície e somente será um êxito, através da completa adaptabilidade e uma seleção por eficiência funcional e eficiente conversão dos alimentos..."

"...a relação entre o animal e seu meio ambiente deve ser compreendida muito bem."

Estudaram a fundo e vieram buscar Zebu no Brasil, considerando o problema da raça a criar, "*componente técnica fundamental*" para o atraso ou a evolução possível, para converter "... *el Gran Chaco en la carniceria del mundo*". (O Chaco, geograficamente, tem a mesma dimensão que o semi-árido nordestino).

4) – Outras lições incluindo heresia

- Precisei reler, também, as entrevistas de Felisberto Camargo, 1952 e 1954, brilhante e sério zootecnista brasileiro, dirigindo o IPEAN – Instituto de Pesquisa Agropecuária do Norte, no Pará, que, de tal modo conscientizado pela experiência em seu ofício, condenava as vacas tristonhas, como o caminho para ter leite e carne naquele mundão futuroso da Amazônia.

Havendo já repassado à Universidade do Pará, 40 fêmeas Guzerá-JA para pesquisa e difusão, voltava da Ásia trazendo 31 Sindis, "gado nacional do Paquistão", originado ao norte, no Afeganistão, material genético diferenciado, por ser destinado ao Governo do Brasil. Explicava essas duas iniciativas e sua insistência, senão bendita teimosia, para chegar em Fernando de Noronha, dentro do avião com o gado. Vencida a quarentena exigida de dois anos (!?), transferiu o rebanho para Belterra e, só aí, dignamente, requereu sua aposentadoria do público serviço e deu, na saída, a segunda entrevista, ao "Mundo Agrário" do Diário de Notícias, contando as coisas essenciais.

Fora punido porque, já no Paquistão, não cumpriu a contra-ordem do Ministro suspendendo a compra e depois, fez-se a luz, foi condecorado

por Ministro posterior, porque trouxe. Encontrou, para nós, por esse caminho de aspereza e desencontro, mais um zebuino milenar de ainda menor volume aparente e poderosa eficiência: precoce, prolífico, bom de leite, rústico, de ossos finos e carcaça rica. Vitória do Brasil real ... Viva o povo brasileiro!

- Eu já tinha sabido porque a raça Chianina, seca, peralta, grandona, selecionada pelos italianos para tração pesada nos Alpes e, por isso, arquivada pelo motor a diesel, de repente voltou a se expandir: o Brasil passou a comprá-la avidamente. Vi muito o rastro de Chianina nas coxas batidas e na altura súbita de muitas "Nelores" em Exposições. A medicina havia descoberto mais sobre o colesterol ruim e as raças inglesas de corte, abaesadas por seleção, tiveram que enxugar a gordura entremeada nas carnes, "levantando" as carcaças da proximidade do chão. O conceito de "carne boa", de repente, foi trocado.

Os arautos da nova circunstância, parcos de critério, sem lembrar que os zeus não precisavam disso porque já tinham, naturalmente, a carne enxuta, com a gordura menor e apenas sobreposta, proclamaram a "modernity" e danaram-se a sugar as canelas do gado; "boi alto", dorso e anca na mesma horizontal e peso absoluto crescente, para estourar, com ossos pesados e banha, as tabelas das pistas de julgamento. O rendimento em carne, a fertilidade e a produção de leite para a cria desabaram; a parte consciente que safou-se dessa, vem corrigindo o desvio. A perna alta da vez, tinha a mesma natureza de conversa ôca, que a orelha grande de antanho... O subdesenvolvimento é um fenômeno integral!

Mas, até aí, ainda entendi: "...o Nelore é criado para corte e o primeiro mundo (sic) do patrono fez na dele, eu, que sou "moderno" e "de vanguarda" tenho de fazer na minha..."; esquecendo a lição do experiente Professor Bonsma, da África do Sul, numa conferência em São Paulo (1982), onde demonstrou que um Zebu e um *Bos taurus* diferem radicalmente, desde as narinas até a ponta da cauda, por fora e por dentro.



- O que não pude entender até hoje, foi o surto herege posterior de "Guzerá moderno", que passei a ver e ouvir sob elogios. Lá se foi ele, conduzido a reboque daquele Neloroso, "campeão" de pistas intencionais e efêmeras, sem qualquer necessidade, até porque esse – se era pra imitar dissonâncias alheias sem pensar – já recuava do equívoco engendrado e o Guzerá, em seu lugar, já tinha tudo: era bastante eficiente no seu porte racional, na área (e não somente a linha) dorso-lombar ampla, garupa inclinada para fecundar e parir fácil, coxões cheios e afastados para caber bom úbere, harmônico, enfim, de categoria plena e própria. Fizeram compostos anômalos: sem lombo largo, sem leite, sem chifres, neo-orelhudo, ossudão, disforme, com o andar e jeito de cavalo trupizepe, de fenótipo confuso e genótipo diluído, porém ...pesados. Muito pesados aliás, na balança vivo, nos neo-umbigos e no novo estilo, sem refinamento de linhas, sem a nobreza da raça, modernozo, brega, parecendo coisa de Miami e não da Índia.

A dificuldade para um novo criador distinguir entre o fortuito bem cantado e a verdade permanente, perturbava a administração do conflito entre uma vaidade e a razão – que emergirá um dia – e mais estraga do que ajuda a expandir a raça, deixando mais longe o ponto de equilíbrio entre a racionalidade e o ...orgulho. Mesmo o orgulho sendo considerado o pai dos pecados, é fatal: quem se envolve com o Guzerá, chega nele,



embora convertido num fator de construção. Ficar na vaidade menor é coisa de diletante, é ruim: não é positiva, ilude o portador, confunde o neófito e cansa a paciência dos outros.

5) Outras alegrias: a sustentação da persistência e a elaboração da perenidade

- De volta ao pavilhão onde assistíamos a ordenha pública de Guzerás sem farmacologia, dando até 21 kg e onde uma novilha muito expressiva da raça, precoce e dócil por natureza, sem maior trato, já convertia pro balde 12 kg de leite, meus dois filhos Joaquim e Daniel, comentavam, intrigados, o julgamento que acabavam de assistir – o primeiro a que prestavam atenção. A Campeã teve peso absoluto de 699 kg e a reservada, 698, ambas com cria ao pé. Eles, considerando o resultado trocado, pois achavam bem melhor a segunda e tendo ouvido que essa tonelagem era resultante do embaçamento permanente, desde bezerras, e a adição no cocho de até 18 kg/dia de concentrados e que "assim é que se tem de fazer, para entrar nas pistas", estranhavam a magrelice e pêlos grossos dos bezerrinhos, apesar do farelo, e estavam confusos para discernir entre o bom e o melhor, entre o que era certo ou errado. Certamente surpresos com a "filosofia" e o contraste entre o que viram / ouviram e as cocheiras da Carnaúba, já cogitavam de me supor um sovina com as vacas, desatualizado na vontade e na "ciência" da criação.

Roosevelt Garcia, o guzeratista dono da novilha boa e da acuidade, do humor refinado e da riqueza intelectual que se conhece, foi em socorro deles: "Quem decide mesmo é a balança, por isso a diferença na premiação. Aquela conversa do rapaz de chapéu texano é mero discurso de

abertura; é uma só, banal, anódina, decorada pra qualquer categoria de idade e qualquer raça. É jogo de arquibancadas e não pro curral. Reparem até no detalhe, nem mais é chamado de juiz, aquele que pergunta, explica, pondera, ensina e, por fim, dá a sentença; agora já é classificado de jurado. Por analogia com os Tribunais, os jurados são apenas palpiteiros, quem sabe distinguir é o outro; deixem isso prá lá e atentem para a ação construtiva implícita nesses baldes cheios e nessas vacas relativas, sem exagero de tamanho, costelas cobertas e bezerrinhos gordos, sem patacas de banha no corpo e sem jeitão de macho, comendo feno e



concentrado leve".

Outro companheiro, ao lado, comentou: a humanidade não começou agora e o que é feito hoje com o apelido enfático de moderno, não é, necessariamente, superior ao de ontem, chamado por isso, de antigo, arcaico. Muitas vezes, sem qualquer saudosismo, o clássico, o "arcaico", é melhor, é perene. Foi o que faltava pra Roosevelt arrematar: "O Guzerá arcaico é que vale a pena, é, por exemplo, o meu, o de seu Pai, o de Woden Madruga, o de João de Abreu o de Mohenjo-Daro, o de quem cre em Deus e olha adiante, a partir do que já houve, do ontem, para seguir no seu trabalho, do qual depende para viver".

Gostei dessa trama toda e fiquei chamando o Guzerá x Guzerá, de Arcaico e tenho passado a estória

adiante, com aceitação reflexiva.

A Joaquim e Daniel, de volta à casa, dei pra ler uma parte do livro "Estudo sobre Seleção do Gado", do professor Bonsma, formulador da teoria da Eficiência Funcional de Bovinos, chamado a fazer palestras no mundo inteiro, onde trata da influência do meio – a luz, a temperatura, a radiação solar, a latitude, a acidez do chão, o vento, a altitude, etc. sobre os gados:

"... Em minha concepção da produção animal, o homem é o fator ambiental mais importante ...

"... se o homem muda os métodos devido a fatores externos à fazenda e perde o incentivo para criar melhores animais, o programa de melhoramento degenerará ... é uma faceta da produção pecuária dos Estados Unidos que me preocupa. Muitos criadores ... não necessitam obter utilidades de suas fazendas, já que fazem dinheiro em outros campos, do comércio e da indústria ... participam da produção ganadeira porque a consideram um símbolo de sua posição social e financeira. Assim, muitas das iniciativas

que começaram sendo um honesto esforço para disseminar sementes superiores têm degenerado, até chegar a converter-se em simples acontecimentos sociais, onde se demonstra o poder material e se comercia através da posição social e da amizade ..."

Agora há pouco, eles vieram me mostrar, muito animados, o artigo "A cara do Nelore", na revista Agropecuária Tropical, do tradicional criador Orestes Prata Tibery Júnior:

"... que o sucesso não seja passageiro. ... É preciso que esteja aliado na pureza racial que está sendo descaracterizada ... na harmonia da carcaça que está sendo menos importante que o super-peso, na fertilidade que está sendo valorizada pela prenhez precoce ... na grande



maioria feita artificialmente" ...

"... será que os mais pesados são os melhores? ... Nelore não pode seguir os métodos de seleção das raças européias.

... verdadeiro "arrastão tecnológico" ... As mães dos grandes raçadores não são as vaconas pesadas e grosseiras, e sim as femininas caracterizadas e harmoniosas" ...

"... Já erramos feio com os peraltas que atrasaram a nossa seleção. Agora erramos com o exagero do peso e da prenhez precoce. ... o Nelore já tem peso suficiente ... vamos cuidar da boa distribuição da carcaça ... o padrão racial existe e tem que ser respeitado" ...

"... Nelore tem que ter cara. A cara do Nelore é a mesma de sua origem, de animais com histórico e carga genética ... não pode caminhar para virar cara de Brahman" ...

Apelo do Brasil real. Ele está também aí. Viva ele!

- Ouvi há poucos dias, na palestra de um perplexo assessor espanhol da FAO, para conservação de recursos genéticos animais, temporariamente no Brasil, que os belgas ativaram a criação de BBB porque ... o Brasil estava pedindo compra. O "charme" desse boizanzão bundoso, é não saber mais andar e as vacas só parirem por cesarianas. Assim é de lascar; é doidice demais da banda caricata do Brasil... Morras a esse estado de espírito globoso, pseudo integrador dos bichos e povos do mundo!!

- O último episódio guzeratista que acompanhei, pela televisão, foi o leilão da Exposição de Governador Valadares, agora em julho. Virgílio Melo e Vânia Pena, do Centro Brasileiro de Melhoramento do Guzerá, haviam me dito que esperavam aquela mostra ser uma espécie de divisor de águas para a raça e seu mercado. A meu ver, foi. A campeã do torneio leiteiro (29 kg/dia), era uma Guzerá arcaica espetacular, com 15 anos de idade! Ela e as demais, um grupo grande de boas leiteiras, líras bem assentadas na canga, mansas, vivazes, foram arrematadas a bom preço. Quando surgiam umas mochoilas, as freudianas como eu chamo, grossei-

ras, longas orelhas viradas pra frente, pescoço curto esticado pro chão e olhar feroz, os vaqueiros subiam na cerca ... e os lances esfriavam.

Nosso estimado companheiro, Benício Cavalcanti, criador de entusiasmo e visão imensas, recém Presidente da ACGB, telefonou, vibrante: Eu vi lá que o Guzerá voltou a con-



vencer ... tinha carcaça ampla, tinha leite, tinha temperamento, tinha raça e deu preço. Quem não se enquadrava, valeu bem menos. Copiar Brahman ou repetir o desencontro histórico dos orelhudos, é um retrocesso, não tem sentido nenhum. É uma questão, até, de patriotismo.

Lá fui eu de novo ... viva o Brasil real, viva o povo brasileiro !!

- Não se deve negar, a ninguém, o exercício sagrado do livre arbítrio ou o valor de discordâncias iluminadoras, senão, no extremo da conversão desses consentimentos, em levandade ou discórdia.

Há quem "simpatize" e queira outro boi x vaca, ou, subvertendo as referências, atropela virtudes imemoriais, plasmadas nos cinco mil anos desde Mohenjo-Daro, que fixaram a rusticidade, a harmonia entre forma e tamanho, a prepotência genética, a beleza fidalga, a fertilidade e a evolução multifuncional do Kankrej x Guzerá, misturando-o com outras coisas, em troca de volumes forjados, canelas de subfêteis, supressão dos chifres para dissimulações, ou o que mais seja, desse viés sem razões fun-

damentadas. Um anúncio recente dizendo "Guzerá, o Zebu com carcaça de europeu", é uma contrafação, uma calúnia zootécnica, uma besteirada; Guzerá tem que ter carcaça de Zebu Guzerá ... até porque é melhor !!

Fui inteiramente convencido de que, se o lugar for o mundo ensolarado, sem friagens do chão, de fotossíntese plena ou secura intercalada, se a vontade é enxergar o Brasil tropical produzindo para seu povo, alimentos qualificados até nos custos, e, mais que tudo, o Nordeste pecuário do Brasil, o melhor caminho e não outro, é o da expansão do Guzerá de verdade - compatível, puro, comedor de folhagens, porte médio e expressivo, bom de leite e de lombo, firme de Genética, sem crises de aclimação.

Ou, no horizonte de uma pecuária impar, aquele que carrega consigo o essencial e acessórios valiosos: convergência e perenidade das variáveis zootécnicas primárias, integração de funções produtivas, melhor aproveitador de pastagens maduras, antecipador do futuro e, pelo lado subjetivo do Bem, indutor da contemplação da Beleza, aumentando a alegria de viver e, por tudo, à valentia interior que ajuda a nos defendermos de mistificações subversivas, como a panacéia da "globalização competitiva", servindo de desculpa para tudo que é erro, tudo quanto é feio e de mau gosto, que converte o circunstancial em negativismo e que exprime, por si mesma, um conceito falso.

O Guzerá verdadeiro, "arcaico", na Índia também chamado Talabad, que significa "o gado do lugar", pode romper muitas limitações da produção rural e de satisfação humana; ele é tecnicamente apropriado, politicamente racional, economicamente bastante e emocionalmente saudável, capaz de resistir a espasmos coloniais. E o melhor cruzamento será, pois, o de Guzerá... com Guzerá. Os fundamentos biológicos e o equilíbrio funcional desse elemento extraordinário, não podem ser destratados. É uma grosseria com Chuí, Domadora e Energia, é desconsiderar a Civilização que se cria no mundo dos Trópicos, e até, uma falta de respeito à grandeza do Deus Shiva, que concebeu o Kankrej em louvor ao boi Nandi, a divindade.

- Talvez tenha, nesses assuntos do meu entorno da vida de trabalho, me transformado num obcecado, re-



corrente, angustiada, mas, sempre um esperançoso. Minha relação com o Sertão é intensa, funda e inevitável.

Há que se tomar o Brasil como referência para o Brasil, numa síntese entre a lógica cartesiana, o potencial claro e a consciência histórica, para consolidar a Nação brasileira e, dentro dela, mais que tudo, o seu Nordeste das águas desarrumadas, da "Civilização do Couro" recriada em novas bases tecnológicas.

Ainda tenho um sonho: é ver esse Nordeste sóbrio, semeado de capins Buffel e suas leguminosas nativas,

Palma, Guzerá, Cabras Ibero-brasileiras de múltipla função e ovelhas deslançadas não enegrecidas por ignorância ou engodo e, por via de consequência, de gente feliz, capaz de preservar a intrínseca alegria do povo brasileiro.

O outro sonho é que o Guzerá, o gado do lugar, pela sua amplitude e sinergia, seja nomeado "gado nacional do Brasil", o que proponho aqui.

Indiciado, ou vai preso na etapa seguinte, ou é absolvido e volta pra casa; o depoimento que dá, às vezes é decisivo.

Depois de agora, se me contrariarem, não acho outro jeito: vou preservar, sem sofismas, a cortesia da clareza, inspirado num cabreiro sertanejo, que veio escolher bodes e dis-

se, contente por isso, que as conversas aqui, sobre raças animais, eram firmadas, não tinham "se" nem "talvez", e vou buscar a paz, imitando um personagem de Ariano Suassuna que, para sair de um falatório sem prumo e rumo, atalhou a discussão, dividindo a humanidade em dois grupos: os que concordavam com ele ... e os equivocados. O filho de Deus, contrariado pelo Cariri de Nazaré, me perdoará do pecado eventual, seja pelo tamanho desse depoimento ou pela soberba implícita no final dele.

*Dr. Manoel Dantas Vilar Filho
(Dr. Manelito) - É engenheiro e criador.
Extraído do texto "Guzerá em 3 tempos, item
3: "O Institucional bambo:
a Luz, alguma malcriação, tristezas
e seus antídotos".*

Panorama

Alta lança catálogos de Leite e Corte Europeu

No catálogo de leite estão relacionados 97 reprodutores das raças Jersey, Pardo-Suíça, Holandesa, Gir Leiteiro, Girolanda e Guzerá. Há foto de todos os reprodutores, além de informações e imagens das progênes, linear, média de produção de leite, facilidade de parto, vida produtiva, velocidade da ordenha e o sumário de avaliações realizadas no Brasil e, também, nos Estados Unidos e Ca-

nadá. No catálogo de corte europeu estão relacionados 116 reprodutores em coleta nas centrais Alta Brasil, Central VR e Bela Vista, que juntas formam a AltaVR BV. As raças relacionadas são: Aberdeen Angus, Red Angus, Blonde D'Aquitane, Belgian Blue, Bonsmara, Braford, Braunvieh, Brangus, Red Brangus, Caracu, Charolesa, Charolesa Mocho, Gelbvieh, Hotlander, Limousin, Marchigiana,



Piemontesa, Canchin, Polled Hereford, Santa Gertrudis, Senepol, Serangus, Simbrasil e Simental.

CS FAZENDA LAGUNA

CLÁUDIO TOTÓ

SELEÇÃO DE GUZERÁ PO/POI



VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES, MATRIZES, SEMÊN

Rua Dr. Bruno Garcia, 73 - Centro Três Lagoas -MS - Cep.79.600-050

Escritório CS - 67.521.2347 e-mail:nelorecs@terra.com.br

Aftosa: mais de 328 milhões de vacinas em 2003

A indústria veterinária comercializou no mercado interno 328.300.000 doses de vacina, com aumento de 3,3 milhões de doses em relação ao resultado obtido em 2002 (325 milhões/doses) e de 11,3 milhões de doses sobre as vendas de 2001 (317 milhões/doses). Os dados são da Central de Selagem de Vacinas (Vinhedo/SP), órgão constituído por meio de parceria entre o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Ani-

mal (Sindan) e o MAPA. O maior consumidor foi Goiás, com 45,7 milhões de doses, embora seja um Estado repassador de vacinas para o Norte do país. O Mato Grosso do Sul, detentor do maior rebanho do país, ficou em segundo lugar, com 39,8 milhões/doses, seguido por Mato Grosso com 35,8 milhões de doses comercializadas. Minas ficou com 34,1 milhões de doses. São Paulo ficou com 32,2 milhões de doses.

Sisbov tem novas regras

O Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (Sisbov) tem novas normas de rastreamento e identificação. Os animais, agora, devem ser rastreados a partir dos 40 dias de idade e o selo que deve ser fixado no brinco preso à orelha do animal terá novo formato, com a marca d'água do Sisbov, a impressão padronizada contendo o selo oficial, e um novo código de 15 dígitos. O código anterior, continha 17 dígitos e identificava também a microrregião de origem do animal. O novo selo identificará o país e o Estado de origem do animal, além de conter nove dígitos identificando o bovino ou bubalino, e um dígito identificador final.

A partir de 31 de maio, o prazo mínimo de registro na base será de 90 dias. Depois, a partir de 30 de novem-

bro, serão 180 dias e, de 31 de maio de 2005 em diante, o Ministério da Agricultura só irá liberar o abate se o animal estiver na base de dados por, no mínimo, 365 dias.

A partir de 31 de dezembro de 2005, todo animal originário de criação de zona livre de febre aftosa e dos Estados em processo de declaração, independente de ser destinado à exportação, deverá ser incluído no Sisbov. A inclusão do animal nascido após esta data deverá ocorrer até 90 dias após seu nascimento.

Os animais originários dos demais Estados deverão estar no sistema a partir de 31 de dezembro de 2007. Hoje, existem quase 15 milhões de animais no Sisbov. Segundo o ministério, o rastreamento é uma exigência do mercado internacional para o comércio de bovinos.

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA

● Apocalipse dos insetos

Uma perigosa redução de insetos mobiliza especialistas da União Européia. Um estudo francês da Universidade Paul-Valéry, de Montpellier, mostra que o número de insetos que se alimentam de fezes animais está diminuindo perigosamente no país. Isto poderá reduzir a área de pastagem e causar prejuízos aos criadores. As drogas usadas para eliminar vermes que infestam cavalos, vacas e carneiros matam também milhares desses úteis insetos, que aceleram a reciclagem das fezes.

● Cresce devastação na Amazônia

No seminário "Visões da Amazônia" no Rio, pesquisadores mostraram o aumento do desmatamento e a volta de doenças como a malária. Entre 1978 e 1998, foram destruídos quase 400 mil quilômetros quadrados de floresta! Desde o descobrimento do Brasil haviam sido destruídos 152 mil quilômetros quadrados. Foram duas décadas de destruição acelerada. A explosão do desmatamento, registrada entre meados dos anos 70 e dos anos 80, coincidiu com o período desenvolvimentista da Amazônia, quando grandes projetos de construção de estradas, hidrelétricas e mineradoras foram implementadas. Nesse período, diz a pesquisa, a população está cada vez mais pobre.

● Japão saiu fora, dessa vez

A Embrapa Amazônia Oriental fabricou o "cupulate", um chocolate à base de cupuaçu, sob batuta de Raimundo Fátima Nazaré, em meados de 1980. Em 1990 o produto foi encaminhado para patente, mas - devido à nova lei de 1996 - a Embrapa desistiu do processo e depositou nova solicitação. No ano 2000, a empresa japonesa Asahi Foods depositou no Japão, na Europa e Estados Unidos sua patente do mesmo cupulate, fabricado exatamente igual ao da Embrapa. Dessa vez, o Brasil entrou na disputa e, em março de 2003, a Embrapa ficou - de fato - com a patente.

Iacob é o mais pesado do Brasil

O touro mais pesado entre todas as raças zebuínas é um Guzerá. Trata-se de Corona Iacob Arranjo TE, da Agropecuária Corona, de Porto Feliz (SP). Pesou 1.374 kg. É, sem dúvida, o Zebu mais pesado do mundo. A pesagem foi realizada por equipe enviada pela ABCZ. Deixou para trás seu irmão "Igor" que havia pesado 1.302 kg há pouco tempo. Iacob já é campeão em várias exposições.





Editorial

Sustentabilidade da bovinocultura de corte

Alexandre Carvalho

Primeiramente é preciso entender a definição de: "sustentável" para que se possa desenvolver um raciocínio a respeito do assunto. Pesquisando-se em diversos dicionários, pôde-se verificar que sustentável significa: Que se pode sustentar; Impedir que caia; Alimentar; Defender com argumentos; Resistir ao inimigo; Contornar as dificuldades; Sobreviver; Animar; Impedir a ruína; Conservar; Capacidade de se manter estável por longo período; Pelejar.

É muito fácil inserir no discurso a palavra sustentável, porém, na prática, desenvolver uma atividade realmente sustentável, com crescimento econômico satisfatório e mínimo impacto ambiental e social, torna-se

extremamente complexo.

Não adianta propor tecnologias "ditas sustentáveis" mas que, na verdade, dependem de recursos não renováveis. Nesse contexto, vale a pena ressaltar a insustentabilidade do uso intensivo das pastagens que dependem de fertilizantes nitrogenados, derivados do petróleo.

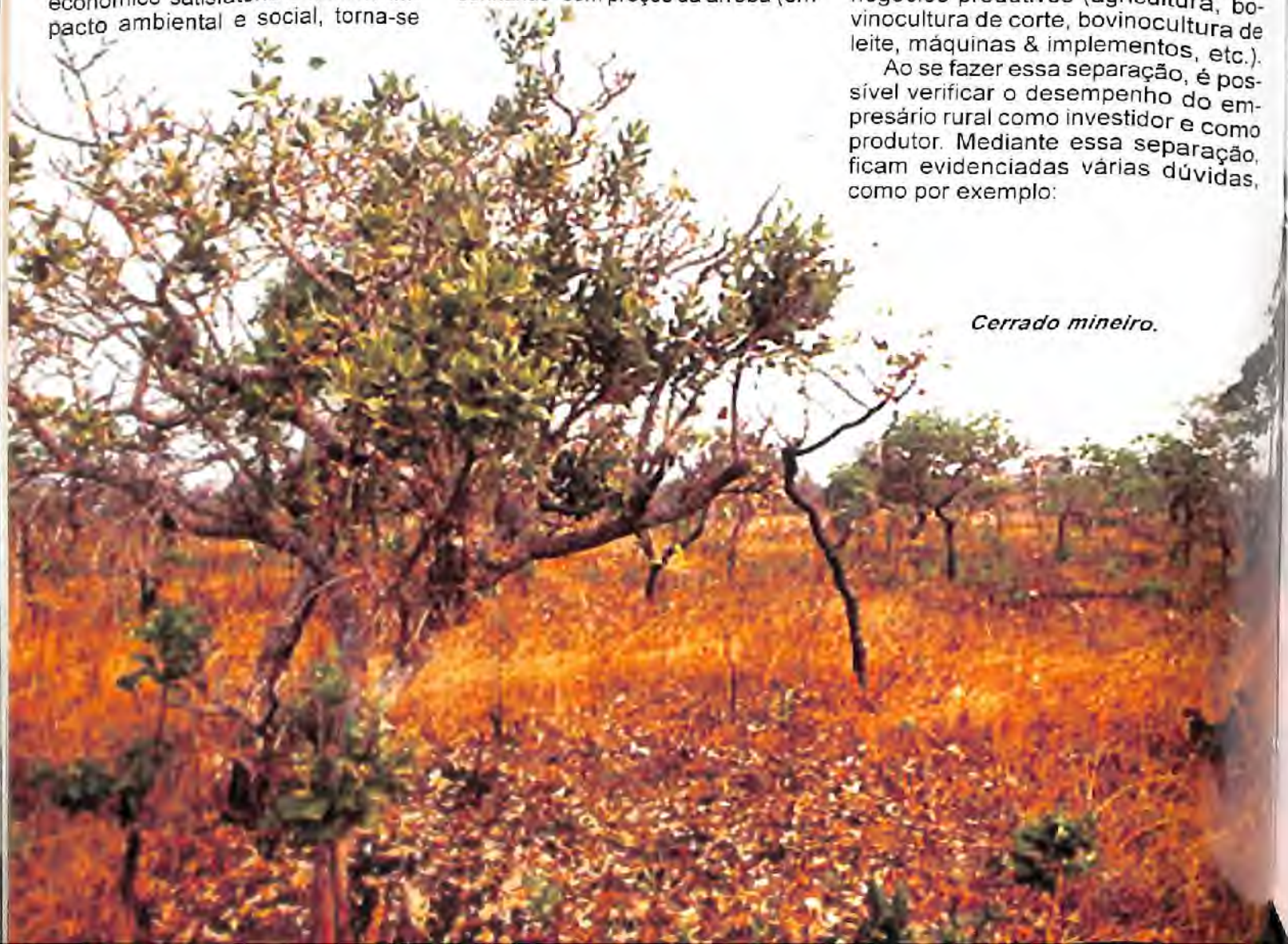
A verdadeira sustentabilidade deve estar apoiada em 4 aspectos. A omissão de um desses quatro colocará em total risco, qualquer proposta sugerida. São eles: Econômico; Social; Ambiental e Tecnológico.

Econômico - Não adianta ficar "sonhando" com preços da arroba (em

dólar) atingindo valores em torno de US\$ 25,00. É preciso encarar a realidade e focar a redução dos custos de produção. Ao invés de adotar uma tecnologia de produtos, é fundamental focar na tecnologia de processos (procedimentos que irão reduzir a utilização de insumos e aumentar a lucratividade).

Para não mascarar os resultados econômicos, é preciso definitivamente, adotar uma metodologia específica de avaliação econômico - financeira. No momento de se efetuar essa análise do Agronegócio não se deve misturar os dois negócios completamente distintos: negócio imobiliário e negócios produtivos (agricultura, bovinocultura de corte, bovinocultura de leite, máquinas & implementos, etc.).

Ao se fazer essa separação, é possível verificar o desempenho do empresário rural como investidor e como produtor. Mediante essa separação, ficam evidenciadas várias dúvidas, como por exemplo:



Cerrado mineiro.

- as vantagens ou desvantagens da terceirização de máquinas e implementos;

- se é melhor alugar os pastos para terceiros ou para o rebanho próprio;

- se é melhor intensificar ou agregar valor ao rebanho e a ambiência das pastagens;

- etc.

A primeira consideração a se fazer é que, realmente, adotar um sistema pecuário extensivo (máximo 1 UA/ha), principalmente em terras caras e nobres, gerará uma menor lucratividade para o negócio produtivo pois, o aluguel de pasto nessas regiões, tem preços elevados.

Por outro lado, adotar um sistema intensivo com suportes mais elevados (acima de 2 UA/ha) implica em aumentar a produtividade, o que não quer dizer que a lucratividade será aumentada na mesma proporção pois, certamente, os custos totais irão aumentar expressivamente com as adubações pesadas e com mais animais pagando um aluguel de pasto caro. Isso é bom para o negócio imobiliário que irá aumentar a sua receita mensal.

Fazendo-se a análise do negócio produtivo separado do imobiliário, o pecuarista verá que sistemas intermediários (1,4 a 2 UA/ha) são mais rentáveis do que sistemas extensivos (extrativista) e mais do que o intensivo (tecnologia de produtos). É importante deixar claro que nesses sistemas intermediários, a critério do técnico, poderão ser utilizados o calcário e fontes de fósforo parcialmente solúveis, em momentos oportunos. Mas sempre lembrando que a prioridade é fechar os espaços vazios entre as touceiras de capim e aprofundar as raízes das forrageiras, aproveitando-se melhor o perfil do solo e nutrientes já existentes na propriedade, porém subutilizados.



Planalto da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso. O cerrado recobre cerca de um quinto do território brasileiro e ocupa o planalto central do país.

Outro ponto importante é que nesse sistema intermediário (caminho entre o convencional e o orgânico), no momento oportuno, a propriedade poderá ser convertida por uma certificadora como "sistema orgânico". Esse mercado de orgânicos ainda é incipiente, porém é crescente, principalmente na Europa. Os preços da arroba de animais orgânicos são mais atrativos.

Já no sistema intensivo das pastagens, esse mercado orgânico (tendência inevitável do mercado no futuro) jamais poderá ser explorado, já que em sistemas orgânicos, não se admite suporte acima de 2 UA/ha, adubos nitrogenados, herbicidas, hormônios, vermífugos injetáveis e outros insumos agressivos ao meio ambiente a ao consumidor da carne bovina.

Toda vez que se intensifica um sistema com argumento de que haverá aumento da receita mensal para

o produtor, é um equívoco, pois esse acréscimo é às custas de menores rentabilidades e lucratividades, devido os maiores custos de produção.

Social - Qualquer atividade que não tenha uma preocupação com os aspectos sociais está fadada ao fracasso. No caso específico da bovino-cultura de corte, apesar da mão-de-obra estar entre os 3 maiores custos de produção, disputando com aluguel de pasto e suplementação mineral, ela não pode ser encarada como o vilão dessa história. Os salários devem ser dignos e a equipe de campo precisa participar da lucratividade da empresa rural.

Aliás, os pecuaristas deveriam apoiar e pressionar o aumento do salário mínimo, pois o preço da arroba do boi gordo está diretamente relacionado ao valor do salário mínimo já que, cerca de 88% de nossa produção é destinada ao mercado interno. Portanto, essa atitude por parte dos pecuaristas resultará em impactos positivos na lucratividade e rentabilidade da pecuária, mesmo que isso possa aumentar os custos totais da arroba. A pecuária é uma atividade cujo aumento no custo da mão-de-obra é altamente recompensado pelo benefício do aumento da receita, provocada pelo aumento no consumo de carne.

É preciso melhorar a qualidade de vida no campo, investir na educação ambiental e formação das crianças no



Pastoreio no Pampa Gaúcho.

meio rural. Capacitar a mão-de-obra, reduzir a rotatividade de vaqueiros na propriedade e conter o fluxo migratório para as cidades.

Apesar de a bovinocultura de corte não empregar tanta mão de obra, a quantidade de propriedades, reunidas no Brasil que adotam essa modalidade do agronegócio, geram tanto emprego quanto as atividades industriais nos centros urbanos.

Nesse contexto, é preciso adotar técnicas que necessitem de trabalhos braçais e que irão gerar empregos no campo como as roçadas de pasto. A questão é que essas roçadas devem ser realizadas no início da seca para garantir a brotação tenra e induzir o ramoneio do rebanho durante o período de escassez de forragem, minimizando a utilização de sais proteínicos, reduzindo custo de produção da arroba. A utilização abusiva de herbicidas ou arranquio com o enxada da vegetação reincidente, com o tempo, irá alijar essa importante mão de obra no campo.

É preciso aumentar a mão-de-obra no campo adotando-se as podas laterais (foice na vertical) da vegetação espontânea com porte arbóreo e o raleamento (foice na horizontal) da vegetação de porte arbustivo. Esse aumento da mão-de-obra é compensado pelo resgate da ambiência (arborização) e pela disponibilidade de alimento alternativo (folhas de arbustos recém-rebrotados) para a estiação. Os lucros compensarão essa maior mão-de-obra.

Ambiental - Não adianta pensar no social se o ambiental não estiver bem incorporado no conceito teórico e principalmente, na prática.

Quando se fala em ecologia, muitos técnicos e pecuaristas pensam que isso é coisa de poeta ou de "eco-chatos". Na verdade, ecologia tem tudo a ver com economia. São intrínsecos.

Segundo o Economista PhD Charles Mueller, da Escola Neoclássica (economia da sobrevivência), tudo que é ecológico, também é econômico. E tudo que é econômico, é ecológico. São intrínsecos.

Portanto, quando o pecuarista adota um procedimento que tem âmbito ecológico, pode estar certo de que ele está no caminho lucrativo e sustentável. É por isso que as tecnologias de processos são tão respeitadas, pois além de minimizar a entrada de insumos na atividade (redu-

ção de custos), também existe uma preocupação ecológica e social.

Alguns técnicos afirmam que o uso intensivo das pastagens é ecológico, pois impedem o desmatamento das florestas, já que ocorrerá maior exploração das pastagens em regiões nobres. Essa afirmação é totalmente equivocada, pois o desmatamento da Amazônia e do cerrado, infelizmente, irão continuar de uma forma desordenada, seja nas centenas de assentamentos já realizados e naqueles em andamento, seja pelos pecuaristas que já pagaram pela terra e vão querer explorá-la ao máximo permitido pela lei. Esse desmatamento desenfreado nas terras distantes e "baratas" irá ocorrer independentemente do pacote tecnológico adotado nas regiões de terras mais nobres e "caras".

Na verdade, é preciso conscientizar os pecuaristas de que é mais econômico produzir em harmonia com o

irão quebrar os ventos predominantes do leste. Além do mais, essas faixas irão sombrear parcialmente as pastagens, já que o sol caminha no sentido Leste-Oeste. Essas faixas arbóreas nas regiões de mata garantirão pastagens mais verdes e nutritivas durante o período de estiagem.

Nessa técnica, dispensa-se o enleiramento e a gradagem, os quais geram um grande impacto ambiental que é a diluição da fertilidade nos primeiros 10 cm superficiais, onde se encontram mais de 80% das raízes das forrageiras.

Caso contrário, com a eliminação da vegetação espontânea (plantas nativas remanescentes e reincidentes), a reposição de nutrientes exportados, via venda de animais, terá que ser imediata e mais intensa pois não contará com a presença das árvores nativas, as quais têm facilidade de extrair nutrientes contidos na terra. Nu-



Pequenos produtores criam suínos à solta. Os pastos são sombreados por árvores nativas.

meio ambiente e que é possível formar o cerrado (num prazo de 90 dias) sem desmatá-lo. Já no cerradão é econômico e ecológico, formá-lo apenas raleando algumas árvores com o trator de esteira, gradeando no máximo a 10 cm de profundidade para não diluir a fertilidade no local. A brotação que irá aparecer após o desmatamento será importantíssima para garantir o ramoneio (hábito de pastar ramos) do rebanho durante o período de estiagem.

No caso da mata, é possível formá-la deixando-se faixas Norte-Sul que

trientes estes que não aparecem disponíveis na análise laboratorial de solo. Essas árvores, mediante a reciclagem de nutrientes (folhas mortas caldas no chão), além de adiarem a utilização de insumos (fertilizantes), também poderão promover conforto térmico para os animais, controle de cigarrinhas, contenção dos ventos e garantir a qualidade da forragem para o período mais crítico do ano, já que, segundo Gardner A. L. (1986), o processo de lignificação (endurecimento) dos capins diminui com a menor insolação e a menor temperatura am-

biente nos locais parcialmente sombreados.

A temperatura é fator limitante, mais do que a idade fisiológica da planta. Em resumo: um pasto arborizado que foi vedado por 120 dias, ficará mais tenro do que um pasto sem árvores vedado por apenas 60 dias. Temos fotos e depoimentos de pecuaristas que confirmam essa afirmação.

Já o sistema intensivo (adubações pesadas) é insustentável, pois sugere que todas as árvores sejam retiradas das pastagens e utilizam áreas de lazer, concentrando os dejetos bovinos ao redor dos saleiros fixos. É por essas propostas irresponsáveis que as bacias que captam as águas das chuvas estão totalmente desprovidas de árvores e é por isso que o ciclo da água não está se completando e todos nós estamos penalizados economicamente pela falta de chuvas.

Nesse contexto, é importante frisar que o sistema intensivo das pastagens é completamente anti-ecológico, não por contaminar o lençol freático com as pesadas adubações nitrogenadas. Realmente, os solos profundos presentes no Brasil central (pastagens tropicais) não têm problemas com contaminação dos lençóis com nitrato, porém, por volta de 80% do nitrogênio amoniacal aplicado nas adubações pesadas, volatiliza e aumenta o rombo na camada de ozônio, sem falar que esse insumo representa por volta de 70% do custo total da adubação e está, a cada dia, mais caro. Esses adubos nitrogenados comumente utilizados são provenientes do petróleo, que é uma fonte não renovável, tornando portanto, insustentável qualquer proposta que dependa desse insumo (tecnologia de produtos).



Mata Atlântica.

tável qualquer proposta que dependa desse insumo (tecnologia de produtos).

Tecnológico - Quando se fala em aspecto tecnológico, a primeira conclusão óbvia é que se deve adotar técnicas sofisticadas. Esse é o primeiro equívoco, pois como já dizia o Joelmir Beting:

"Modernizar não é sofisticar. Modernizar é simplificar"

Diante dessa constatação lógica e racional, torna-se imperativo adotar tecnologias simplificadas que visem lucratividade em detrimento da produtividade. A bovinocultura nacional, para que ela se possa sustentar no tempo e no espaço, não precisa de protecionismos e nem de tecnologias

sofisticadas. Precisa sim, de uma tecnologia que seja realmente sustentável e que não seja refém de insumos derivados de petróleo, como os adubos nitrogenados. Isso com certeza seria insustentável. É preciso uma tecnologia que harmonize solo, planta e animal.

Dentro desse contexto, o sistema intermediário (tecnologia de processos) é uma versão mais racional pois é o caminho do meio: nem intensivo (acima de 2 UA/ha) e nem extensivo (até 1 UA/ha). As propostas intermediárias (1,4 a 2 UA/ha) têm uma grande diferença: lotação equilibrada dinamicamente ao longo do ano. Note-se que o foco da tecnologia de processos não é produtividade (altas lotações), mas sim lucratividade (baixos custos).

A tecnologia de processos gera saldo energético positivo no sistema.

Alexandre Carvalho - é Engenheiro Agrônomo e diretor da VISÃO consultoria. Para saber mais sobre o sistema Manejo, desenvolvido pela Visão Consultoria acesse www.manejo.com.br

Nascente do rio São Francisco, em Minas Gerais.



Você sabia...?

... que em 1991, a Unesco publicou sua Declaração para o Futuro? Diz o seguinte: "Cada geração deve deixar os recursos da água, do solo e do ar tão puros e despoluídos como quando apareceram na Terra. Cada geração deve deixar a seus descendentes a mesma quantidade de espécies de animais que encontrou".
Ninguém obedece!



- Você viu quando
me chamaram de
"Barriga de Ouro"
no III Leilão
Guzerá da Barra?

- Engraçadinha...
tem a ver com as
qualidades de meus
filhos!

- Deviam estar se
referindo ao tanto
que você come...

Fiquei sabendo que
mais de 300 Guzerás
participarão da
70ª Expo Zebu, o dobro do
que no ano passado.

- É... nossa raça
cresce rápido
mesmo!

A história continua na 70ª Expo Zebu de Uberaba.

Quem veio ao III Leilão Guzerá da Barra, realizado em março deste ano,
presenciou um capítulo emocionante da evolução da raça Guzerá.
A AgroBarra convida você a acompanhar o próximo capítulo desta história:
as provas de pista da 70ª Expo Zebu de Uberaba.

Esperamos você
no IV Leilão Guzerá da Barra,
logo após o
Carnaval 2005!



Genética Refrescante

Beto e Roberto Neszlinger (14) 3642.1456 | www.agrobarra.com.br

Super-remédio contra a Tristeza

A Babesiose (*Babesia bovis* e *B. bigemina*) e a Anaplasmosse (*Anaplasma marginale*) bovina constituem-se nas principais enfermidades transmitidas pelo carrapato *Boophilus microplus* no Brasil. Esses parasitas causam a TPB - Tristeza Parasitária Bovina, responsável por prejuízos da ordem de US\$ 500 milhões/ano à pecuária brasileira, estimados pelo Ministério da Agricultura.

A grande dificuldade no tratamento da TPB reside na difícil diferenciação entre anaplasmosse e babesiose em nível de campo dada a similaridade entre os sintomas apresentados - febre, anemia e prostração. Para tratar a doença, de forma correta era necessário a identificação laboratorial do agente cau-

sador, através de exame sanguíneo, que leva tempo e dinheiro. Só após essa distinção, era possível aplicar a medicação correta.

O problema foi solucionado com o lançamento do quimioterápico de longa ação Vivatet LA 200, do Clarion Biociências (Goiânia/GO). Medicamento pronto para uso e que combate os dois parasitas em uma única aplicação, na maioria das vezes, sendo o único medicamento no mercado com essa formulação. O Vivatet LA 200 possui os três princípios ativos: oxitetraciclina e diminazeno, eficazes no tratamento da babesiose e da anaplasmosse e o Piroxicam, que tem efeito anti-inflamatório, analgésico e antitérmico. Informações: www.clarionbio.com.br



BNB comemora expansão de 300%

O Banco do Nordeste injetou na economia regional recursos da ordem de R\$ 1,3 bilhão, contra R\$ 670 milhões em 2002. Os financiamentos no âmbito do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) tiveram expansão de 300%, saltando de R\$ 254 milhões contratados em 2002 para R\$ 1,019 bilhão em 2003. "Na verdade, precisamos ter uma avaliação externa de nossa atuação, mas acreditamos que conseguimos resultados importantes, que, do meu ponto de vista, são apenas um 'trailer' do que nós deveremos pôr em prática daqui para frente, fazendo com que o Banco seja realmente do tamanho que a Região requer", disse o presidente

do BNB.

Apesar da reduzida rede operacional, o BNB tem hoje uma participação estimada em cerca de 80% no total das aplicações ativas do sistema financeiro do Nordeste.

Vale destacar que são, em sua grande maioria, recursos de longo prazo aplicados em apoio aos setores produtivos regionais, visando à geração de renda e novos postos de trabalho.

Os financiamentos de longo prazo concedidos pelo BNB em 2003, da ordem R\$ 1,3 bilhão, deverão gerar, quando da maturação dos investimentos programados, um total de 726 mil empregos na Região.

Brasil é o "titã da alimentação"

A revista norte-americana "Newsweek" (fevereiro de 2004) estampou na capa as proezas do agronegócio nacional sob o título "O verdadeiro boom do Brasil: os fazendeiros do país agora alimentam o mundo". O repórter Mac Margolis diz que a "revolução agrícola do Titã do agronegócio" está apenas no estágio inicial. Descreve a ocupação do Centro-Oeste e destaca a liderança do Brasil nas exportações mundiais de carne bovina, frangos e complexo soja. O Prêmio Nobel da Paz de 1970, Norman Bourlag, havia dito, durante encontro com o ministro Roberto Rodrigues, que o Brasil será em pouco tempo "o maior exportador mundial de alimentos".

O repórter norte-americano esteve em Lucas do Rio Verde, na região Médio Norte do Mato Grosso, e viu o intenso progresso gerado a partir do campo. Segundo a revista, "uma cidade que emergiu do pó há apenas 25 anos virou um dos mais importantes pólos de produção de milho, soja e algodão do Brasil. A fronteira é dotada de enormes silos, colheitadeiras computadorizadas, lavouras do tamanho de uma cidade, além de agrônomos inteligentes, moderna tecnologia e as mãos calejadas de pioneiros".

A revista constata a "supersafra" de 123 milhões de toneladas, o dobro de uma década atrás, e afirma que enquanto o desemprego nacional bateu em 8% no ano passado, o setor rural respondeu com um crescimento de 6,5% no país e de 10% em fronteiras agrícolas como Mato Grosso, Tocantins e Goiás.

Frase

"Banco é o lugar onde nos emprestam um guarda-chuva quando faz bom tempo e o tomam de volta quando começa a chover". (Robert Frost)

Sabatina

Quando o touro reenxerta algumas vacas no mês seguinte é normal?

É e não é. O esperado é que o touro enxertasse todas as vacas na primeira estação. Se não deu certo, convém tentar na segunda. O problema também pode ser das vacas. Se as mesmas vacas não enxertarem na terceira cobertura, com outro touro, pode descartá-las, pois são prejuízo certo.

GUZERÁ DA VEREDA
O ZEBU COMPLETO
Carne e Leite com Rusticidade
Genética Curvelana
Fazenda Santa Rita Lassance-MG
www.guzeradavereda.com.br
canabrava@ufu.br
Fones: (34) 9119-7879 / 3232-6289

FAZENDA
ÁGUA DO CAMPO
Porto Esperidião - MT - km 152 BR 174
próxima à Vila Cardoso
Guzerá LA e PO
Prop: Luís Alfredo Fontes Salles Graça
Fone: (65) 9989-5073 / 261-1242 / 9905-6992
E-mail: yorgoslssg@ig.com.br

Voltando à Índia:

Uma visão guzeratista e tropicalista

Eduardo Almeida

Passou, felizmente, aquele tempo em que muitos diziam, convictos, que "na Índia não tem mais nada que possa interessar ao Brasil". Na verdade, não sabiam o que estavam dizendo. Além da falta de informação, havia uma crença disseminada que *melhoramento genético* não poderia significar algo diferente de *seleção*. Seleção era tudo e mais alguma coisa.

Acreditava-se, quase como um "pensamento único", não faz tanto tempo – e os tantos que ainda acreditam são testemunhos candentes disso – que a depuração, sobretudo do que se considera defeito morfológico, como umbigueira baixa, por exemplo, e a construção de consanguinidade e pretensas linhagens "de marca" era o ouro em bovinocultura. Havia até alguma base que então se entendia como "científica" para se acreditar piamente nessas coisas.

Hoje não. Cada vez mais impõem-se exigências para desempenho funcional nos rebanhos. Desempenho ligado a custos econômicos e ambientais baixos, que permitam competitividade, sustentabilidade e taxas maximizadas de retorno e remuneração do capital investido. Desempenho embasado na firmeza de genótipo e não na ilusão agradável de fenótipo e outras aparências. Muito rebanho de "linhagem própria" sucumbiu por aí.

Entendemos que melhoramento genético pode ser obtido por métodos simples e caipiras de seleção. Há exemplos disso. Acreditamos até em intuição, "olho" e sorte nesse campo. Mas qualquer subestimação ou desconhecimento da genética e seu papel como recurso, ferramenta e insumo valiosos pode comprometer seriamente um trabalho de melhoramento e até mesmo condenar uma raça inteira à decadência e ostracismo.

**Descobrimos a Índia:
lucidez e precariedades**

As raças zebuínas no Brasil formaram-se, por uma parte, sobretudo naqueles criatórios pioneiros e seus de-



rivados fiéis, a partir de um número muito limitado de exemplares que chegavam da Índia a conta-gotas. E havia problemas e dificuldades sérias. Uma era que esses lotes ínfimos vinham misturados e se misturando. "Gado indiano" já era uma raridade e uma epopéia trazê-los atravessando meio mundo em navios a vapor. Discernir padrões autênticos de raças já seria um luxo quase impossível. Por outra parte, muitos rebanhos entraram no livro aberto com gado azebuado que partiu de lastro não-zebuíno (cabe lembrar que Oliver fez a descrição famosa das raças indianas somente em 1938).

Outra dificuldade era que, segundo consta, numa primeira fase, muitas compras na Índia eram feitas por marceneiros e comerciantes de companhias de navegação européias, de quem não se poderia esperar, realmente, qualquer capacitação para escolher, selecionar, discernir, usar critérios mais aprofundados... Se o touro ou a vaca lhe pareciam bonitos e sadios, o preço em conta, logo estava dentro do navio.

Na verdade, precisamos reconhecer, em primeiro lugar, que os indianos entendem tanto ou mais de gado do que nós. Afinal, detêm uma tradição muito mais antiga e enraizada. Se nós temos 450 anos de pecuária, os indianos têm 5 mil de Zebu. Sem reconhecer esse fato, acabamos nos prejudicando ingenuamente.

Então, mesmo sem consumir carne, os indianos conduziram sua seleção de tal forma que hoje podemos encontrar na Índia zebuínos de "conformação frigorífica", como já foi moda falar. E eles não são bobos. Se percebem que o comprador não entende, podem aproveitar para se livrar de um animal que querem descartar. Um reprodutor ou fêmea de temperamento ruim, por exemplo, com problema mascarado por amansamento e manejo. Esse fato, aliás, certamente ocorreu, como a gente pode conferir ao levantar a história do comecinho de alguns rebanhos zebuínos no Brasil. Claro que não veio só descarte para o Brasil. Mas que veio, veio.

Felizmente, já na primeira metade do séc. XX alguns

pioneiros uberabenses fizeram o esforço lúcido e notável de ir escolher gado na Índia. E trouxeram muita coisa boa, enfrentando aqui preconceitos e chacotas. E os criadores brasileiros fizeram um magnífico trabalho com esse escasso e às vezes precário material.

Revisitando a Índia: por retificações étnicas

Décadas depois, no final dos anos 50 e início dos 60, mais heroísmo e desobediência civil para trazer novas levas de genética de raças zebuínas de sua origem, desta vez com muito mais discernimento e critério. A fantástica experiência com o Zebu puro mostrou aos brasileiros que a fonte precisava de uma revisita e os caminhos sedimentados. Um ato de inteligência, por um lado, mas também de fé e respeito pela tradição indiana. Afinal, as raças zebuínas não são meros ecótipos, mas sim fruto de seleção humana.



Se, por um lado, as condições para escolha e transporte passaram a ser bem mais vantajosas, apareceram outros obstáculos e dificuldades bastante complicados. Havia uma pressão repressiva oficial mais atuante. De certa forma, persistiam limitações de logística para manter pessoas em quantidade e tempo suficiente para processar boas observações e escolhas. No Nelore talvez esse problema tenha sido melhor enfrentado. De todo jeito, as condições impunham uma seletividade maior em termos de qualidade já que existiam obstáculos difíceis para trazer quantidade. De fato, na raça Guzera, especialmente, o contingente foi pequeno. Um pouco mais de 30 animais.

Pior é que o Guzera acabou não aproveitando plenamente esse material. Logo na década de 70 começou uma campanha insinuante contra os "importados" no Guzera. A influência dos importados deu-se de forma parcial em alguns rebanhos disseminadores e de maneira mais intensa apenas em um número limitado de plantéis que não se revelaram tão populares, genética e comercialmente falando, dentro da raça (*vide Boxe*). De fato, naquelas importações, veio um gado de muito refinamento racial, excelente tipo, carcaça, precocidade, fertilidade e algum inegável potencial leiteiro, mas predominou, sem dúvida, um porte pequeno a médio. E ainda se registrou temperamento ruim em alguns reprodutores e matrizes – mas nunca um problema generalizado como se espalhou por aí.

Da Índia para o Brasil

Se ninguém fez um estudo mais detido – desconhecemos – fica a sugestão: como se deu, de fato, a contribuição genética dos "importados" (anos 60) no Guzera?

Com base em observações empíricas, sistematizando informações mais difundidas e disponíveis a quem estuda rebanhos e origens de rebanhos atuais, podemos asseverar alguns fatos.

Dos touros vindos, percebemos uma influência maior de dois, Ghallor e Parew, sobretudo através de dois, três ou quatro de seus filhos ou netos, e, mesmo assim, atingindo apenas parcialmente ou em dosagem contida o conjunto da raça.

Talvez os rebanhos "S", "NF" e "Cruz das Almas – Alagoinha" tenham sido, nessa ordem, os maiores disseminadores dos genes desses dois genearcas entre rebanhos puros. Mas nenhum desses três plantéis usou diretamente os dois genearcas nem produziu touros ou vacas POI.

Descendentes do Ghallor (Imp), os Ghallors VIII, IX, VI e IV, além de Jandaio Ghallor, Cubito Ghallor, etc. e filhos de alguns desses, estão no pedigree de muito Guzera PO ativo na reprodução atualmente. De Parew, touro festejadíssimo por sua beleza e áurea sagrada, tivemos, talvez, um número menor de reprodutores e reprodutoras influentes. Podemos lembrar de Parew Medhi II (e seu filho Profeta CA), Parew Cellawati DC (e seu filho Duque NF, campeão nacional), entre outros.



**Touro e vacas, importadas da Índia, em 1960,
por Celso Garcia Cid.**

Outros touros importados, como Bhoris, Kachari, Mambu, Hindusthani, Mandavaran, Kilimanjaro e Kajol, etc. tiveram influência, deixaram descendência até os dias atuais, porém de forma mais restrita, ainda que mais notados em alguns rebanhos específicos ou alguns nichos regionais de criadores com maior interação endógena. Quase todos foram vítimas de um modismo que os desvalorizava. Chegou ao ponto de ter se tornado "folclore" na raça o fato de que certos criadores os usavam e escondiam no fundo da propriedade.

Da década de 70 em diante, a partir da disseminação das braquiárias africanas e dos incentivos fartos ao alarçamento das fronteiras pecuárias, a moda e o ambiente comercial passou a exigir perna, umbigoeira curta, recém-nascido esperto, altura de cernelha e nada de leite excedente. Enquanto isso, na pecuária de leite, ao invés de uma valorização do papel e do potencial do Zebu, o que vigorava era a mentalidade segundo a qual as raças européias especializadas, especialmente a Holandesa, colhendo frutos de longos anos de melhoramento meticuloso, eram o único caminho. Leite em Zebu era conversa de visionários, sonhadores e teimosos sem senso de pragmatismo. Ecologia e fatores ambientais eram assuntos que apenas grupos isolados de cientistas discutiam.

Ai de nós se não fossem os visionários e teimosos!

Inércia, ostracismo e a Seca do Nordeste

Se os "importados" pouco serviam ao Guzerá, a raça em seu conjunto foi vista como pouco útil também à pecuária nacional. As vendas tenderam à queda ou estacionamento, o número de criadores também, claro. Injusto e precipitado colocar a culpa do problema nos "importados", até porque a maior parte do Guzerá permaneceu sem eles. Enquanto isso, a raça Nelore explodia em um *boom* fantástico, realmente incrível. O Gir e o Indubrasil também sofriam o impacto, mas, de início, como vinham de expansões consideráveis a partir dos anos 40, inclusive às custas do Guzerá, aguentavam-se melhor. Não se beneficiaram muito de Sudam, Sudene e Sudeco, mas tinham certo prestígio em seus nichos tradicionais de mercado, nas faixas do status e das badaladas exposições.



O Guzerá respirou um pouco nos anos 80 com um súbito crescimento de procura por criadores capitalizados do Nordeste, onde um marketing "biológico-ecológico" quase que espontâneo da raça impôs-se ante o impiedoso ciclo de seca que castigou o sertão nordestino na década anterior. A raça deve isso a pioneiros visionários da Paraíba, Pernambuco e Bahia, principalmente, alguns criando na caatinga desde os anos 30. Mas esse se mostrou um mercado restrito, incapaz de influir decisivamente nas próprias estatísticas ou tendências da raça. Na esmagadora maioria dos grandes projetos da Sudene e com apoio obsessivo de bancos oficiais, beneficiando fronteiras da Bahia, Maranhão e Piauí, a raça prestigiada foi a Nelore. Os técnicos da própria Sudene, cegos às evidências, costumavam contestar e mandar reformular projetos que preconizavam o uso do Guzerá, para corte ou para leite.



*Touro Parev, importado em 1960,
por Celso Garcia Cid.*

Alguns desses touros atuaram em apenas um rebanho. Foi o caso de Bhoris (no JA/J) e Hindusthani (no Soraya) e, certamente, um certo número de filhos ou netos deles, nenhum, ao que parece, POI, serviram eventualmente em outros rebanhos. À falta de informações que contradigam isso, não se vê, hoje, no universo mais amplo do gado puro, testemunhos expressivos dessa difusão.

Já Kachari, Mambu e Mandavaram, por exemplo, foram, eles próprios, usados em mais de um rebanho e tiveram filhos e filhas importantes – portanto deixaram netos e netas influentes – como se vê até hoje em pedigrees de rebanhos de registro. Os rebanhos que os usaram só mais recentemente passaram a ter influência maior no conjunto da raça, através de reprodutores com sangue bem mais diluído. Kachari se destaca um pouco mais em função de filhos como Kachari Kuni e Excelso que influíram bastante respectivamente nos plantéis JP e RF. Mandavaram deixou descendências importantes através dos guzerás NF e CP. Outros touros marcaram sua presença pela atuação do guzerá MF.

Com relação às vacas, parece precário o destaque a ser dado a uma ou outra. Aqui é mais arriscado analisar sem uma pesquisa mais detida sobre quais, no caso, foram mães de touros que formaram vacadas, ou avós de reprodutores marcantes. Em todo caso, são mais conhecidas as contribuições de algumas matrizes. Entre elas Kuwel, que nos deixou Hindusthani e Mambu; Kuni, que formava com Kuwel o par considerado melhor de leite da importação, também deixou pelo menos dois touros de certa influência: Kachari Kuni e Ghallor VI, com descendências até nossos dias. Fala-se que Gulab e filhas POI também deixaram descendência mais disseminada. Conhecemos bem um filho de Gulab II (com Mandavaram), o Bankok POI, cria de Leôncio Andrade, cujo gene teve maior difusão através de seu neto Urutu NF, cujo sêmem foi usado amplamente. Vale lembrar que as vacas Celawati, Medhi e as mães dos dois Ghallors usados por Antônio Ernesto de

A lenta reascensão

O sucesso do Guzerá no semi-árido – que então sentia o impacto do capim buffel – pode ter ajudado a sedimentar uma retomada de prestígio da raça, ao lado, sem dúvida, de outras virtudes conhecidas, particularmente em dois aspectos, em nosso entender:

- sua excelência na produção de cruzamento industrial ou F-1,

- e sua conhecida habilidade em ganho em peso, a pasto ou confinado.

E essa retomada começa lentamente em meados dos anos 90, acelerando-se nos tempos mais recentes. Agora as estatísticas já corroboram o fenômeno, como se pode ver pela venda de sêmen, pelas vendas em fazenda, e, sobretudo, pelos leilões.

A retomada de um trabalho mais articulado e prestigiado de seleção leiteira, a partir do exemplo de poucos rebanhos que nunca deixaram a peteca cair, notadamente o D e o da Embrapa na Paraíba, o JP em Minas, também se dá no início dos anos 90 e chama a atenção para o aspecto da dupla aptidão, um trunfo peculiar da raça Guzerá.

Criadores de Guzerá que mostraram continuidade de trabalho de seleção, sobretudo na linha da dupla aptidão, mas atentos às manias de um mercado "Nelore-condicionado", digamos assim, colhem finalmente seus frutos, após longo período à mingua de preços baixos e fases de encalhe de safra. Nos últimos 6 a 8 anos, os leilões Guzerá, principalmente os de elite, tornaram-se mais frequentes ano a ano e com médias de preços em escalada crescente.

Mercado forte, horizonte ampliado

E onde entra a Índia nessa nova fase da história? Provavelmente, numa primeira visão panorâmica, de forma semelhante ao que ocorreu com a raça Nelore durante as quatro décadas de *boom* desenfreado.



Reprodutora Kallana, filha de importada, crioula de Da. Mercedes de Paula Penna. Tida como padrão da raça, na década de 40.

Salvo, entre outras, deixaram, obviamente, maior descendência. Mas não nos consta que tenham influído de forma mais expressiva através de outros filhos ou netos.

Nisso tudo, chama a atenção o fato de que pouco se viu touro Guzerá "importado" ou POI coletando sêmen, diferentemente do que ocorreu com muitos touros Gir e Nelore. Mais um reflexo do duplo fenômeno de pouco prestígio dos "importados" e da própria raça Guzerá dos anos 60 a 90.

A Índia colaborou decisivamente com a expansão do Nelore. Já há tempos não se vê rebanho da raça sem sangue de um Karvadi ou outro importado dos anos 60, ou sem um Visual ou outro POI e "nova opção". Ao arripio das totalitárias e preconceituosas proibições oficiais, o Brasil recebeu sêmen de Nelore indiano durante todo esse período de expansão exponencial. E vejam – perdoem a insistência – que na Índia não há seleção para corte.

Assim, embora o atual crescimento do Guzerá não seja em nada comparável, em escala comercial e volume de recursos envolvidos, ao que ocorreu com o Nelore, a tendência natural do guzeratista estimulado pela boa conjuntura e com visão zootécnica mais ampla deve ser a de trabalhar com opções e perspectivas. Ainda mais que hoje se dissemina a noção de que genética é recurso valioso, que variabilidade é essencial ao melhoramento e desenvolvimento de uma raça. E essa volta à Índia, felizmente, já vai se concretizando.

Favorecendo essa tendência, temos o fato de que o Guzerá-Kankrej na Índia apresenta um quadro de conservação e uma população "pura" considerável, que supera bastante, inclusive, o de outras raças, entre elas o Gir e o Nelore.



Por outro lado, na contra-mão, outros fatores importantes. Entre eles:

a) pouca capitalização relativa dos criadores mais sensibilizados com a opção indiana nesses tempos de crise e dinheiro absurdamente caro e sob relação cambial pouco favorável;

b) tecnoburocracia oficial de vigilância sanitária, embora aparentemente mais moderada e transparente, tendente a mais eficiente nos controles sobre entrada de sêmen ou embrião e, quem sabe, menos corruptível;

c) continuada insensibilidade (ou preconceito) da tecnoburocracia e meio científico-tecnológico brasileiro, sobretudo aqueles segmentos com poder político e de decisão, em relação ao potencial de intercâmbio com a Índia e outros países tropicais;

d) especulado interesse de certos grupos poderosos no âmbito do Zebu em sabotar qualquer movimento que possa ameaçar interesses comerciais e de status estabelecidos.

Se a pecuária brasileira hoje tende, de fato, a sofrer pressões crescentes da competição de agronegócios mais lucrativos, de políticas que favoreçam o emprego, de custos mais elevados de insumos e energia, de regulamentos ambientalistas mais rígidos e efetivos e da redução do tamanho médio das propriedades, entre outros fatores, então, o horizonte para o Guzerá está mesmo bom, e assim também para o florescimento de um maior intercâmbio com a Índia no setor pecuário.

3ª onda: um modelo sensato

Hoje, na Índia, temos convicção, poderíamos selecionar criteriosamente, a cada ano, pelo menos 5 a 8 reprodutores e um número obviamente maior de matrizes para coleta de material genético a ser importado. Reprodutores (as) de diferentes linhas e tipos do Guzerá-Kankrej poderiam ser metodicamente testados. Vale repetir: na Índia existe Guzerá para todos os gostos. Pelo menos no decorrer de 5 anos ou um pouco mais desse processo, teríamos, além de importante "refrescamento" genético, a cons-

trução de um conhecimento, mapeamento, mais detido sobre a realidade, os potenciais e veios mais interessantes e promissores do Guzerá-Kankrej indiano e, sem dúvida, aprendido muita coisa mais. Nos anos subsequentes o intercâmbio poderia ocorrer de forma mais seletiva e informada, com critérios aprimorados. A dimensão, escala, desse movimento dependerá do cenário econômico-comercial que o Guzerá encontrar na próxima década.

O importante, a nosso ver, para um melhor proveito desse intercâmbio, é que ele se dê de forma democrática, transparente e racional. Evitaríamos, o quanto possível, imobilizar recursos em compra de touros e vacas ou dispendiosos esquemas de monitoramento na Índia. Os indianos têm tecnologia avançada em disponibilização de sêmen e embrião e a custos bem mais baixos que os nossos.

Claro que para um bom desempenho desse processo convém uma coordenação lúcida e metódica. AACGB – Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil deveria assumir um papel sério, de relevo, nisso.

Esse trabalho articulado e racional deveria incluir, a nosso ver, a cooperação ampla pelas vias oficiais. Nem tanto pelo oficialismo brasileiro, mas, seguramente, pelo indiano. Por que? Na Índia há uma poderosa e prioritária política oficial para o desenvolvimento da produção leiteira. O órgão federal, o NDDB – National Dairy Development Board, responsável pela política específica de desenvolvimento da economia leiteira, aliás, tem sede em Gujarat. Esse órgão coordena, fomenta e estimula um muito bem organizado e eficiente sistema cooperativo que em Gujarat é particularmente forte, enraizado, capilarizado e que opera com um considerável rebanho Guzerá-Kankrej e também de Gir e de búfalos.

O estado de Gujarat e a universidade agrícola local (GAU – Gujarat Agricultural University) mantêm trabalhos seletivos com Guzerá, Gir, bubalinos e caprinos. Tais trabalhos, pelo que estamos informados, retomaram importância nas últimas duas décadas, tornando-se menos um esforço de preservação e mais um projeto de seleção, melhoramento e fomento social-agrário. Os plantéis Guzerá "oficiais" são, em geral, de ótima qualidade, e os profissionais que deles cuidam possuem conhecimentos e articulações que também nos podem ser úteis. Além disso, eles parecem sensíveis e curiosos em relação aos trabalhos que desenvolvemos no Brasil.

De fato, o Brasil tem o que oferecer à Índia. Mal ou bem, aos trancos e barrancos, temos aqui um teste de progênie do Guzerá para leite e um pioneiro Núcleo MOET de melhoramento, gerando touros e vacas provados. Isso para não falar de uma situação mais avançada na raça Gir. No campo tecnológico e científico veterinário e zootécnico, as possibilidades de trocas e aprendizados mútuos são frutuosas. Os indianos mostram conhecido domínio em muitas dessas áreas. Quando se fala em búfalos, então, !





Sabemos, sem dúvida, que tudo que envolve instituições públicas e acadêmicas, tanto aqui como lá, traz justificados receios de burocracia, morosidade, complicações e outros motivos para estresse. Já na área de C&T as coisas, pelo menos no nosso lado, têm melhorado bastante, embora os profissionais e instituições mostrem-se por vezes desestimulados pela falta de apoio e recursos. De todo jeito, temos que pensar positivo e perseguir um objetivo que nos parece correto. As instituições, sejam público-administrativas, sejam ligadas mais especificamente a atividades produtivas ou de desenvolvimento científico e tecnológico, elas existem para servir a interesses sociais mais amplos, com missões, funções e objetivos a cumprir. Elas precisam interagir com a sociedade. Não podemos de antemão, por preconceito ou outros motivos, abrir mão dessa interação e pressão saudável e legítima. Em suma, não podemos deixar de tentar. Se não conseguirmos tudo, pelo menos alguma semente poderá germinar.

O que está em jogo, para quem quer, por exemplo, o desenvolvimento da raça Guzará e da bubalinocultura no Brasil, é o domínio mais abrangente possível do potencial de intercâmbio com a Índia, explorando amplamente as possibilidades e reduzindo custos.

Operações caras e inflacionadas, ao estilo das compras por um grupo infimo de empresários a partir dos anos 60 não são as mais racionais, nem do ponto de vista econômico nem do zootécnico; por mais que possam parecer pragmáticas e, em última análise, rentáveis. Além do mais, o modelo operado no caso da raça Nelore talvez não seja aplicável a Guzará, por exemplo, ou búfalo. As realidades são muito distintas. Nada contra iniciativas múltiplas, simultâneas e concorrentes, desde que se preserve um espírito articulado e cooperativo para que os esforços não se prejudiquem e se anulem em prejuízo para todos.

Entre os anos de 1995 e 96 foi tentado persistentemente, na Bahia, um esquema de intercâmbio com a Índia envolvendo criadores, governo, pesquisa e universidade. Sinais iniciais promissores acabaram estimulando um trabalho de planejamento e sondagens. Infelizmente, porém, insensibilidades e injunções políticas acabaram matando o projeto. Tivemos notícia de uma iniciativa de uma universidade do norte do Paraná interessada em um banco de germoplasma de raças indianas. Parece que

também não foi adiante.

Talvez, pelo menos, esses e outros esforços – como a viagem “baiana” de março de 1992 – tenham funcionado como pressão sobre a ABCZ e autoridades federais, que acabaram, recentemente, formalizando um meio de registrar Zebu indiano, através de um livro-categoria próprio. Outra pressão velada, mas camufladamente ostensiva, já vinha da incômoda hipocrisia da posição oficial em relação à entrada clandestina de sêmen indiano, sobretudo Nelore e Gir por longo período de tempo.

Essa primeira década do III milênio deverá nos brindar com novidades importantes, abrindo um cenário novo em que o Brasil deverá ganhar muito. Nós brasileiros, povo, sociedade, produtores e governo, precisamos apenas agarrar as oportunidades com afinco, livrando-nos de hipocrisias, arrogâncias pueris, preconceitos e desonestidades.

O Brasil já é líder – ainda que pouco respeitado – em pecuária tropical de corte e passará a sê-lo, ao que tudo indica, em pecuária tropical leiteira também, assim como em tecnologia e genética. Falta-nos galgar uma posição absoluta e sólida no contexto global. Não que sejamos melhor que os outros ou predestinados, etc. Nada disso. Nossos mais importantes trunfos, parece, são as condições ambientais propícias e em grande escala espacial, e nosso pioneirismo e paixão em relação ao Zebu. Essa paixão, amplamente falando, não pode prescindir da racionalidade e tem que superar de uma vez por todas uma síndrome de vergonha ou pecado e um célebre complexo de inferioridade mal assumido e manejado. Falta o Zebu, de certa forma, ter o reconhecimento efetivo que merece na política pública de pecuária e espanar os velhos e renitentes esquemas anti-Zebu que ainda persistem, geralmente camuflados. Mas nosso exercício de poder tem que ser democrático. Zebu e trópico são diversidades e temas de alto interesse público, num país diverso e extenso por natureza. Interesses, escusos ou menores e particularizados não podem trancar, frustrar ou sabotar anseios generalizados de progresso e desenvolvimento.

Eduardo Almeida - criador, jornalista, esteve na Índia em 1992 visitando criatórios de Guzará e tem participado de esforços em prol da cooperação Brasil - Índia em agropecuária tropical

Belgo Z-700

A Muralha

O Belgo Z-700 tem alta resistência e maleabilidade. Por isso, é o arame liso mais vendido no Brasil, preferido por todos os criadores de gado. Belgo Z-700. A melhor solução em arame liso para cercar seu gado.



0800 - 727 2000
www.belgobekaert.com.br

Arames de Qualidade
BELGO
Belgo Bekaert Arames

Excesso de chumbo em alimentos para bois

Pesquisa realizada em conjunto pela UEL (Universidade Estadual de Londrina) e CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear) mostrou que 58% dos suplementos alimentares para bovinos analisados apresentaram índices de chumbo superiores aos aceitáveis. O chumbo pode causar alterações orgânicas importantes, modificar a performance dos animais, acarretando, inclusive, alterações no sistema reprodutivo dos bovinos, como o abortamento. Nem sempre as matérias-primas que entram na composição dos suplementos minerais ou nutricionais são de qualidade.

Para a pesquisa, foram colhidas 19 amostras de sal mineral: 9 diretamente do estoque disponível em estabelecimentos comerciais e 11 de fazendas colaboradoras. De acordo com informações da Radiobrás, das 19 amostras, constatou-se que 11 estavam com níveis de chumbo superiores ao limite máximo de 30ppm (parte por milhão) permitido pelo Conselho Nacional de Pesquisa. O maior valor encontrado foi de 460ppm e refere-

se a uma formulação mineral comercializada em Paranaíba (MS). Em altos níveis, o chumbo acaba atingindo o homem que se alimenta de carne bovina.

Você sabia...?

... que uma dieta sem carne, causa prejuízo irreparável em crianças de até 6 anos, quanto à capacidade de raciocínio? Isso devido à escassez de vitamina B-12 em qualquer alimentação sem carne.

Frase

"Se Lula insistir em eventos no projeto da Fome Zero isso vai se transformar numa versão misericórdiosa da Ilha de Caras".
(Elio Gaspari)

Você sabia...?

... que o arroz branco é tão nutritivo quanto o arroz integral? Muita gente pensa, erradamente, que o arroz integral é mais nutritivo.

Paulistas importam 80 fêmeas Brahman

Os criadores paulistas Carlos Eduardo de Assunção Novaes e Luiz de Moraes Barros associaram-se para adquirir 80 fêmeas Brahman dos Estados Unidos, escolhidas com extremo rigor zootécnico em criatórios do Texas, Louisiana e Mississippi. A raça começou a chegar ao Brasil em 1994. "Importamos fêmeas Brahman de alta qualidade genética, para participação em exposições e para intensificar o melhoramento da produção nacional, que cresce a cada ano", ressalta Carlos Eduardo Novaes, o Cadu, pecuarista com 40 anos de atuação, proprietário da Fazenda Crioula (Valparaíso, SP). Os animais recém-chegados ao País têm entre 12 e 30 meses de idade e representam novas opções em genética Brahman, já que provêm de criadores de reconhecida qualidade, mas pouco presentes no Brasil.



Exportação de material genético bovino cresce 82%

O Brasil teve crescimento de 82% na venda de material genético para outros países em 2003. Em 2002 foram vendidas 29.519. O aumento é evidente.

As vendas foram realizadas principalmente para a América do Sul, mas o Brasil está tentando penetrar nos Estados Unidos, já entre 2005 e 2006. As regiões do sul dos Estados Unidos e da fronteira com o México têm mercado para o Zebu. Para 2004, a firma Brazilian Cattle Genetics espera receita de quase US\$ 15 milhões. Esse valor deve ser atingido com a venda externa de mais de 50 mil de sêmen, 3 mil embriões, 5 mil animais puros e 17,5 mil animais comerciais. O núcleo de exportação, formado por centrais de inseminação, empresas exportadoras e pela ABCZ, está trabalhando em conjunto com a APEX Brasil, órgão governamental responsável pela promoção dos produtos brasileiros no exterior que pela primeira vez financia um projeto para divulgação da genética zebuína fora do país.

O convênio com a APEX está orçado em R\$ 2,6 milhões.

Você sabia...?

... que a carne de cavalo é uma fina iguaria no sul da Itália?



Sorriso no Campo

Galinha diferente

A menina foi visitar a avó no campo. A avó tinha uma criação enorme de aves, e a menina, que morava na cidade, ficou encantada. De repente, passeando pela fazenda da vovó, ela viu um pavão. Voltou correndo para casa e, toda alegre, avisou a vovó: - Vovó! Vovó! Uma de suas galinhas está dando flor!

Quadrinha

Eu deixei de beber cana
Porque quem bebe aguardente
Sendo fraco, diz que é forte,
Se é mole, quer ser valente
Sendo pobre, diz que é rico
Terminando insultando a gente
(José Lopes Neto - Poetas Encantadores, p. 217)

10 destaques do Guzerá atual



1 - O Guzonel como base da moderna pecuária de corte brasileira

O Guzonel sempre existiu na pecuária brasileira. Foi, sem dúvida, o primeiro mestiço interzebuíno da História, ainda antes de 1900, no Rio de Janeiro. O sucesso do Guzonel era enorme entre 1900-1920, a ponto de um touro chamado Induberaba ter feito grande sucesso na Exposição de Cordeiro (RJ) (*Santos, 1998, "Zebu", livro oficial da ABCZ, citando o catálogo daquela exposição*). Era puro Guzonel, pois não havia influência de Gir (no Rio de Janeiro) naqueles tempos. Havia poucos Guzerás disponíveis para venda e também poucos Nelores. Os cruzamentos eram comuns e os produtos recebiam o nome de "Zebu". Milhares de pessoas fizeram fortunas vendendo "Zebu" praticando um apostolado, percorrendo as estradas poeirentas de antigamente. O Zebu impôs-se no cenário nacional porque ficava vivo, enquanto as demais raças européias sucumbiam diante do clima, das doenças, das distâncias, etc.

Hoje, novamente, o Guzonel está em franca ascensão, com muito mais tecnologia, pois é fácil escolher touros Guzerá de alta performance em carne, tanto quanto é fácil escolher boas vacas Nelore ou anelorradas. Os produtos Guzonel são utilizados como reprodutores ou como produtos-base para recuperação de vacadas - além de propiciarem um bom rendimento no abate.

Sem dúvida, uma vacada Guzonel tem um valor muito grande, justamente por constituir uma linha materna interzebuína. Em outras palavras: o Guzonel goza a vantagem da heterose, mas mantendo alta rusticidade, excelente habilidade materna e desempenho para corte. Enfim, é um provado e comprovado interzebuíno.

O Guzonel vem sendo utilizado, com sucesso, nas fronteiras agropecuárias. Se ali um Zebu puro já é bom (Nelore), o cruzamento de dois é melhor! Na Primeira

Guerra Mundial, a expansão da pecuária foi enorme, justamente com touros Guzonel sendo remetidos para as fronteiras agropecuárias. Hoje, sem guerra, mas com a exigência européia por bovinos rastreados contra a doença da vaca-louca e da aftosa, o Guzonel volta a disparar, enchendo de satisfação os criadores de regiões longínquas onde a rusticidade e habilidade materna são exigências primárias.

2 - A pecuária que interessa à modernidade

Existem muitas pecuárias e todas têm seu espaço num país como o Brasil. A base, no entanto, será sempre uma vacada interzebuína, saudável, rústica, longeva, produtiva e lucrativa - que recebe na Zootecnia Tropicalista o nome de "linhagem materna". Na pecuária de corte essa vacada é formada por Nelore ou Guzonel, podendo ser criada em largas extensões. Para extensões menores, também podem ser utilizados o Tabanel (Tabapuã x Nelore) e o Tabaguz (Tabapuã x Guzerá). Recentemente, vem sendo introduzido também o Brahman (brasileiro) sobre o Nelore, para trabalhar em pastagens baixas. É a união do branco com o branco, mantendo o sangue zebuíno e uma adequada taxa de heterose.

Cada vez mais a ciência vai provando que a linhagem "materna" (vacada criadeira) deve ser nitidamente zebuína e, então, a heterose deve ser buscada dentro das próprias raças indianas. Esse fabuloso mercado vai sendo disputado pelo Guzerá, pelo Tabapuã e pelo Brahman - cada uma com seus motivos e argumentos. Nesse momento, o Guzerá - que foi componente importante na formação do Tabapuã e do Brahman - e ainda tem 5.000 anos de segregação racial, dispara automaticamente na dianteira. Tradição vale ouro em pecuária!

Sobre a vacada "materna" são empregados touros superespecializados para corte de raças européias, com



bons resultados - enquanto a própria vacada "materna" vai sendo acasalada também com outras raças zebuínas, preparando-se para suprir o mercado de touros tropicalizados para a "linhagem paterna".

Ao mesmo tempo, já vão marcando presença certas raças africanas e, no futuro, outras deverão surgir para permitir a formação de várias linhagens "maternas" de alta heterose. Tudo é lucro para o país, quando se fala em produzir linhagens maternas, com bom senso, em que o sangue é nitidamente zebuino.

O bom momento que é festejado pela pecuária vai continuar promovendo o Nelore, em primeira mão, merecidamente - como raça "bandeirante", única do planeta, seguida pelo Guzoner (Guzerá), depois pelo Tabapuã e Brahman (brasileiro). Outras raças, no entanto, a depender do marketing, poderão ocupar espaços crescentes. Afinal, assim como os brasileiros souberam transformar o Zebu, também poderão transformar raças africanas e asiáticas, com sucesso. Há espaço para todas.

3) - A necessidade que todos os rebanhos têm de utilizar o Guzerá como melhorador

Os neloristas estão "pescando" jóias que foram pouco utilizadas no passado, para refrescamento de sangue, ao mesmo tempo em que engrossa a fila dos que visitam a Índia e recebem sêmen e embriões. Uma vez que o protocolo de comercialização de material genético já está de vento em popa, logo estarão entrando muitas alternativas para o Nelore puro-sangue no país. Será uma boa medida, para reduzir a presença daquele Nelore que desfila nas pistas ... com andamento de Guzerá. Será uma pena para aqueles fornecedores de Guzerá branco (!) que, nas últimas décadas têm vendido muitos animais para os territórios do Nelore! Para quem gosta de fazer cruzamento de Nelore com Guzerá (de cor branca) surgirá então mais uma alternativa: o próprio Nelore indiano.

Essa afirmação não precisa provocar espanto em ninguém pois há muito tempo que se ouve a seguinte descrição:

- "o bom gado branco é aquele que tem a altura de um Chianina,
- a ossatura de um Marchigiana,

- a carcaça e carne de um Charolês
- e ... a cara de Nelore".

Para ficar mais completo, faltou acrescentar outras características também presentes:

- "o leite de Guzerá branco,
- a rusticidade de Guzerá branco,
- e o andamento de Guzerá branco".

Assim, o Nelore das fronteiras agropecuárias tem todas as virtudes para desbancar qualquer raça. É branco, tem cara de Nelore, nome de Nelore. Ponto final - vitória para os neloristas que podem, de fato, afirmar que 70% do rebanho brasileiro é anelorado, branco, constituindo o maior agrupamento racial do planeta!

A grande vantagem é que o Guzerá providencia um refrescamento zebuino de primeira grandeza. Isto não é de se estranhar, haja vista que o Guzerá tem mais de 5.000 anos de pureza incontestável. Estes milênios somam rusticidade, somam habilidade materna, somam leite para o bezerro, somam lucratividade - muito mais do que o choque provocado por algumas poucas raças novatas ainda não-naturalizadas sob o sol tropical.

Assim, o Guzerá é uma ferramenta muito procurada nas regiões de fronteira agropecuária onde, muitas vezes, São Pedro esconde as chuvas e provoca milhares (ou milhões) de mortes. O Guzerá é a solução diante dos infortúnios ... e ainda ajuda a melhorar o desempenho geral do gado, pois garante altura, peso, carcaça, e muito mais. Quem utilizou Guzerá nunca se arrependeu! E só para arrematar: o touro Zebu mais pesado, e a vaca Zebu mais pesada pertencem à raça Guzerá!

Devido à sua versatilidade, o Guzerá é responsável pela formação da maior parte das raças neozebuínas ou sintéticas, destacando-se o Brahman, o Tabapuã, o Indu-brasil, e tantas outras que também podem ser utilizadas no refrescamento do gado anelorado.

4 - O Brahman e outras raças diante do Guzoner

O Brahman é uma raça nitidamente plasmada a partir do Guzerá, na década de 1920. Ao receber infusão de Nelore, gerou o genearca "Manso" no início da década de



1930, e outros que definiram, então, um padrão visual para a linhagem principal que predomina até hoje. Na década de 1940, o Brahman vermelho (já tinha testado o Sindi), com sangue Gir brasileiro, ganhou um bom destaque e, hoje, o Red Brahman vem crescendo muito nos Estados Unidos (mais de 40% dos criadores têm Red Brahman, segundo a contagem apresentada no Diretório Geral dos Criadores publicado na revista "Brahman Journal, da ABBA"). Também existe o Brahman indubrasilado, de grande porte. No mundo, portanto, o Brahman está presente em 70 países e a maioria deles baterá palmas quando o Brasil oferecer um Brahman de rigidez genética. O Brahman brasileiro será o melhorador de todos os diferentes Brahmans do mundo.

O Brahman brasileiro, apesar da utilização de reprodutores norte-americanos, tenderá a reduzir o umbigo, para satisfazer as condições brasileiras. Afinal, foram décadas e décadas em que o Nelore preconizou "pernas

Cabe perguntar: "por que não aproveitar o predomínio que o Brahman tem no mundo inteiro e ganhar dinheiro com isso"? Como resposta, milhares de empresários urbanos começarão a criar Brahman. Quanto mais, melhor!

Assim, o Guzonel passa a ter duas funções: a) trabalhar diretamente sobre vacadas Nelore ou aneloradas; b) trabalhar sobre vacadas Brahman ou brahmanizadas, para levantar pernas, ajudar a corrigir umbigo, garantir mais leite e mais rusticidade.

O resultado é que, cada vez mais, surgirão Brahmans ou brahmanizados com cara lembrando ainda mais o Guzerá. E, logo mais, surgirá no Brasil um novo "Manso", com pernas longas, de umbigo corrigido, que será um sucesso! Será a consolidação do Brahman Brasileiro, ideal para ser propagandeado e vendido para muitos países. É assim que se solidificam as raças: quando surgem expoen-



longas para manter o umbigo (curto) longe do chão" e não será fácil mudar essa mentalidade do dia para a noite. De nada adianta afirmar que "as pernas não vão ao prato", pois o pecuarista tradicional sabe bem o valor das pernas altas nas pastagens tropicais.

É certo que o Brahman, agora, vai ter a seu lado o mesmo empenho que foi dado às demais raças (Indubrasil na década de 20; Gir na década de 40 e 50 e, depois, Nelore, na década de 60 e 70) pelas autoridades do Zebu. Ninguém irá se opor ao poderoso marketing do Brahman que, rapidamente, irá se multiplicar pelo país inteiro - como aconteceu com as demais raças. A História mostra que a raça, impulsionada pelo marketing e pelo esforço dos que estão no comando do Zebu, sobe, atinge o ponto máximo e, depois, passa a ser regulada pelo mercado. Somente o Nelore subiu e ainda não caiu, até o momento. Agora, o Brahman já divulga que logo estará atingindo milhões de cabeças no país, arrebanhando empresários endinheirados, geralmente com vínculos no exterior, facilitando as transações.

tes que logram receber os aplausos dos usuários. Afinal, são eles que convencionam, mesmo subconscientemente, o que deve ser eleito como animal superior.

O Guzerá, portanto, é uma raça que garante o aplauso e o sucesso para as outras! Foi assim que já engendrou mais de uma dezenas de raças. Seu filhote, estabelecido em 1924 nos Estados Unidos, vai levantar vôo, no Brasil.

5 - A linguagem dos leilões

O mundo moderno vive de estereótipos, sendo os leilões o mais expressivo deles. Rebanho bom é o que vende - e caro! - em leilões. Para vender caro é preciso qualidade e marketing. Quanto mais marketing, mais caros serão os animais. A pompa leva aos preços grandiosos. Atrás de tudo, porém, os animais precisam ser de alta qualidade.

O Guzerá é a raça que melhor carreira vem apresentando nos leilões. A média de todos os leilões tem passa-

do de 100% a cada ano. É uma raça, portanto, para dar lucros a novos investidores. Isto porque os animais são "baratos" quando comparados com o Nelore de leilão, por exemplo. Isso quer dizer que há, ainda, um enorme campo a ser percorrido. O Nelore frequenta leilões há mais de 15 anos; o Guzerá começou agora. Cada vez mais surgirão novos criadores de Guzerá e os preços serão ascendentes por um longo tempo. Bom para ganhar dinheiro.

O sucesso dos leilões está ligado à tradição de outros fatores, como venda de sêmen, venda de embriões, sucesso nas pistas, fama dos genearcas, etc. Isso não é feito do dia para a noite. O Guzerá vem despertando para os leilões muito recentemente. É uma mina de ouro para novos investidores, pecuaristas dispostos a ganhar muito dinheiro nos próximos anos, pelo uso planejado de leilões.

6 - A contribuição do Guzerá para a globalização

O mal da vaca-louca, na Europa, deu ao Brasil aquilo que nenhum presidente jamais conseguiu: um lugar ao

dermo fazendeiro levará à formação de vacadas com selo próprio e isso será bom para todos. Todas precisarão de rusticidade e habilidade materna e, então, a maioria terá uma dose de sangue Guzerá.

A garantia de progênes estáveis, permanentes, saudáveis, exigirá - sempre - esta dose de sangue Guzerá. Afinal, só ele tem a prepotência genética de 5.000 anos para garantir, de uma vez só, um melhoramento eficaz em certas características zootécnicas.

A carne para atender à globalização, portanto, passa pelo Guzerá, de uma maneira ou outra.

7 - O Guzerá com e sem chifres é a solução

A questão dos chifres do Guzerá é polêmica, mas não resiste a um mínimo de reflexões. Até porque a maioria dos acidentes fatais deu-se com raças brancas, às vezes, mochas. Não há registros fatais em acidentes belicosos com o Guzerá. Os chifres podem amedrontar, é fato, principalmente cachorros, cavalos, maus vaqueiros, etc. Os chifres, por outro lado, garantem o "vigor macho", com naturalidade. As vacas que o digam!

Não há dúvida de que o mercado usuário prefere comprar animais descornados - no que



sol para a bovinocultura tropicalista. Milhões de consumidores assumiram a postura de só comprarem carne ecológica, ou seja, do boi-fotossíntese, do boi-de-capim. Isso somente é possível no Brasil, no momento.

O Guzerá é o boi do Trópico Seco que faz sucesso no Trópico Temperado. A extrema rusticidade do Guzerá, somada à habilidade materna, à farta produção de leite, à carcaça altaneira, garantem ao Guzerá um lugar ao sol, na formação das modernas vacadas de carne-fotossíntese. O Guzerá garante vacadas, principalmente Guzonel, que não sucumbirão diante de estiagens ou perigos climáticos. O Guzerá é garantia de progênes rústicas e saudáveis. Por isso, até o Guzonel é vendido, abertamente, como reprodutor para as vacadas de campo.

Por enquanto, o Guzerá vai pegando carona no selo "Nelore Natural", e outros selos de certificação que admitem abate de animais brancos cruzados. No futuro, o Guzerá e seus descendentes poderão ter um selo próprio, quando existirem criadores suficientes para diferenciar a carne de uma raça ou outra. Aliás, no futuro, existirão muitos "selos" de carne tropicalista. Esse é um enorme nicho aberto aos brasileiros. A competência do mo-

está correto, pois é sempre bom evitar possibilidades de dissabores.

A experiência, no entanto, começa a mostrar o que já era tido como verdade: os compradores de Guzerá descornado estão preferindo, agora, comprar animais chifrudos para, eles mesmos, praticarem a descorna. Todo mundo sabe que o mercado usuário é bastante desconfiado. E todos sabem que uma cirurgia de descorna é muito barata, mesmo no animal adulto. A pecuária, que precisa de certezas, vai fazer suas próprias descornas! Bom para todos.

Ou seja, a descorna compulsória, feita logo após o nascimento, pode conduzir a dúvidas quanto à genealogia, no futuro. Muita gente comprou mestiço de Guzerá com outras raças mochas, mas - assim que nasceram as progênes - o fazendeiro tradicional, arguto e de bom olho, percebeu a diferença. Os produtos Guzonel, filho de Guzerá autêntico (descornados), são mais rígidos, mais alegres, mais rústicos, mais gregários, com mais leite. Já os filhos de touros descornados "mestiços" são parrudos, de poucas pernas, menos alegres, de menor altivez, com menos leite. Errar uma vez é humano, errar duas vezes é tolice; errar três vezes, !

Assim, quem dita as regras é o mercado: sempre haverá compradores para Guzerás descornados, tanto quanto haverá aqueles que preferem fazer a descorna. O certo é que o Guzerá sempre irá para o campo descornado - na pecuária de corte extensiva, em regiões já desbravadas.

Já nas regiões de alta incidência de perigos naturais (feras, ladrões de gado, etc.), os chifres são uma ferramenta a mais a favor da segurança do gado.

Dentro das exposições, os descornados poderão continuar perdendo para os chifrudos, pois qualquer mancha branca ou amarelada, mancha avermelhada, detalhes avermelhados, etc. - no animal descornado - será motivo para gerar dúvidas quanto à veracidade genealógica, e irá acabar na cerca, fora do julgamento. O animal descornado, na pista, exige muita coragem dos juizes! Estes, no entanto, somarão coragem e começarão a punir animais descornados, apesar das exuberantes carcaças, quando apresentarem pequenos senões que não se encontram nos animais chifrudos tradicionais. Afinal, o mercado usuário - no campo - sabe que basta um choque de Guzerá com um Brahman-Guzerá (Brahmaguz) para gerar um esplêndido "Guzerá" carcaçudo, de fazer inveja aos vizinhos.

Assim, a tendência é que, lentamente, os próprios selecionadores passarão a exibir apenas animais chifrudos nas pistas e venderão animais descornados para os usuários que assim quiserem.

Pode-se afirmar que vender Guzerá descornado, ou melhor, utilizar Guzerá descornado é uma realidade que não mais retrocederá. A pecuária de corte aprecia animais sem chifres, mas isso nada tem a ver com a seleção do Guzerá. O recordista Guzerá de peso é descornado; pesou 1.374 kg - e poderia ter pesado, no mínimo, 15 kg a mais - se tivesse chifres!

8 - Onde entra o leite na moderna pecuária do Guzerá puro-sangue?

Existem dois tipos de leite: o leite real e o leite político. O leite real, no mundo dos trópicos, segundo preconizado por muitos tropicalistas - destacando-se o britânico Preston - deve ser produzido por uma vaca que mal chegue a 20,0 kg/dia, sendo rústica e naturalizada ao meio ambiente. Produzindo 10,0 kg/dia já é uma excelente vaca! Ou seja, deve ser uma vaca zebuína, ou quase zebuína, o que leva à economia de remédios e tratamentos diversos. O leite real dá adeus às vacas européias, de alta produção e altos gastos, responsável pela falência de milhares de pequenas propriedades no país. A raça mestiça mais famosa do Brasil, em seus relatórios anuais de produtividade, mostra que o meio-sangue produz mais leite que os 3/4 e os 5/8. Ora, se o meio-sangue produz mais, então por que estabelecer uma raça, geneticamente falando? Existe aí apenas uma mestiçagem consagrada para produção de leite.

O leite real, por outro lado, sofre o ataque dos "gênios tecnicistas", eternos imitadores da Zootecnia do Hemisfério Norte, esquecendo-se que o Brasil está no Hemisfério Sul. Estes técnicos sempre comandaram o "leite

político", autorizando constantes e fartos desembarques de animais europeus em todos os rincões do país. Desde o Ceará até Rondônia, onde - é claro! - todas as vacas européias sucumbirão diante do clima (tórrido no Ceará e superúmido na Rondônia), mas eles, os "gênios" dirão que a culpa pelo desastre fica por conta do produtor rural, que é analfabeto, sem cultura, etc. Tem sido assim por muitas décadas. Muita gente ainda se lembra como foram "caçados" os vendedores de leite no Vale do Paraíba, porque o leite era de guzolandos e girolandos, enquanto o governo de São Paulo exigia leite de puras holandesas.

Essa luta do leite, no Brasil, é inglória, desonesta, injusta, pois ninguém se atreveu a derrubar o servilismo colonialista e implantar uma pecuária leiteira tipicamente



tropicalista que, além de produzir muito leite, geraria milhões de novos empregos e ainda permitiria exportações de animais para muitos países. Ao invés disso, o país vive acorrentado a importações vis de leite e de animais, todos os anos. Pelo visto, ninguém pode derrubar esse poderoso esquema instalado no Planalto.

Assim, falar em leite de Zebu é bom - muito bom! - mas é uma conversa que não levará ao esplendor dos preços do gado de corte brasileiro que sempre deu as costas para os governos recalcitrantes, mesmo quando foi condenado aos vergonhosos confiscos das décadas de 1970 e 1980. O leite é mantido no mais baixo patamar possível de preços, na marra; enquanto a carne atinge preços esplendorosos tendo em vista o mercado internacional. Assim, comparar a pecuária de corte à pecuária de leite é negócio de poeta, mas jamais de economista - em um país como o Brasil! Ainda bem que existem os visionários e abnegados que acreditam que, um dia, o sol brilhará para a pecuária leiteira tropicalista!

Enquanto isso, o mercado interno sofre falta de leite e também de carne! Só o leite, no entanto, é punido!

O Guzerá leiteiro sempre foi espinha dorsal do leite tropical. As vacas Guzolandas misturam-se às Girolandas e, não raramente, são registradas como sendo Girolandas, para gozarem as vantagens de isenção de impostos e até disputarem prêmios nas pistas. Já há muita Girolanda com sangue Guzerá produzindo leite e um bom bezerro, confundindo os criadores. Pitorescamente, já houve até alguns duros revezes entre criadores de "Girolando", dentro das pistas, por estarem julgando as duas raças leiteiras ao mesmo tempo como se fossem apenas Girolando! Ademais, é praxe que - para refrescar o sangue Girolando - o criador deve utilizar um reprodutor Guzolando. Vai, assim, sendo moldada uma raça tropical, apretejada, boa

de leite com excelentes machos para corte. O baixo preço do leite acaba se equilibrando com o bom preço do machinho para corte. Tudo com o nome de Girolando, que é o mais comum e já consagrado há décadas, embora o Guzerá leiteiro exista desde 1895, enquanto o Gir leiteiro teve uma "ilha de criadores" a partir de 1935 até 1960, passando a dominar o resto do país - com o Girolando - a partir da década de 1970. Ou seja, leite por leite, o Guzerá tem linhagens mais antigas que as do Gir, no Brasil.

Bom para o Brasil que vai assistindo ao nascimento de uma raça boa produtora de leite (Gir ou Guzerá), com boa ossatura (Guzerá), bons ligamentos de úbere (Guzerá), boa altura (Guzerá), muita rusticidade (Guzerá), notável mansidão (Gir), grande habilidade materna (Gir ou Guzerá), leite mais rico (Guzerá).

Esse mercado existe e sempre existirá, mas será mercado que paga bons preços apenas na alta elite de seleção. O mercado usuário paga pouco - exatamente o contrário do que acontece no mercado de gado de corte,

Assim, os criadores de Nelore ou anelorado, que pretendem mais leite, preferem um cruzamento com o Guzonel, que irá somar leite sem descaracterizar o gado na primeira geração.

Conclusão: a formação de Nelore leiteiro é negada de gente estóica, pioneira, abnegada, porque tem o cativar o mercado comprador a longuíssimo prazo. É possível obter um Nelore leiteiro, sim, mas é mais lucrativo adotar o Nelore como apenas produtor de carne ecológica, por enquanto.

10 - Vem aí o novo Guzerá indiano

Sem dúvida, dentro dos próximos anos, vai explodir uma nova "moda" na raça Guzerá. Será, de novo, uma onda de importados.

O Brasil, que já fez um brilhante trabalho com o Guzerá, irá acelerar ainda mais o desempenho da raça, burilando a caracterização, em busca de um padrão me-



onde o preço da carne é tabelado pelo mercado e não pelo governo. O certo, então, é obter um gado leiteiro que permita colocar todos os machos para acabamento precoce, obtendo bom preço no mercado de carne. Nesse caso, o sangue Guzerá é imbatível nos cruzamentos leiteiros.

9 - O que significa "leite" na pecuária de Corte?

No momento em que alguns criadores de Nelore já tentam consolidar linhagens leiteiras, fica fácil entender a importância do Guzonel. De fato, o Guzonel, além de incorporar leite aos produtos, também soma virtudes de habilidade materna e rusticidade.

É muito mais fácil obter leite, via heterose, do que via homozigose. Este postulado é primário na Zootecnia. Uma coisa é colecionar vacas da mesma raça para consolidar linhagens leiteiras e outra coisa é provocar um melhoramento genético (para leite) dentro dessas linhagens. É tarefa para muitos e muitos anos. Afinal, a raça holandesa, quando consegue um melhoramento de 1,0 (um) por cento por geração, faz uma grande festa internacional. O melhoramento via homozigose (tanto para carne como para leite) é negócio para sacerdotes da raça. O nelorista comum, por seu lado, foi ensinado a ter horror à palavra consanguinidade, há décadas. Por isso irá relutar em adotar vacas Neloires leiteiras.

homogêneo. Também irá consolidar o leite por novas linhagens e, ao mesmo tempo, garantir uma carcaça adequada à modernidade.

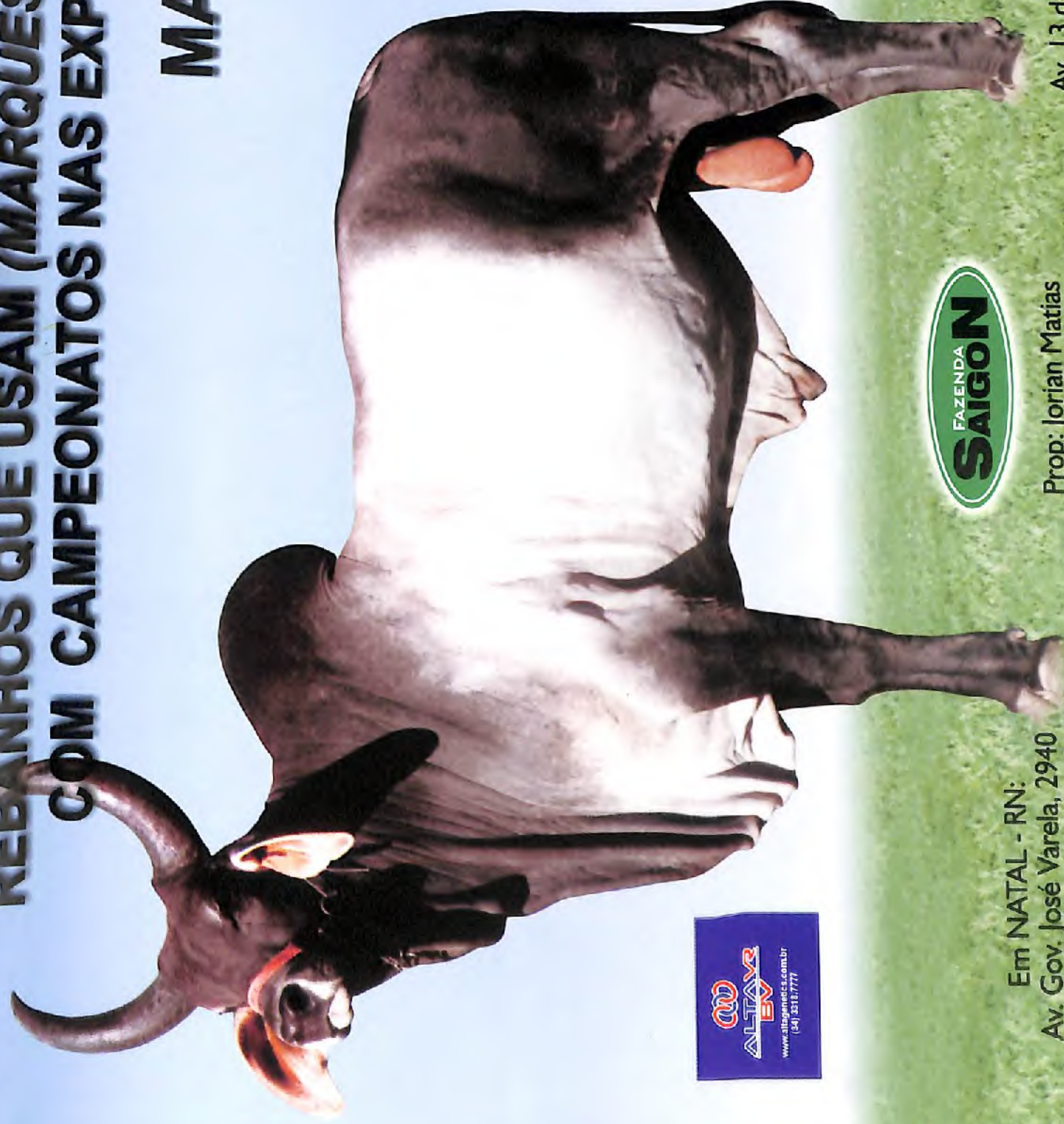
O Guzerá indiano é a raça zebuina que mais condições tem de praticar intercâmbio com o Brasil, pois existem muitos excelentes animais na terra-mãe do Zebu. Lá está, orgulhosamente, uma bacia leiteira onde se coleta mais de 1,0 milhão de litros/dia de vacas Guzerá. Lá existem animais perambulando pelos desertos, nas mãos de "rabaris", tanto quantos outros passando por lento aperfeiçoamento nas mãos de alguns abnegados criadores perto das cidades, e vacas prodigiosas passeando pelas ruelas à cata de alguma alimentação. A seleção sempre foi feita, a grosso modo, naturalmente - e isso não tem preço.

Dessa vez, o Guzerá virá com muito mais rigorismo na escolha e será benéfico para todos os rebanhos, gerando resultados imediatos. Representará o mesmo papel verificado na importação de Nelore da década de 1960, que permitiu um crescimento vertiginoso na raça branca em poucos anos.

Esta nova importação está de olho aberto para algumas características como linha dorso-lombar, garupa correta, umbigos corretos, aprumos perfeitos, úbere perfeito, beleza racial, etc. Assim, os animais poderão ser utilizados por todos os rebanhos brasileiros, indistintamente.

REBANHOS QUE USAM (MARQUÊS) E ABUSAM COM CAMPEONATOS NAS EXPOSIÇÕES

MARQUÊS AM



Em NATAL - RN:

Av. Gov. José Varela, 2940

Cidade Jardim - CEP 59078-300

Tel/Fax: (84) 217.9096 Cel.: (84) 9986.9324

e-mail: saigonfazfz@ruralnet.com.br

Prop: Jorian Matias

BR 101 - Natal - Touros

Km 40 - Ceará-Mirim - RN

Bom Jesus - RN

RIODE JANEIRO - RJ:

Av. 13 de Maio, 47 - Sala 504 - Centro

CEP 20031-007

Tel.: (21) 2220.4906 - Cel.: (21) 9803.966

FAZENDA CANOAS
Cabrua-S

GUZERÁ FP
Baco FP

GUZERÁ DA VIC
Taleban da Vic

GUZERÁ REILLOC
Rendeira / Mandato
de Reilloc

GA
Ilha GA

GUZERÁ DA BARRA
Copa TE

Alecrim-pimenta é exportado

A busca de óleos e essências da caatinga, iniciada na década de setenta pela UFC, hoje transformou-se em produtos e subprodutos importantes para a indústria e a saúde. O alecrim-pimenta é nativo, serve como remédio no combate à dengue e ao mal de Chagas, além de pano-branco, caspa, espinha, sarna, impingem, ferimentos, maus odores, etc. Também é conservante natural e funciona como excelente anti-oxidante. A Pronat-Produtos Naturais, domesticou a planta e já concretizou uma exportação para a Aveda, uma empresa que tem mais de 2.000 lojas somente nos Estados Unidos. O objetivo é fazer cosméticos especiais.

O óleo de alecrim-pimenta, por enquanto produzido apenas no Ceará, serve tanto para a indústria de cos-

méticos como às indústrias químico-farmacêutica e alimentícia. Isso significa que há um mercado franco à frente, tanto assim que muitas empresas já manifestaram interesse em adquirir o produto. Mas toda a produção presente e futura já está comprometida. O preço situa-se em torno de US\$ 50 por litro, mas tende a aumentar com a certificação orgânica que a empresa está prestes a conseguir. Levado para outras regiões, o alecrim-pimenta despenca em qualidades químicas.

O rendimento industrial é muito baixo: de 20 toneladas de massa verde/ha chega-se a apenas 130 litros de óleo essencial, significando US\$ 7,1 mil por ha. Mesmo assim, é mais do que a uva ou qualquer grão.

Informações: BNB - ribanet@bnb.gov.br

Apaixonado pelo Gir

Ao lado de Alberto Pereira Nunes, tradicional criador da raça Gir, está Pedro Wilson Guimarães, prefeito de Goiânia, colaborador do Gir e apelidado de "criador virtual de Gir". Criador virtual? Sim, pois ele não cria nenhuma raça de gado, mas declarou que é apaixonado no Gir.



Responda bem depressa

Por que os peixes morrem de barriga para cima?

Resposta: A grande maioria dos peixes possui um órgão chamado bexiga natatória, que é uma bolsa de ar que ele infla ou murcha, respectivamente para subir ou descer, nas diferentes pressões do ambiente aquático em que vive. Quando o peixe morre, esta bexiga natatória fica com um pouco de ar, e como este órgão se localiza na barriga, faz com que o peixe fique virado. Podemos pensar também no seguinte: a coluna vertebral do peixe é mais pesada que os órgãos que estão na sua barriga, e este fato, somado à presença da bexiga natatória, contribuem para que o peixe fique de barriga para cima.

Ditado sertanejo

Boi que entra em terra de vizinho... vira vaca.

Você sabia...?

... que, para evitar derrames cerebrais, basta comer muito repolho, banana e laranja? Exemplo: para atingir 2,5 gramas por dia de potássio, bastam 3 bananas?

Vitória pariu Vitoriosa, clone do clone

Em 2001, a Embrapa anunciou o nascimento da bezerra "Vitória da Embrapa", o primeiro clone bovino da América Latina. Hoje, três anos depois, Vitória, uma fêmea da raça Simmental, já é adulta e passa bem, e a Empresa comemora a realização de um novo marco para a história da ciência no Brasil: o nascimento do clone da Vitória, a bezerrinha Vitoriosa da Embrapa, ocorrido no dia 5 fevereiro, no Campo Experimental Supacupira, em Brasília.

Vitoriosa nasceu a partir de células isoladas de um pedaço de pele retirado da orelha da Vitória, quando esta tinha aproximadamente um ano de idade, e estudos de identidade genética pela análise de DNA, realizados pela empresa Genomax, comprovam que ela é realmente um clone do clone.

No experimento, foram produzidos 35 embriões que foram transferidos para 17 receptoras. No dia 5 de fevereiro, às 13 horas, depois de 293 dias de gestação, uma das receptoras deu a luz à nova bezerrinha.

Informações:

fernanda@cenargen.embrapa.br.

Nação é a vaca mais pesada

Nação-AM, uma vaca Guzerá, bateu o recorde de peso entre todas as raças zebuínas, com 1.008 kg. É a única vaca que conseguiu romper a marca dos 1000 kg. Nação-AM é a zebuína mais pesada da História. Pertence à Agropecuária Corona. Foi criada pelo Sr. Francisco Assis Câmara Melo. Nasceu no dia 26/04/02.



10º LEILÃO

GUZERÁ

CURVELO

1.100kg de Raça
Leite e Carcaça.

DAX-S



NIL / HSComunicação (11) 3872.6042 / 5017.5977

40 lotes
FÊMEAS ELITE

04 lotes
MACHOS ESPECIAIS

TRADIÇÃO DE QUALIDADE
22 maio 2004

Sábado - 19h (NOVO HORÁRIO)

Tattersal do Parque de Exposições Getúlio Vargas
durante a 61ª Expo Curvelo-MG

Antônio Ernesto de Salvo e Convidados

REALIZAÇÃO



**FAZENDA
CANOAS**

(38) 9987.0660
9105.9892 / 3722.1133
(31) 3344.6009

TRANSMISSÃO

RURAL

LANCES

(71) 347.8186

CADASTRO

(71) 347.8186 / (31) 3771.7311

TV A CABO OU SKY

Parabólica Pol. Horiz. 6171 Mhz
Banda L 980 Mhz



SEMPRE PRESENTE



PATROCINADORES



LEILOEIRA



(71) 347.8186 / (71) 347.8186
(71) 347.8186 / (71) 347.8186

S O C I A L



Adriano Rúbio, José Olavo Borges Mendes, Ângelus Cruz Figueira e Raysildo Lobo.



Joãozinho Andrade, com Dr. Delsique e Dr. Francisco Sales



José Manoel Fernandes Diogo Jr, um dos compradores do Leilão, ao lado de Beto Neszlinger



Flávio Eduardo da Silva Andrade, um dos compradores do Leilão ao lado de Roberto Neszlinger



Felipe Cavalcanti, novo criador adquirindo genética da Barra



Uma das últimas fotografias do saudoso Rômulo Kardec, com Jadir Bison, da revista Agropecuária Tropical



Beto Neszlinger e Renato Esteves



Adriano Varela, Roberto Neszlinger, Jorian Mathias e Geraldo Mello



Toda a simpatia do Sr Carlos Amaral e família



Hebert, Beto, Léo e Rodrigo Canabrava

S O C I A L



O maior comprador do Leilão, Sr Celso Mendonça, ao lado de Roberto Neszlinger



Sr Vitor Carrão (Presidente do Núcleo de Criadores de Guzerá do Rio de Janeiro) e esposa



Roberto, Luiz Teixeira e esposa



Nova parceria formada no 3º Leilão Guzerá da Barra, Sr José Manoel Fernandes Diogo Jr e Dr Otávio Alberto A C Correa



Um dos maiores conhecedores da raça Guzerá, Sr Haroldo Fontenelle, trocando informações com Roberto Neszlinger



Roberto Neszlinger ao lado do Sr Edson Falchi Teixeira, um dos compradores do Leilão



Sr Jorian Mathias e Roberto / Neszlinger



Roberto Neszlinger, e os compradores da grande estrela Guz da Barra Copa TE, Paulo Emilio e Marcos de Almeida



Roberto e Beto Neszlinger

Por favor, não “ajudem” a agricultura

Polan Lacki

Em apenas 12 anos, a agricultura brasileira duplicou a sua produção de grãos, passando de 58 para 115 milhões de toneladas por ano; adicionalmente, obteve significativos aumentos na produção e exportação de outros bens agrícolas e pecuários. Sem anúncios nem celebrações, o agronegócio assumiu o papel de “locomotiva” da economia brasileira, que está dando uma enorme ajuda na solução dos problemas nacionais. E, diga-se de passagem, isto aconteceu graças à iniciativa e ao esforço dos próprios agricultores, os quais conquistaram este êxito com mínima ajuda governamental.

Nesses mesmos 12 anos, os governos não formularam macro-políticas de apoio ao desenvolvimento da agricultura, não fizeram grandes investimentos em infra-estruturas de estradas, portos e armazenagem, não instituíram o desejado seguro agrícola e reduziram o montante do crédito rural oficial.

Privatizaram as rodovias e instituíram pedágios que oneraram os custos de produção e de distribuição das colheitas. Não concederam subsídios aos nossos produtores e não adotaram importantes medidas tarifárias de proteção contra a importação de produtos agrícolas do estrangeiro.

Nesse período, algo similar ocorreu no âmbito externo: o FMI, a OMC e o Banco Mundial não modificaram as suas políticas em relação à agricultura, os preços dos nossos produtos de exportação nem sempre foram favoráveis, os países ricos continuaram subsidiando fortemente os seus agricultores e impondo crescentes restrições, tarifárias e não tarifárias, à importação dos nossos produtos exportáveis.



A contradição - Em resumo, nesses 12 anos não foi adotada - nem interna nem externamente - nenhuma das medidas clássicas que propunham e continuam propondo muitos especialistas em desenvolvimento agrícola e líderes rurais. E, apesar de todas essas adversidades, reais ou imaginárias, a produção de grãos duplicou.

Essa contradição entre a inércia dos governos e o êxito da agricultura é tão surpreendente e importante que não pode ser ignorada nem sequer subestimada. Ela denuncia que, em muitos casos, as antigas “receitas” e as frondosas burocracias públicas encarregadas de executá-las foram um gigantesco desperdício de recursos e um rotundo fracasso. Enquanto elas estavam vigentes, em vez de estimular as iniciativas dos agricultores e promover o desenvolvimento do setor agropecuário, produziram um efeito contrário. Esta contradição exige que façamos um sério questionamento às propostas convencionais de desenvolvimento agrícola; esta contradição está demonstrando que estavam equivocados tanto os que reivindicavam como os que formulavam certas políticas de apoio à agricultura; estas, em certos casos, ajudaram muito mais a alimentar um Estado autôfago que a solucionar os problemas concretos dos agricultores e do setor agropecuário.

A mencionada contradição também nos impõe a seguinte pergunta concreta e objetivamente, a que se deveu esta duplicação da produção se os governos - por ação ou por omissão - fizeram exatamente o con-

trário do que propunham os “especialistas” e “líderes” rurais?

Deveu-se principalmente ao seguinte fator: uma minoria de agricultores, mais lúcida e progressista, se cansou das reivindicações utópicas dos seus próprios líderes, das propostas inviáveis formuladas por pseudo especialistas em desenvolvimento agrícola e da ineficiência do Estado. Esta minoria, que com certeza não chega a 10% dos produtores rurais, foi a que, em grande medida, contribuiu à duplicação aqui descrita. Esta minoria decidiu ignorar a retórica populista/demagógica/paternalista e tomar, em suas próprias mãos, a correção das ineficiências do agronegócio, fazendo-o dentro das suas propriedades e, em certos casos, organizando-se para fazê-lo fora das porteiras das mesmas. Os agricultores que protagonizaram esta “revolução” produtiva foram merecidamente premiados com um grande êxito econômico; não porque as políticas tenham sido favoráveis ou porque os governos tenham sido generosos na injeção de recursos à agricultura, mas sim porque eles se tornaram mais eficientes. No entanto, ainda não podemos entusiasmar-nos com este êxito, porque ele é muito parcial e excludente.

Vitória parcial - É parcial porque os agricultores que já atingiram essa maior eficiência ainda podem tornar-se muito mais eficientes e, consequentemente, muito mais bem sucedidos na atividade agrícola. Para isto necessitam executar uma segunda etapa de inovações, cuja concretização, a exemplo do que ocorreu na eta-



pa anterior, também depende muito mais deles mesmos que dos seus respectivos governos. Nesta segunda etapa, necessitarão: aumentar ainda mais os seus rendimentos por unidade de terra e de animal, diversificar a produção para reduzir a dependência do crédito rural e para evitar riscos desnecessários, diminuir perdas durante e depois da colheita, melhorar a qualidade dos seus produtos e incorporar-lhes valor, racionalizar a administração das suas propriedades para eliminar superdimensionamentos e ociosidades nelas existentes e, especialmente, corrigir os erros que eles continuam cometendo tanto na aquisição dos insumos como na comercialização dos seus excedentes.

Se eles executarem esta segunda etapa, atingirão a denominada eficiência total ou integral, que é o único "passaporte" capaz de assegurar-lhes rentabilidade e competitividade; os que o fizerem terão crescente êxito econômico na agricultura, independente do que façam ou deixem de fazer os governos dos países ricos, os organismos internacionais e os governos brasileiros, federal, estaduais e municipais.

Vitória excludente - É excludente porque os outros 90% de agricultores, muito mais por falta de conhecimentos que de decisões políticas, ainda são vítimas de desatualizados

"especialistas e líderes" rurais, que continuam iludindo-os com obsoletas, utópicas e ineficazes ajudas paternalistas e mantendo-os no círculo vicioso da ineficiência, da dependência e da pobreza rural. Tais "especialistas" e "líderes" continuam propondo que os agricultores mendiguem créditos que não conseguirão devolver e cestas básicas que apenas alimentarão o seu sentimento de incapacidade; em vez de recomendar-lhes que exijam dos seus governos uma educação rural de qualidade que ensine, a eles e aos seus filhos, os conhecimentos úteis, as aptidões e as atitudes que necessitam adquirir para que eles também possam fazer algo similar ao que fizeram os agricultores inovadores; e, através desta medida realista, tornem-se menos dependentes de um Estado que, sejamos realistas, está cada vez mais debilitado, empobrecido e inoperante.

A raiz da miopia - Definitivamente, a má qualidade e a disfuncionalidade do nosso sistema educativo rural (escolas fundamentais rurais, escolas agrotécnicas, faculdades de ciências agrárias e serviços de extensão rural) é a causa mais profunda da pobreza e do subdesenvolvimento rural. Os seus conteúdos curriculares e os seus métodos de ensino deverão ser submetidos a uma radical transformação de realismo, de objetividade, de pragmatismo e de adequação às verdadeiras necessidades das famílias rurais. Os referidos conteúdos deverão ser úteis para que sejam

aplicáveis, pelos próprios educandos, na correção das ineficiências e na solução dos problemas que eles enfrentam na vida cotidiana dos seus lares, propriedades, comunidades e mercados rurais. Depois que isto ocorrer, os atuais excluídos saberão construir a sua inclusão ao mundo da eficiência e da prosperidade.

E, para concluir, a seguinte reflexão: proporcionar aos agricultores os conhecimentos necessários para que eles mesmos possam resolver os seus problemas é a solução de maior eficácia e de menor custo; e, por que não dizê-lo, para os governos debilitados e empobrecidos este é o único caminho possível para que o desenvolvimento rural com equidade deixe de ser um enunciado de boas intenções e passe a ser uma possibilidade concreta.

Na Internet mencionada no final estão incluídos vários artigos que: I)- demonstram que os próprios agricultores, se possuírem os conhecimentos necessários, poderiam solucionar os seus problemas com mínima dependência da ajuda estatal; e II)- indicam quais são as medidas tecnológicas, gerenciais e organizacionais que eles poderiam adotar para construir a sua emancipação. Estes artigos também poderão ser enviados gratuitamente aos interessados que dirigirem as suas solicitações ao seguinte endereço eletrônico: E-mail: Polan.Lacki@uol.com.br / Internet: <http://www.polanlacki.hpg.com.br/>

Panorama

Brasil perde 42 milhões de sacas de soja

O nível tecnológico é alto, mas o produtor brasileiro perde muita soja na colheita. O levantamento anual feito pela Embrapa aponta desperdício de 4,2% da soja colhida, na safra 2003/2004. O Brasil cultiva cerca de 21 milhões de hectares e em cada hectare ficam, em média, duas sacas no chão. Considerando estes números, nesta safra, serão perdidas aproximadamente 42 milhões de sacas de soja. Isso equivale a cerca de R\$ 2 bilhões, se cada saca for vendida a R\$ 48,85. "O aspecto preocupante é que a perda tolerável é de apenas 0,75 saca/ha, o que indica que serão irremediavelmente perdidas cerca de 1,25 sacas/ha", calcula o pesquisa-



dor Nilton Pereira da Costa, da Embrapa Soja (Londrina-PR).

Agora, a Embrapa Soja, desenvolveu um kit contra o desperdício, formado por um copo volumétrico para avaliar as perdas e um manual de utilização da tecnologia. Os produtores de Cambé, no norte do Paraná, são o exemplo de que é possível acabar com o desperdício de soja. Nesta região do Paraná, a perda média é de 0,46 sacas por hectare. Há 12 anos, perdiam, em média, 2,4 sacas por hectare. "O monitoramento da colheita permitiu que eles reduzissem o desperdício de soja em 521%", calcula o extensionista da Emater-PR, Alcides Bodnar.



Asbia informa: só 5-7% de inseminação

O mercado cresceu em 2003, 5,61% em relação a 2002, sendo que a evolução de sêmen nacional e importado foi de 10,70% e -8,11% respectivamente. Considerando a evolução de 1999 a 2003 temos uma evolução de 34,21% de vendas totais, 91,72% e -32,01% de nacional e importado respectivamente.

Isso, em parte, porque muitas empresas optaram por importar alguns touros realizando as coletas no Brasil. Desta forma o sêmen destes reprodutores deixa de ser contabilizado como importado tornando-se nacional.

Informou-se também que apenas 5 a 7% das fêmeas em idade reprodutiva são inseminadas no Brasil. Estes dados são aproximados, pois o levantamento do rebanho brasileiro é estimado.

O presidente Heverardo informou que a ASBIA tem como meta dobrar a utilização da inseminação no Brasil em 3 anos. Ele ressalta que esta meta não é uma previsão de crescimento, mas sim um desafio que só será conseguido com muito esforço e participação de todos os associados.

Você sabia...?

... que frutas, em grande quantidade, engordam tanto quanto outros alimentos? Pensar que frutas não engordam é um mito.

Sabatina

- Qual o nome científico do boi?

O nome científico do gado bovino é "*Bos taurus*" que se divide em "*Bos taurus taurus*" (gado europeu) e "*Bos taurus indicus*" (gado Zebu). Existem muitas variedades dentro desses três tipos, cada uma com seu nome científico.

Você sabia...?

... que um ovolactovegetariano é uma pessoa que não come carnes mas permite ovos, frutas, legumes, grãos, leite e derivados?

Você sabia...?

... que, além do "pum", também o arrotos dos bovinos preocupa os ecologistas? O arrotos libera gás metano, proveniente da fermentação anaeróbica da celulose contida nos alimentos, que se processa no rúmen do animal. Com isso, os ruminantes responderiam por 80 milhões de toneladas (41%) do total de gás metano emitido nas áreas agrícolas do mundo. Isso é um problema sério, pois esse gás é um dos elementos que funcionam como um "cobertor" para a superfície da Terra. Aumentar o número de gases, é o mesmo que aumentar o número de "cobertores".

Frase

"Clientes podem demitir todos de uma empresa, do alto executivo para o baixo, simplesmente gastando seu dinheiro em algum outro lugar". (Sam Walton)

CFM: notável produtora de leite

Nos últimos anos, a CFM realizou muitos investimentos na área de leite, como a implantação de uma nova sala de ordenha, que possibilitou a ampliação do número de vacas ordenhadas. "Produzimos um gado rústico, voltado ao bom desempenho em manejo simplificado e nossa produtividade é sempre crescente. Em 2003 trabalhamos com média de 888 vacas em lactação e tivemos uma produção diária de 11.700 litros por dia. As lactações foram superiores a 4,5 mil litros por vaca e a produção foi fechada em 4.311.000 litros de leite. Esses números são excelentes levando-se em conta que passamos por um período de estiagem muito maior que o previsto. Com esses números, somos, de fato, o maior programa de leite a pasto do país", afirma Luis Adriano Teixeira, coordenador de pecuária da CFM.

● O fim da vaca-louca

Doença degenerativa contagiosa que destrói o sistema nervoso do gado, a doença da vaca-louca - ou Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) - já atingiu 200 mil vacas na Europa. Não existe cura e a EEB é fatal ao homem: acredita-se que pelo menos 125 pessoas tenham morrido pela ingestão de carne contaminada.

Finalmente, surge um teste eficaz para a doença da vaca-louca. Ele pode identificar a infecção antes do surgimento dos sintomas - e em muito menos tempo que os métodos atuais. O exame, desenvolvido na Universidade da Califórnia em São Francisco, identifica as proteínas deformadas que criam massas de células que impedem o bom funcionamento dos nervos e provocam a morte das células cerebrais. Atualmente, em estudos na Europa, o exame foi preciso na identificação das proteínas causadoras da doença.

● Bispos desafiados

Os bispos atacaram: "A Amazônia é um patrimônio da humanidade. A posse dessa imensa área pelos países como Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru e Equador é meramente circunstancial". Isso foi dito no Conselho Mundial de Igrejas Cristãs, reunidas em Genebra, 1992. É bom não esquecer.

● Amazônia sem dono

A Biopirataria ameaça: a Amazônia está mesmo sem dono, sem uma fiscalização rigorosa. Cientistas estrangeiros enviam para o exterior todo tipo de material genético da floresta. O Smithsonian Institute mantém convênio há 20 anos com o Inpa-Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas e afirma que 600 espécies podem produzir óleo úteis para o mundo, 25 mil tipos de plantas são usados em medicamentos (1998), o país importou 23.700 amostras e exportou só 276. Na verdade, o Brasil concentra 22% das plantas do mundo mas não tem lei para protegê-las. O Japão detém mais de 90% das patentes de produtos amazônicos!



Opinião:

A AFTOSA SEM EXPLICAÇÃO

A Aftosa que conheço no Rio Grande do Norte é puramente política. Regulada com um peso e duas medidas. Por um lado o Estado é conhecido mundialmente como exportador de frutas, camarões e lagostas, para a Europa, e por outro a nossa Genética de Guzerá, de Ovinos e de Caprinos está impedida de participar de eventos a nível nacional. Como entender isso? Para exportar carne bovina do Centro-Oeste foi aberto até um "corredor neutro" para abafar a aftosa, mas - no Nordeste - tantos governadores jamais se reuniram para exigir a libertação dessa imensa região que, ao invés de estímulo, recebe mais essa punição? A Aftosa não devia ser tratada como matéria política, no Nordeste.

*Jorian Matias
Agropecuarista e selecionador*

Balancim fixo revoluciona cercas

A Belgo Bekaert está lançando o balancim Belgo Fixo, conhecido também como trama, espaçador ou distanciador. É um acessório para manter constantes os espaçamentos entre os fios das cercas de arame farpado e liso. Além de evitar fugas e ferimentos nos animais e trazer maior durabilidade à cerca, o Belgo Fixo reduz 30% dos cus-



tos com mão-de-obra e material nas cercas de arame farpado e 25% nas de arame liso.

Aparentemente simples, mas resultado de alta tecnologia, o balancim fixo foi desenvolvido após uma ampla pesquisa junto aos produtores rurais e uma avaliação dos balancins hoje disponíveis. Adapta-se a todos os tipos de arames farpados e lisos. Fabricado em arame com galvanização pesada (três vezes mais zinco que os arames comuns), apresenta maior vida útil sobre os distanciadores de madeira, aderência aos fios da cerca muito superior aos balancins tradicionais. Carga de ruptura (resistência mecânica): superior a 700 quilos. Dispensa o uso de ferramentas na instalação. É facilmente tirado e recolocado. É comercializado em feixes de 400 peças (peso total 12,7 quilos), no comprimento de 80 cm e bitola 2,54 mm (*Informações: 0800-7272000*)

zão pesada (três vezes mais zinco que os arames comuns), apresenta maior vida útil sobre os distanciadores de madeira, aderência aos fios da cerca muito superior aos balancins tradicionais. Carga de ruptura (resistência mecânica): superior a 700 quilos. Dispensa o uso de ferramentas na instalação. É facilmente tirado e recolocado. É comercializado em feixes de 400 peças (peso total 12,7 quilos), no comprimento de 80 cm e bitola 2,54 mm (*Informações: 0800-7272000*)

Ditado sertanejo

Chifre banana... boi gordo.

Você sabia...?

... que o leite reduz a placa dentária em 13%? É o alimento "número um".

Sabatina

Qual o prejuízo da mastite?

Além do aspecto sanitário, cabe lembrar que um quarto com mastite produz 42% a menos que o normal oposto.

Você sabia...?

...que existem 4 árvores que vivem 30 milhões de anos, no Brasil? Trata-se da Metasequoia, doadas e plantadas por japoneses, em Belo Horizonte, junto do Palácio da Liberdade, também na Câmara Municipal, na Assembléia Legislativa e no Clube Minas Tênis II. Estava considerada extinta até 1941, mas foram encontradas na região de Sichuan Giang, na China. Hoje, uma Metasequoia de 20 metros de altura está no jardim do Palácio Imperial japonês, presente do arqueólogo MacArthur ao imperador Hirohito.

Você sabia...?

... que, se toda a economia brasileira fosse agrária, no final do ano o país teria produzido um superávit de 21 bilhões de dólares na balança comercial? O Brasil seria um grande exportador como a Itália ou a Coreia do Sul.

Frutos do Agronegócio

Entre 1990 e 2003, a expansão das áreas plantadas no país foi de 23,3%, em detrimento de áreas de pastagens. No entanto, os ganhos de escala, a diversificação de culturas e o avanço tecnológico permitiram um crescimento da produtividade de 125% na agropecuária, de acordo com o Ministério da Agricultura. O país vai se transformando num grande produtor e exportador mundial de alimentos. Em 2004, serão colhidas 130 milhões de toneladas de grãos, 5,9% acima da safra de 2003. O agronegócio já responde por 33,8% do PIB (Produto Interno Bruto) do país, 37% do emprego e 44% das exportações. O setor tem apresentado superávit comercial crescente, acima de US\$ 25 bilhões. Literalmente, o agronegócio salva a balança comercial.

Poderia ser melhor, mas o setor ainda sofre com as precariedades da infra-estrutura, sobretudo em transporte e armazenagem. No caso da soja, por exemplo, enquanto o produto americano era comercializado a US\$ 1.056,10, a mesma quantidade brasileira recebia US\$ 935,75 por ineficiência na estrutura logística de exportação. Há muito a fazer, desde a melhoria das estradas à modernização de portos. Será preciso também enfrentar a questão da saída para o Pacífico, onde se encontram grandes mercados, como a China, que comprou US\$ 2 bilhões de soja brasileira em 2003. Esta "saída" está encravada há mais de uma década, por pressão geopolítica internacional.

FAZENDA DAS FLORES

Aloysio de Paula Penna

Av. Pedro II, 811 - Centro
CURVELO - MG

**Mais carne em
menos tempo**

Fone: (38) 3721-1359

Sucessor de Cristiano e Mercedes de Paula Penna.

FAZENDA Serra Caiada

Serra Caiada - RN



Kleber de Carvalho Bezerra

*Criação e seleção de Guzerá
desde 1978*

kcb@digl.com.br

(84) 234-5135 / 234-5506

FAZENDA BEBEDOURO

Vanderlan José Álvares

Guzerá VAN - desde 1983

Venda permanente de machos e fêmeas PO e PC

Av. Pará, 101 - Centro - Caixa Postal - 31
Iporá - GO - CEP: 76200-000

Fone: (64) 674-1360 - Oeste Caixa

Veterinário: Dr. Honório José Álvares Neto
(64) 674-1308

Guzerá JA

Fazenda Canaã - Boa Sorte - Cantagalo - RJ

Fones: (22) 2553-1112 - (21) 2285-5276

E-mail: guzeraja@uol.com.br

jaguzera@uol.com.br

Site: www.ja-guzera-ja.com.br

108 anos de seleção

NERO TE JA

• Campeão Touro Jovem
em Cordeiro

O Rio de Janeiro continua lindo...
O Guzerá do Rio continua dando
MUITO leite...

VASSOURA JA

- Produção Média: 29,240 kg
- Expo. Governador Valadares - 2003
- Campeã do concurso Leiteiro

RANCHARIA JA

- Produção Média: 21,267 kg
- Produção em um dia: 22,050 kg

Visite o Rio !
Visite o Guzerá JA

Feno e Educação: O fim da fome

Lourenço Paz de Sena

*"Fome é não ter direito de ver seu filho brincar,
dar-lhe em vez de brinquedo, cana para ele amarrar.
Mas isso não é culpa sua, é dos homens da rua,
nos quais lhe mandam votar".*

Segundo um verso da poesia "O sobrenome da fome" encontrado no Almanaque do Pequeno produtor, 1991: *"fome não é só querer comer, fome é toda a miséria que arranca o teu prazer; fome é não ter estudo, pa-decer e morrer sambudo, sem vestir e sem lazer"*.

Como nos alimentamos de plantas e animais, a fome dos animais faz parte da fome do homem. Os responsáveis pelo destino do povo nordestino ainda não se preocuparam, ainda não levaram a sério o desenvolvimento de técnicas alternativas suficientes para contornar problemas consequentes das secas prolongadas. Técnicas como fenação, silagem e plantio de forrageiras arbustivas e arbóreas em consórcio com o capim. Além da algarobeira e da leucena, deve-se dar atenção também ao melhoramento e aproveitamento das forrageiras nativas. O calumbi, por exemplo, é considerado uma planta invasora, devido aos seus acúleos, (espinhos), mas nenhum criador de bode será capaz de discordar da sua importância para a caprinocultura. Poderia-se fazer experiências com sementes coletadas em plantas recessivas inermes (sem espinhos). Outras plantas nativas como a jurema e o gererê também poderiam contribuir para a integração da caprinocultura com a apicultura, duas atividades agropecuárias de vital importância para a sobrevivência dos pequenos produtores.

O sisal é outra planta que merece estudo como planta forrageira. As roças de sisal velho não devem ser exterminadas, mas raleadas para a consorciação com capim, leucena e outras plantas forrageiras.

A mucilagem (resíduo do desfibramento do sisal) é importante como ração para bovinos e ovinos. Pode ser ensilada ou consumida fresca. Os caprinos dão preferência às folhas e aos brotos do sisal. E quem habita no semi-árido não pode desprezar estes importantes recursos.

Devido ao baixo preço das fibras, a mucilagem pode vir a ser vista como produto principal. Pode-se utilizar máquinas de desfibramento para a produção de mucilagem para ração. Devido ao elevado teor de celulose e lignina das fibras, deve-se ter o cuidado de remover a bucha do resíduo, com um garfo de jardinagem, ou peneira apropriada, para evitar acidentes durante o trato gastrointestinal, com a obstrução dos estômagos dos ruminantes.

Segundo Nonato Marques em seu livro *"Pessoas, Plantas e Animais"*, o resíduo do sisal tem aproximadamente a seguinte composição:

Fósforo: (P O)	0,32 %
Cálcio: (CaO) ⁵	6,40 %
Magnésio	1,87 %
Proteínas	4,40 %
Celulose	27,50 %

Outro quadro no mesmo livro mostra resultados de outras análises como o que é mostrado abaixo, com as seguintes porcentagens:

Umidade	12,19 %
Proteína	9,19 %
Extratos não nitrogenados	39,90 %
Fibra	19,78 %
Resíduo mineral	16,70 %



Com base nestas análises, podemos interpolar o teor protéico da mucilagem do sisal entre 10 e 27%. Outras análises poderiam ser realizadas para melhor avaliação.

Estas técnicas precisam ser mostradas aos sertanejos, desde o ensino básico, nas cartilhas, em cartilhas para adultos, no estilo de literatura de cordel, que é facilmente entendida pelos rurícolas, e mostradas na prática em fazendas-modelo que poderão ser criadas pelas prefeituras com o apoio técnico de empresas de extensão rural. A melhor maneira de se aprender fazer é vendo fazer e não só ouvindo. E o nosso sertanejo não tem nem mesmo a oportunidade de ouvir conselhos úteis. Está faltando dirigentes com capacidade gerencial e vontade política para mudar essa mentalidade estática.

Como fazer - Muitos agricultores já tem a experiência de aproveitar o resto do roçado, a palha do milho, do feijão e outras culturas para alimentar seus animais nos períodos de estiagem. O feno é quase isso, só que praticado com alguns cuidados para que este alimento não perca muito o seu poder nutritivo. É fácil fazer feno, basta apenas cortar as plantas, depois desidratar (secar) e guardar.

O corte deve ser feito de acordo com a planta. O milho é cortado acima da espiga, deixando o restante para adubar a terra. As folhas da mandioca devem ser tiradas com a mão. O caule também pode ser aproveitado,



desde que o produtor disponha de uma máquina picadora. As raízes também poder ser picadas e fenadas. O capim elefante deve ser cortado rente ao chão.

As plantas destinadas à fenação não devem ser cortadas em dias de chuva ou de céu nublado. A desidratação deve ser feita com a planta no sol, e dura dois ou três dias. Não se deve guardar as folhas nem a palha úmida, porque nessa condição ocorrerão a fermentação e o mofo. Não se deve deixar secar demais para evitar a perda das vitaminas.

Deve se armazenar em forma de fardos. Quanto mais apertados forem os fardos, melhor será a conservação dos mesmos. Deve-se guardá-los em galpões ou em jiraus cobertos com lona. O importante é protegê-lo da chuva, do sol e do vento.

Um feno de boa qualidade tem cheiro agradável, cor verde-clara e não se quebra com facilidade. Na secagem, deve se ter o cuidado de revirá-lo duas ou três vezes ao dia. Para saber se o feno atingiu o ponto ideal de umidade, deve-se torcer um pequeno feixe nas mãos. Se ele voltar vagarosamente à posição anterior, sem se quebrar ou desprender água, está pronto para ser guardado.

A melhor época para se fazer o feno, é no final do inverno, porque as plantas ainda estão verdes e com boa qualidade nutritiva. Deve se utilizar o feno para melhorar a alimentação dos animais fracos, e dos que estão em lactação, ou em gestação, perto de parir.

Em outras palavras, a fenação é a técnica de armazenar a energia fotossintética, absorvida pelas plantas para a manutenção dos herbívoros quando o pasto estiver esgotado. Não basta apenas fazer açudes, é preciso ensinar a fazer pastos e a armazenar o produto da pastagem. Não basta matar a sede, é preciso também matar a fome.

Chegando lá - O físico Albert Einstein definiu a matéria, como sendo a energia condensada. Os povos antigos adoravam o sol porque perceberam que sem o sol não seria possível a existência dos seres vivos na terra. A pobreza do homem do semi-árido não deve ser atribuída às secas, mas à ignorância, à falta de visão para a adaptação do currículo das escolas do 1º grau à sócio-economia regional. De se mostrar às crianças sertanejas os problemas que as esperam, e se mostrar em linguagem simples, que nenhum problema é complexo, e que para cada problema há uma solução simples, prática e econômica. A criança aprende mais vendo o que os adultos fazem do que escutando o que eles dizem. É preciso que os políticos façam menos discurso, e passem para a prática, que deixem de enganar os iletrados com trios elétricos e cachaça, a versão real do pensamento perverso de que o povo gosta de pão e circo. Isso é uma consequência da falta de conscientização, da perversa manipulação. O povo gosta de festa, mas a prioridade é o pão, a saúde e a educação.

Seria necessário a criação de cartilhas com temas rurais para as crianças dos municípios de economia agropecuária, com textos e títulos sugestivos como este "*o Feno é o fim da Fome*", em vez de frases fora da realidade de cada região. Este trabalho poderia ser elaborado por grupos multifuncionais compostos por técnicos agrícolas, agrônomos, zootecnistas, veterinários e pedagogos.

Quando tivermos governantes que reconheçam que a seca não é a única e nem a principal causadora da fome e da pobreza do sertanejo, quando tivermos quem reconheça que o problema mais grave do homem do semi-árido é a ignorância, quando os demagogos e corruptos sentirem vergonha de tirarem proveito da ignorância e da seca para ganharem eleições e para o enriquecimento ilícito, em poucos anos a ignorância será banida, as secas serão controladas e o

sertanejo terá oportunidade de mostrar realmente que é antes de tudo um forte, como disse Euclides da Cunha.

A ignorância do povo é proveitosa para muitos políticos vigaristas. As secas são uma chuva para a horta deles. Com as secas, rios de dinheiro são avariados pelos ventos da corrupção e se represam em suas contas secretas e em bens adquiridos em nome de parentes e amigos e outras safadezas de muitos desonestos que não representam o eleitor manipulado.

Acabar com a ignorância é a solução mais fácil para se controlar as secas e superar as suas consequências. A seletividade social pelo estudo, é outro fator que dificulta a minimização da desigualdade social. A má qualidade do ensino público, é um recurso para manter o eleitor alienado e votando no homem errado. Há também o problema do eleitor corrupto procurando por candidato honesto. Aquele que engana a si mesmo, vendendo o seu voto por alguma barganha ou favor em época eleitoral, mergulhando a si e a toda a sua comunidade em posteriores anos de sofrimento e atraso. Quando homens menos desconfiáveis são eleitos, os grandes ladrões fazem o possível para dificultar o trabalho dos menos desonestos, para os desmoralizarem diante do povo, e depois retornarem como os salvadores da pátria.

Educação é um processo de dar condições ao homem para desenvolver o raciocínio, e solucionar os seus problemas. A educação direcionada para as economias regionais, poderá melhorar a qualidade de vida do povo sertanejo, ensinando-o a melhor aproveitar os recursos que a natureza põe a sua disposição, e que não são aproveitados pela falta de formação técnica compatível. A educação não é um investimento perdido. O indivíduo melhor educado é mais produtivo, e contribuirá para reduzir até mesmo os gastos decorrentes da explosão demográfica, mas isso só não basta; é preciso investir na melhor distribuição de renda, e na estruturação de políticas familiares. Fortalecer a família é melhor do que corrigir os danos decorrentes da sua fragilidade. O bem estar da família é o bem estar da sociedade. Se a família vai bem, a sociedade vai bem. Em uma família bem estruturada, projetam-se pessoas bem estruturadas.

Lourenço Paz de Sena
lpsema@uol.com.br

Lagoa da Xarqueada

Guzerá desde 1939



Flamboyant da Xarqueada

JPE 3624

04-12-2000

Rubi da Xarqueada x Babilônia da Xarqueada



Horácio da Xarqueada

JPE 3842

30-11-2002

Naab 5 x Cubana da Xarqueada



Delta da Xarqueada

JPE 3395

04-06-1998

Jaguarão da Xarqueada x Sapeca da Xarqueada





Galante da Xarqueada

JPE 3731

01-121-2001

Perseu da Xarqueada X Cubana da Xarqueada



Fortuna da Xarqueada

JPE 3626

10-12-2000

Alan da Xarqueada X Resina da xarqueada



Florisbela da Xarqueada

JPE 3620

27-11-2000

Perseu da Xarqueada X Queluz da Xarqueada

Ione Filgueiras Epifhânio

BR 040 - km 528 - Felixlândia / MG
Fone: (38) 3753-1310 / 3753-1341 / 3753-2044



Vagabundo? Nem tanto...

O fazendeiro estava aperreado porque tinha que pesar o gado e não ia poder ir até a loja ver algumas ferramentas. Chamou Zequinha, o mais preguiçoso dos empregados e deu o recado:

- Zequinha, você pega o cavalo e vai até a cidade. Vai anotar os preços de picaretas, enxadões e outras coisas que estão aqui na lista.

O vaqueiro montou e fez poeira pela estrada, pois gostava mesmo é de ficar zoando para cima e para baixo, sem hora de chegada.

Já na loja, ficou andando, boné virado para trás, cara de quem não quer nada com a vida. Ao lado, empregados passavam correndo, carregando, ensacando, embrulhando. A loja estava um inferno, negócio de doido. Lá no fundo, o novo gerente vociferando:

- Mais depressa, ajeite ali, conserte aqui, pregue lá, arrume a prateleira, encha a vitrine, acerte o preço acolá. Vamos trabalhar, já, já.

Lá pelas tantas, o gerente, que mal conhecia os quase vinte empregados, percebeu o Zequinha com aquele olhar de sonso. Encarou feio, mas Zequinha fugiu da encarada. O gerente raivoso não gostou, esticou o pescoço e voltou a encarar. De novo, Zequinha percebeu e, antes que a fera conseguisse explodir, já se escondeu atrás da prateleira.

O gerente foi se esquentando. Tentou mais duas ou três vezes, mas o Zequinha era esperto, percebeu a perseguição e ia escapulindo como podia. Afinal, patrão e gerente era tudo igual, sempre querendo puxar o pé dos empregados.

De repente, eis o touro furioso bem na frente de Zequinha, que arregalou os olhos, sem ter para onde fugir.

- Venha todo mundo aqui - gritou o patrão. Logo estava cheio de empregados, para ver a explosão nos costados do pobre Zequinha.

- Nós temos que ter uma filosofia de trabalho. Ninguém pode se encostar nos outros. Aqui é uma família, to-

dos trabalham, todos ganham. Os vagabundos não têm vez nessa empresa.

Virou para Zequinha e foi duro:

- E você, rapaz, quanto ganha por mês?

Zequinha, meio sem jeito:

- Salário. Duzentos e quarenta.

O raivoso, todo satisfeito:

falar qualquer coisa, mas o vozeirão foi medonho:

- A-go-ra. A-go-ra. Já, já, já. Fora! Nem um minuto mais!

Zequinha pegou aquela granada, olhou, olhou, não sabia o que fazer. Se devolvesse ia ser um papalão, o homem ia ficar mais furioso ainda, na frente dos empregados. Então



- Estão vendo. Ganha duzentos e quarenta e fica encostado no bem-bom. Não quer nada com o serviço. Então, aqui não tem lugar para ele.

Zequinha fez beicinho, não sabia nem o que falar e nem se devia falar. Abaixou a cabeça, porque antigamente aprendeu a respeitar gente de peso maior. O gigante furioso meteu a mão no bolso, orgulhosamente, e espinafrou.

- Pois aqui estão seus duzentos e quarenta desse mês. Não precisa nem terminar o dia. Pode cair fora, agora.

Zequinha arregalou os olhos, ia

meteu no bolso e tratou de cair fora correndo, mais ligeiro que cachorro sob pedrada.

Capítulo encerrado, o patrão suspirou - como se tivesse escoraçado um gato vadio. Olhou o pessoal, por cima, e apostrofou:

- Alguém sabe quem era esse vagabundo?

Os olhos se cruzaram, ninguém dizia nada, a pergunta estava no ar. Até que uma vizinha saiu lá de trás bem desmilinguida.

- É o Zequinha. É vaqueiro lá da Fazenda Santa Maria. Trabalha aqui não!

Fazenda Sgarapês

Guzerá JF



ACAUÃ JF

Cassino JF X Bicicleta JF
Peso: 780Kg

Lactação com 305 dias: 3.742 Kg

Campeã do torneio leiteiro
em Paracatu, com produção
média de 24,5Kg por dia.

Campeã do torneio leiteiro
em Gov.Valadares, com produção
média de 24,8Kg por dia.

À VENDA
NO II LEILÃO GUZERA
DUPLO PROVADO
DIA 10 DE JULHO
GOV. VALADARES



REBECA JF

Besouro Roes X Biba S
Idade: 8 meses

Peso: 310Kg

Biba S encerrou
uma lactação de
3.500Kg de leite

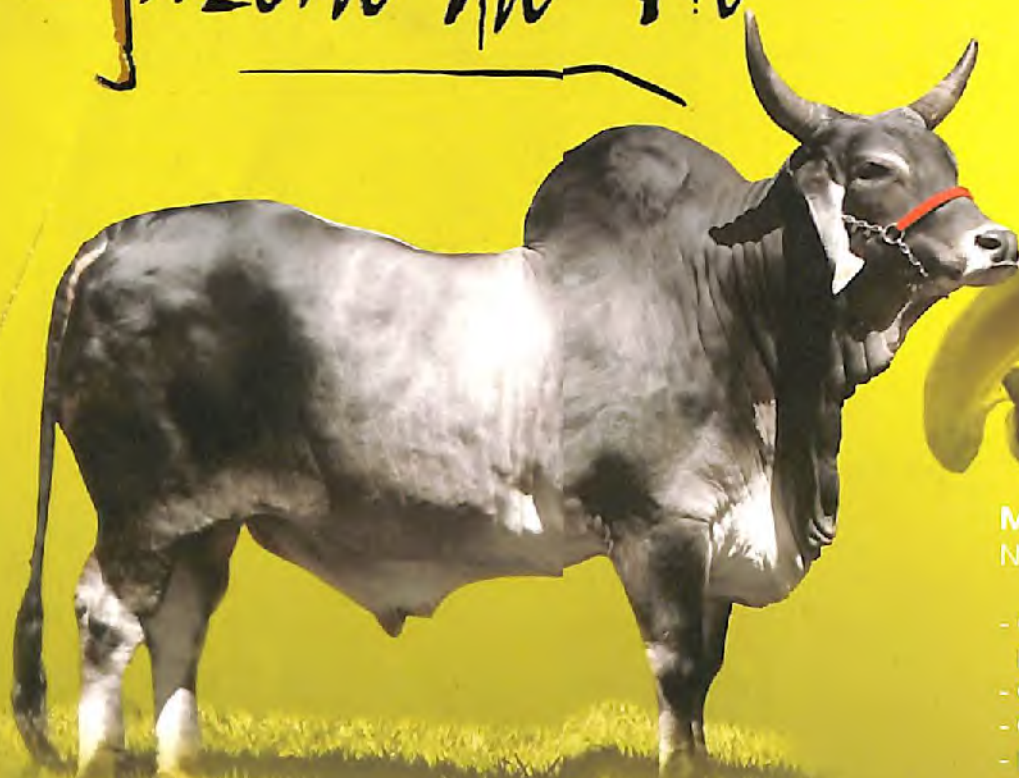
À VENDA
NO II LEILÃO GUZERA
DUPLO PROVADO
DIA 10 DE JULHO
GOV. VALADARES



José T. Figueiredo

Av. Frei Arcangelo, 1139 - Itambacuri/MG
Tel.: (33) 3799-3454 (33) 9102-9202

Guzerã da Vic



MABROUK DA VIC - (15/01/02)
Namuli-S x Caçapava II-S

- Campeão Nacional Júnior Menor, Expozebu Uberaba - 2003
- Campeão Júnior Menor, Curvelo - 2003
- Grande Campeão, Gov. Valadares - 2003
- Res. Gde. Campeão, Brasília - 2003
- Grande Campeão, Bauru - 2003
- Campeão Júnior Maior, Fenagro - 2003

TALEBAN TE DA VIC - (16/08/01)
Marquês-AM x Manacá-S

- Campeão Nacional Júnior Maior, Expozebu Uberaba - 2003
- Campeão Júnior Maior, Curvelo - 2003
- Reserv. Grande Campeão, Gov. Valadares - 2003
- Grande Campeão, Brasília - 2003
- Campeão Touro Jovem, Bauru - 2003
- Grande Campeão, Fenagro, Salvador - 2003

Maria Victória Bolívar Gomes

MG - Telefone: (38) 3721-5461 (Fazenda)
Bernardo Guimarães, 2.172 - Tele-FAX - (31) 3337-5805 / Cel. 9984-0200
Curvelo - 350-00000-00
Em Belo Horizonte, - CEP: 30140-081 - Fone: 3333-3333
guzeradavic@waymail.com.br